LAMPIÃO da esquina

ANO 3 Nº 26

Rio de Janeiro, julho de 1980 — CR$ 30,00

Leitura para maiores de 18 anos

A IGREJA E O HOMOSSEXUALISMO

(20 anos de repressão)

RICHETTI AGE EM S. PAULO, E PADILHA VOLTA AO RIO

BICHINHAS SONHANDO COM O PODER

O CONGRESSO MULHER FLUMINENSE

Bichinhas sonhando com o poder

Um fato que me deixou cismado, quando em maio do ano passado estive em Roma, foi o estreito relacionamento entre os homossexuais do grupo "Fuori" e o Partido Radical. Visitei-os em sua sede (conforme narrei no Lampião nº 15) e constatei surpreso que o endereço era o mesmo do Partido, sendo depois informado que este lhes havia cedido uma sala para reunião dentro do seu diretório central. Até aí tudo bem — ótimo mesmo que tenham recebido isto assim de graça, porque mesmo se cotizando, talvez não obtivessem o suficiente para um aluguel e demais despesas. Porém... até que ponto eles não estariam sendo indiretamente cobrados, e a sua integridade, como grupo autônomo comprometida?

A resposta veio de imediato porque, embora batêssemos papo, o pessoal do grupo se mantinha ocupadíssimo preparando uma série de faixas e cartazes contra a energia nuclear, para um comício organizado pelo partido. Percebi então que uma série de tarefas estavam entregues ao setor homossexual, desde pintar essas faixas até colar cartazes em muros, pichar paredes, distribuir panfletos, levantar estandartes em passeatas e defender tanto razões humanísticas como exclusivamente político-partidárias. E tudo isto, tenho certeza, eles o faziam e fazem felizes e plenos do mais patriótico altruísmo.

Tudo bem mas... e a luta homossexual, propriamente dita? É verdade que em todas essas passeatas do Partido eles se identificam como homossexuais através de cartazes onde sua sexualidade está documentada: "Os homossexuais do Partido Radical protestam, etc., etc." — mas isto não prova que as discussões e reivindicações sobre sexualidade, e mais particularmente sobre **essa sexualidade específica**, entrem no temário do Partido. Creio até que nem sobra tempo aos próprios homossexuais para dialogar sobre a sua identificação sexual enquanto grupo. Quando indaguei se tal participação ativamente político-partidária não seria prejudicial a eles ou, numa outra hipótese, se ela não absorveria a prioridade que, logicamente, a política sexual deveria ter para o grupo, obtive uma resposta conformista:" O Radical foi o único partido a nos aceitar como grupo".

Ora, isto não significa objetivamente que o Partido esteja isento de preconceitos. Comprova apenas que, sendo novo e numericamente pequeno, necessita congregar adeptos, **mesmo que estes sejam os homossexuais**: mais uma jogada pela conquista do poder, como qualquer outra — e para a qual eles estão resultando utilíssimos. (Sem que eu ponha em dúvida a honestidade do Partido Radical Italiano, entenda-se bem). O resultado dessa adesão (ou aceitação) tem se feito sentir: o emblema do Radical é novo, como o partido, e usa como símbolo uma mão fechada segurando uma flor. Ora! É claro que isso é idéia de bicha! Homem, mesmo sendo artista, vai pensar em meter florzinha em partido político? Graças também ao poder congregador das "checcas" (leia-se kêkas = bichas) e lésbicas do "Fuori", o partido vem crescendo bastante, numericamente.

Volto um pouco atrás para levantar outra dúvida: eles não tiveram outra opção, uma vez que os demais partidos não os aceitaram. Mas o certo será ter uma ideologia, ou apenas adotá-la pelo fato de que ela nos aceita? Quero crer que, no caso italiano, houve coincidência ideológica e não apenas acerto político, senão seria o fim, pôcha!

Já generalizando, ocorre-me um teste que gostaria de fazer em relação à fidelidade de um partido político ao adotar os homos (como grupo constituído e autônomo). Seria o seguinte: bichas e lésbicas saem às ruas protestando pelos interesses gerais do partido, lado a lado aos demais militantes. As razões seriam, digamos, tanto as lutas interpartidárias como interesses gerais (carestia de vida, energia nuclear, etc.). Não estou esquecendo de considerar que estes problemas atingem também os homossexuais. Muito bem. Porém, no caso de uma manifestação específica em defesa da sexualidade homossexual, será que a maioria hetero do partido empunharia bandeiras e sairia gritando pelas ruas, lado a lado com as bichas e lésbicas? Duvido!

Não culpo os deputados meus companheiros de batalha — quero mesmo crer que tiveram razões particulares muito fortes para não comparecer; mas mesmo que não houvesse ainda os desculpo, porque conforme constatei por experiência pessoal, não tem buraco inferior que não aperte, num momento desses. Estou considerando igualmente o possível desprestígio público que pode acarretar uma aparição do gênero e nessas circunstâncias precárias. É preciso considerar também, sem empolgamentos e paixões, que tal tipo de luta, seja em defesa de prostitutas e travestis contra a repressão policial, seja em defesa do homossexualismo em geral, em termos políticos e populares significa uma luta menor, ingrata para os políticos e maldita para todos nós porque estigmatiza. Para o povo, preocupado com prioridades como a fome, a injustiça social, etc., continuamos sendo, apesar de politicamente organizados (?), os mesmos viados, travestis, bichas e sapatões que eles aprenderam a desdenhar desde crianças.

Para a luta homossexual, temos que aceitar, é lógico, todos os elementos que espontaneamente nos ofereçam, mas sem sermos subservientes e sem que percamos a autonomia e a prioridade.

Tive prova disto há poucos dias quando realizamos o ato público em defesa das prostitutas e travestis, nas escadarias do Teatro Municipal de S. Paulo. Nenhum dos vários políticos que estão trabalhando conosco nessa causa apareceu. Não pretendo, nem de longe negar a dedicação deles a esta luta: eles têm sido importantíssimos na providência das ações legais, na apresentação de denúncias na Câmara e no Senado, além de conceder entrevistas à televisão e jornais. O seu apoio, mesmo que só fosse honorífico, já seria de grande importância. Mas o duro mesmo (reconheço porque passei pela experiência), o verdadeiro "pega pra capar" é enfrentar o público de rua, numa passeata, ou participar de um ato público, discursando aos berros, com uma multidão desconhecida pela frente.

Existe atualmente um complexo de culpa dos intelectuais de esquerda em relação ao proletariado, demonstrado na forma como se imiscuem na luta operária, como que tentando desculpar-se ou punir-se por serem intelectuais e não operários. "A luta maior é tão premente que pode prescindir da cultura" — isto dito a grosso modo; mas ao mesmo tempo eles não deixam de teorizar, tentando explicar com idéias culturadas e colonizantes aprendidas em livros, a luta para superar aquelas necessidades simples e naturais, num mundo consumista como o nosso, o que não é só ideal/proletário, mas de todas pessoas de média ambição: poder pensar no que queira, comer bem, morar com conforto, desfrutar de assistência médica e escolar, possuir carro (mesmo que seja só para passear aos domingos), televisão a cores, geladeira, lavadeira elétrica e até um terreno cativo no cemitério. Esta é a verdadeira política, a política da vida digna e mediana — tudo o mais, vamos dizer o que é verdade, é a eterna luta pela conquista do poder.

Bem, não tem muito a ver, mas me parece que em relação ao homossexual a atuação da política partidária sofre mais ou menos o mesmo processo de absorção, só que em outra empostação: não é propriamente o poder aquilo que atrai o homossexual (não mais, pelo menos, que a qualquer ser humano), mas uma forma de possível afirmação pessoal, num setor de atividade que normalmente lhe é negado. Vamos ver se consigo me explicar: ora, é sabido que, via de regra, os partidos políticos são redutos de masculinidade (para não dizer de machismo), em que as mulheres, por maior atividade que tenham dentro deles, estão sempre relegadas ao plano secundário, isto é, da subserviência ao homem, ao macho. (Não me citem por favor a Ivete Vargas, que por inúmeras razões não serve de exemplo).

O homossexual, por tradição social e pelo próprio estigma que a sociedade lhe impôs durante séculos, por mais que esteja conscientizado sobre a própria sexualidade, tem remotos desejos de supremacia política, o que sempre foi delegado aos machos. Então, já pelo fato de permitirem que ele participe de um partido político onde a sua sexualidade não precisa ser escamoteada, e principalmente se dentro dele conseguir demonstrar uma boa atividade política (portanto, **mas-culina**), que ele se esforçará para cumprir melhor que os heteros, esse homo sentir-se-á o vencedor de uma batalha de muitos séculos — mesmo que isto lhe custe o sacrifício parcial, ou mesmo total da sua luta sexual específica.

O sectarismo político também pode ser uma forma de realização pessoal tão satisfatória para um homossexual como o é para um hetero igualmente sectário. Com maior facilidade, creio, o homossexual relegará a plano secundário a própria sexualidade, na mesma proporção em que se fanatizará politicamente. De escanteio ele ganhará ainda a afirmação de **macho**, que nessas alturas já não tem diretamente a ver com a sua sexualidade "diversa", mas sim com a estigmatização social anterior. Bem, nesse ponto a tal luta específica já rolou pela ribanceira abaixo. Mas... e as lésbiscas politizadas, como é que ficam nisto tudo? Juro que não sei. Ah!, por favor, me dêem tempo pra pensar, pô.

(**Darcy Penteado**)

Uma mulher contra as mordomias

Depois de Marly Soares, mais uma mulher vem a público enfrentar o arbítrio das chamadas autoridades deste país. Trata-se de Lia Junqueira, Presidente do Movimento em Defesa do Menor, que tem sistematicamente denunciado tanto o tratamento sofrido pelos menores carentes quanto as mordomias de funcionários da FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor, S. Paulo). Considerando-se o geral abandono em que se encontram essas crianças depositadas em verdadeiros campos de concentração, é de se perguntar para onde vai o dinheiro (40.000,00 mensais por cabeça) &que o Estado afirma destinar a essa instituição. Graças às suas denúncias, Lia Junqueira está atualmente sofrendo processo por "calúnia, injúria e difamação", movido pelo presidente da FEBEM, por seu diretor técnico (que é também delegado da polícia) e por seu diretor administrativo, com o evidente respaldo do governador Maluf. Além disso, Lia Junqueira tem recebido ameaças telefônicas e corre o risco de ser enquadra na Lei de Segurança Nacional, acusada de criticar organismos do governo, com objetivos subversivos (-!) e não profissionais __ ela que há oito anos vem trabalhando com menores abandonados e labutou para a criação do Movimento em Defesa do Menor. Consciente das arbitrariedades sofridas por quem enfrenta a corrupção e o autoritarismo neste país, o jornal LAMPIÃO vem apresentar sua solidariedade e apoio à luta valorosa de Lia Junqueira. A verdade é que, enquanto pessoas como ela sofrem perseguição, permite-se que os Lutfalla, Michel Frank, Dan Martim Brum, Doca Street et caterva gozem de privilégios. Será este um país sério?

Queridos leitores

Infelizmente não dá mais pra segurar: no próximo número a gente vai ter que aumentar o preço do jornal, que passará a custar Cr$ 40,00. Com isso a gente adere ao "tratamento de choque" preconizado pelo Ministro Delfim e seus imediatos para a economia brasileira, mas o que fazer? Nos últimos seis meses os custos de impressão, papel, fotolitos, etc., aumentaram para nós em mais de 70%; e, de tanto a gente fazer força pra não aumentar o preço, LAMPIÃO acabou sendo o jornal nanico mais barato, atualmente, nas bancas.

De qualquer modo, pra quem quiser pagar esse aumento, ainda resta uma esperança: basta fazer uma assinatura do jornal, que, até fins de julho, continuará custando Cr$ 360,00 (em agosto a assinatura também aumenta: vai para Cr$ 450,00). Segundo Rafaela Mambaba, não é tão caro assim: "Por Cr$ 40,00", diz ela, "não se toma nem dois chopes". Vocês concordam?

Conselho Editorial — **Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.**

Coordenador de Edição — **Aguinaldo Silva**

Colaboradores — **Leila Míccolis, Rubem Confete, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho e Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Alburquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí);.**

Correspondentes — **Fràn Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulvia (Barcelona); Ricardo e Hector (Madri); Addy (Londres); Celestino (Paris); Anton Leicht e Nestor Perkal (Frankfurt).**

Fotos — **Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro, Cyntia Martins (Rio); Cris Calix e Fanny, Dimas Schitni (São Paulo) e Arquivo.**

Arte — **Dimitri Ribeiro (coordenador), Nelson Souto (Diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hildebrando de Castro, José Carlos Mendes, Hartur e Levi.**

Arte Final — **Antônio Carlos Moreira**

Publicidade — **César Augusto de Almeida Campos**

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina __ Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001 __ 30; Inscrição Estadual, 81.547.113.

Endereço — **Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20400, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ.**

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S.A. __ Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — Rio: **Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67)**; São Paulo: **Paulino Carcanheti**; Salvador: **Livraria Literarte**; Florianópolis e Joinville: **Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.**; Belo Horizonte: **Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.**; Porto Alegre: **Coojornal** Curitiba: **J. Chignone e Cia Ltda.**; Vitória: **Angelo V. Zurlo**; Campos: **R.S. Santana**; Jundiaí: **Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.**; Campinas: **Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.**; Ribeirão Preto: **Centro Acadêmico de Filosofia**; Juiz de Fora: **Ercole Caruso & Cia. Ltda.**; Brasília: **Anazir Vieira da Silva**, Goiânia: **Agrício Braga & Cia. Ltda.**; Recife: **Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.**; Fortaleza: **Orbras __ Organização Brasileira de Serviços Ltda.**

Assinatura anual (doze números): Cr$ 360,00. Números atrasados: Cr$ 40,00. Assinatura para o Exterior: US$ 25,00.

A Igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão

Por Guy Ménard

As campanhas anti-homossexuais, como a de Anita Bryant, desencadeadas em nome da moral cristã; uma nova condenação do homossexualismo pelo Vaticano, há alguns anos e mais recentemente, e bem próximo de nós a recusa da C.E.C.M de alugar suas salas a organizações gueis, em nome da doutrina católica: tantos exemplos (e poderíamos encontrar outros) que parecem mostrar que a religião, e especialmente a tradição cristã, continua sendo um poderoso obstáculo para o movimento de libertação homossexual.

Claro, muitas lésbicas e bichas não se espantarão com isso. Afinal, a religião não foi sempre um dos principais fatores de opressão de que são vítimas há séculos os homossexuais no Ocidente judaico-cristão? No máximo, essa Igreja que antes mandava os homossexuais para o fogo do inferno (passando pelo da fogueira...), ter-se-ia "civilizado" um pouco: ontem, ela abandonava os homossexuais "irrecuperáveis" ao "braço secular" dos torturadores e carrascos. Hoje, ela se contenta em os colocar nas mãos de psiquiatras ("desde que eles não eduquem nossos filhos, não se reúnam em nossas salas e não se pretendam normais...").

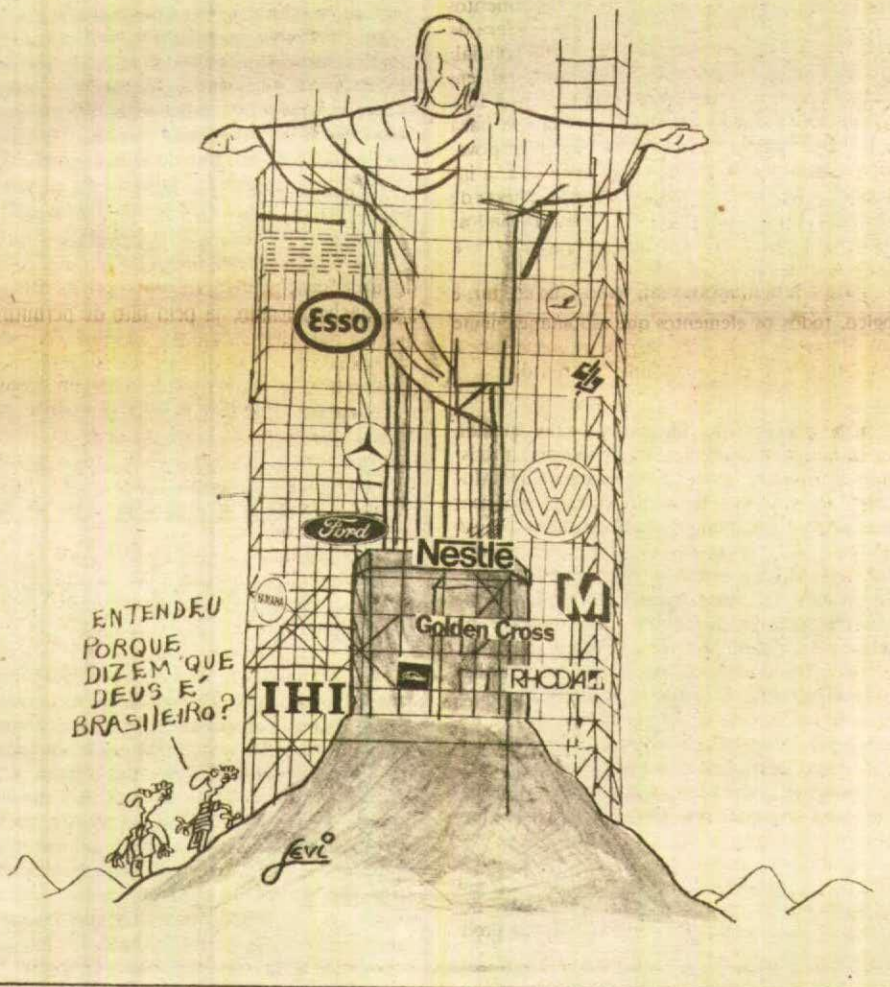
Aqueles que acreditavam estar vivendo uma época mias "liberal", onde mesmo a religião estaria tentando se "rejuvenescer" (o Concílio, as missas com música profana, os padres abertos), estão hoje surpresos de ver importantes setores do mundo cristão endurecer a favor de atitudes que se acreditava ultrapassadas. (Jovens Canadenses por uma Civilização Cristã, campanhas de "pais católicos", movimentos para atrair jovens para toda a espécie de experiências religiosas bem tradicionais, etc.) E muitos, no fundo, que acreditavam que Deus estava morto e bem morto, vêem-se obrigados hoje a admitir que, talvez, Ele estivesse apenas em coma. Mas também, se esse é mesmo o caos, talvez seja importante saber em que mãos Ele se arrisca de cair ao acordar.

Só o impacto da religião cristã através da história sobre milhões de homossexuais e lésbicas justificaria sem dúvida um dossiê sobre o tema numa publicação como esta. Mas está em jogo muito mais do que uma simples curiosidade histórica, por mais legítima que seja. Para milhões de homens e mulheres homossexuais, hoje ainda, mesmo entre aqueles que abandonaram qualquer referência religiosa, a cultura judaico-cristã continua sendo uma **herança** de que ninguém se desembaraça com uma simples mudança de atitude. Ainda presente tanto na cultura como no inconsciente coletivo da nossa sociedade, tal realidade interessa, conseqüentemente, ao mundo do homossexual e ao movimeno guei. Como dizia um malicioso: É preciso conhecê-la muito bem, no mínimo para impedir que cause danos.

Mas há outra coisa. Para as lésbicas e os homossexuais que crêem — e são milhares — essa questão é ainda mais imediatamente vital. Muitos entre eles permanecem de fato mais divididos, no mais profundo deles mesmos, entre seu desejo homossexual e aquilo que acreditam ser as exigências de sua fé. Torna-se particularmente importante, para esses homens e mulheres, uma tomada de consciência quanto a que um número cada vez maior de cristãos gueis, hoje, recusa-se se deixar prender nesse gênero de dilema, acreditando que a única maneira para eles de serem autenticamente cristãos é a de aceitar e viver o mais humanamente possível seu desejo homossexual.

O dossiê sobre o homossexualismo e a religião que **Le Berdache** apresenta hoje não pretende evidentemente "exaurir" uma questão tão vasta e complexa. (Algumas sugestões bibliográficas serão aliás apresentadas aos leitores que desejarem se aprofundar um pouco mais no assunto.) Encontraremos aqui uma breve apresentação das principais atitudes atualmente em evidência no mundo cristão em relação ao homossexualismo. Será abordada a seguir a questão de saber até que ponto a própria Bíblia apóia a hostilidade que a tradição judaico-cristã manifestou quase sempre em relação à realidade homossexual. Seguir-se-ão outros textos significativos sobre as perspectivas da atualidade.

e se o tempo das fogueiras tivesse passado...

Este dossiê, "A Igreja e o Homossexualismo", foi publicado originalmente na revista canadense **Le Berdache** Nº 4 (outubro de 1979), da Associação para os Direitos da Comunidade Guei de Quebec. **Lampião** deseja agradeccer aos editores de **Le Berdache** (palavra que significa bicha na língua dos índios canadenses) pela licença de publicação do documento. Os leitores de **Lampião** interessados em obter mais detalhes sobre a valente publicação irmã podem escrever (em francês ou em inglês) para **Le Berdache** C.P. 36, Succ C, Montréal, Québec, H21 4J7, Canada. (O tradutor do dossiê é Francisco Bittencourt.)

Uma Posição Clássica e Rígida

Em fins de 1975 o Vaticano publicou uma "Declaração sobre algumas questões de ética sexual" na qual reafirmava claramente uma posição muito severa em relação ao homossexualismo. "Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos desprovidos de sua regra essencial e indispensável. Subscrevendo uma certa interpretação da Bíblia (ver a parte do Dossiê sobre o assunto), o texto prossegue: "as relações homossexuais são condenadas pela Santa Escritura como depravações graves (...)". Assim, "os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados e (...) não podem em nenhum caso receber aprovação (...)". (Foi esta mesma argumentação que retomou o arcebispo Paul Gregório, de Montréal, numa carta publicada no **Guide gai du Québec**, de Alain Bouchard). Foi aparentemente também sobre uma afirmação desse gênero que se baseou a C.E.C.M. para se recusar a alugar suas salas para organizações gueis, temendo sem dúvida que uma aceitação fosse interpretada como "aprovação" do homossexualismo (pode-se, aliás, muito bem pensar que uma proporção bastante ampla de "crentes comuns" continua grandemente influenciada por essa visão das coisas.)

Mas algumas pessoas acreditaram ver nesse documento de Roma um sinal de evolução, tímido, sem dúvida, paternalista mesmo, mas talvez significativo. De um lado, é verdade, o documento não condena explicitamente o homossexualismo com a violência do passado e resssalta que, na ação pastoral, os homossexuais devem ser recebidos com compreensão. E por outro lado, fundamentando-se em certas observações das ciências humanas, o texto — pela primeira vez na história do ensino católico — estabelece uma distinção entre homossexualismo transitório (ou acidental) e homossexualismo como tendência profunda, de raiz. As conseqüências possíveis de uma tal distinção permanecem infelizmente inexploradas. Mas talvez ainda seja razoável se espera que, num futuro mais ou menos longínquo, o ensino moral católico leve mais em conta esta importante distinção e passe a reconhecer também que, para um grande número de homens e de mulheres, o homossexualismo é uma condição profunda autêntica, na maioria dos casos imutável e, por assim dizer, "natural". E que, conseqüentemente, esses homens e mulheres não têm por que negar, esconder ou desejar mudar tal orientação, mas antes tentar vivê-la o mais humanamente possível. Fica bem evidente que uma tal visão das coisas ainda está bastante distanciada do ensino oficial atual da Igreja. Compreende-se que tal mudança de atitude em relação ao homossexualismo em particular está à frente de uma evolução muito mais ampla do ensino católico em relação ao conjunto do "dossiê" da sexualidade (que inclui, como se sabe, outras questões muito controversas: contracepção e controle da natalidade, aborto, relações sexuais fora do casamento, o lugar da mulher na Igreja, etc.).

É claro que as atuais posições da Igreja estão longe de serem revolucionárias nesse campo, e isso é o menos que se pode dizer. E no entanto, deve-se notar que houve uma mudança significativa no decorrer dos últimos anos. Sabe-se, de fato, que até há pouco tempo, a procriação aparecia como o único fim essencial da sexualidade e do casamento, segundo os ensinamentos católicos. Depois, ao lado desse "fim primeiro" viu-se surgir o da expressão amorosa e do amparo mútuo dos cônjuges.

Indo ainda mais longe o "Vaticano II" afirmou que esses dois "fins" eram no fundo também "essenciais", tanto um quanto o outro. Por outro lado, sabe-se que a Igreja reconhece a validade das relações sexuais entre cônjuges que, independentemente de sua vontade, não possam ter filhos. É de se esperar desde agora que, na trajetória dessa abertura, se possa um dia vir a reconhecer que a sexualidade pode ser vivida humanamente, sem estar necessariamente ligada à reprodução. O que, concebe-se facilmente, mudaria muito as coisas em relação ao homossexualismo. E certas correntes do pensamento católico atual nos deixam pensar que uma evolução nesse sentido não é absolutamente impossível.

Uma Abertura mais Liberal

Sem nunca contradizer abertamente essa posição "oficial" da Igreja católica, numerosos teólogos criticaram na verdade sua severidade e sua incapacidade para matizar os problemas. Muitos chegaram até a se distanciar bastante do pensamento oficial. Se, com efeito, se considera o conjunto da produção teológica e da prática pastoral atuais dentro da Igreja, percebe-se que as atitudes são muitas vezes — pelo menos um pouco — mais "liberais". Essa "abertura" varia muito, evidentemente, e de acordo com cada caso. Um moralista terminará por admitir as relações homossexuais como um "mal menor", se alguém for verdadeiramente incapaz de mudar sua orientação homossexual ou de se abster. Mas um outro irá até a dizer que as relações homossexuais podem ser vividas de uma maneira moralmente positiva em certos casos.

São relativamente numerosos os teólogos que poderiam ilustrar, em graus diversos, a segunda tendência. Talvez se possa agora criar um lugar à parte para um pensador como Marc Oraison, falecido recentemente, de quem muitos gueis de língua francesa leram provavelmente a obra bastante conhecida sobre **La Question Homosexuelle.** Médico, padre e psicanalista, Oraison surge, na Igreja contemporânea, como um desses pensadores abertos e audaciosos, cuja reflexão contribuiram para desbloquear certas perspectivas tradicionais (principalmente no domínio da sexualidade). Sua posição em relação ao homossexualismo está marcada por muita inteligência, serenidade e simpatia. E no entanto, Oraison continua, apesar de tudo, tributário de uma visão bastante ortodoxa da psicanálise (freudiana), para a qual a homossexualidade continua sendo uma "anomalia" séria (mesmo se pode ser vivida de maneira profundamente humana). Sem necessariamente estar de acordo com todas as conclusões de Oraison, homens e mulheres homossexuais reconhecem no entanto o interesse de sua contribuição para um enfoque novo da questão homossexual.

Claro, uma "abertura desse gênero" não deixa de ter sua ambigüidade e pode talvez se assemelhar à "tolerância" paternalista e ardilosa tantas vezes denunciada pelo movimento guei. De fato, muitos representantes dessa tendência se

> Cortando ao meio o conjunto da tradição uma corrente se recusa a partir do heterossexualismo como único modelo.

colocariam provavelmente ao lado de certos pontos de vista psicológicos segundo os quais o homossexualismo é mais uma "anomalia" (senão uma espécie de doença) do que um "vício" ou um "pecado". De maneira geral, portanto, a maioria desses teólogos se dão conta que na prática e na vida real, é impossível aplicar pura e simplesmente os ensinamentos morais rígidos da Igreja. Apesar das acusações de ambigüidade que alguns poderiam fazer, tal tendência tem pelo menos o interesse de mostrar que uma boa proporção de teólogos católicos de hoje, senão a maioria, não está mais disposta a seguir ao pé da letra a atitude ainda intransigente dos ensinamentos católicos oficiais. Nesse ponto também se poderia notar o sinal de uma evolução significativa.

Atitude Nova e Positiva

Uma terceira categoria agruparia cristãos que, homossexuais ou não, aceitam claramente o homossexualismo como uma forma sadia, boa e "moral" de vivência humana da sexualidade, compatível com uma existência cristã. Tal é o caso, por exemplo, de um certo número de grupos espalhados pelo mundo (Dignity, nos Estados Unidos e no Canadá; David et Jonathan, na França; certos grupos homossexuais da Alemanha e da Holanda, etc. Várias Igrejas protestantes também contam com grupos semelhantes. Ver neste "Dossiê" a declaração de princípios do movimento Dignity).

Cortando ao meio o conjunto da tradição essa corrente se recusa a partir do **heterossexualismo** como norma e único modelo da sexualidade humana. Ela afirma que não somente o homossexualismo não é um "mal" (nem um "mal menor") mas, ao contrário, que tem um lugar e um significado particular no plano de Deus. Os homossexuais e as lésbicas, com efeito, são vistos como tendo uma importante contribuição a dar ao mundo cristão e à sociedade no seu todo. Sua situação e sua experiência lhes dão uma oportunidade especial de contribuir para transformar os papéis sexuais estereotipados e despersonalizantes que a cultura ainda impõe em grande parte aos homens e às mulheres.

De maneira geral, os portadores dessa visão das coisas insistem em dizer que as relações homossexuais, como as heterossexuais, devem ser vividas de maneira "eticamente responsável". Com isso dão destaque aos valores de reciprocidade, de fidelidade, de entrega de si, criticando às vezes severamente certos comportamentos julgados desumanizantes do mundo guei (relações sexuais furtivas, "romances de uma noite", etc.).

Podemos nos perguntar se, apesar da recusa em se alinhar com o heterossexualismo como a única norma da sexualidade humana, muitos representantes dessa corrente não tendem, apesar de tudo, a copiar (sem questionamento) muitos aspectos do modelo heterossexual conjugal tradicional. Isto é, sem necessariamente rejeitar tudo de tal modelo, devemos ao menos nos perguntar se não pode haver outros, que permitam um tipo de vida tão humano (e cristão) como o outro. É evidente, por exemplo, que a exclusividade sexual de um casal ou a indissolubilidade de uma relação amorosa sejam as únicas maneiras de se viver humana e cristamente o amor e a fidelidade?

Isto dito, é preciso reconhecer a importância desse novo enfoque dentro do mundo cristão, ainda que ele permaneça totalmente minoritário. Pode ser, no entanto, que, a longo prazo, sua existência e sua influência levem a importantes transformações nas atitudes da maioria.

Uma Posição Atenta e Respeitosa

Por fim, uma quarta tendência de opiniões parte da constatação (partilhada com o movimento guei) que o homossexualismo, no momento atual, é uma realidade ainda grandemente oprimida e marginalizada.

Como a maioria das minorias que vivem em tais condições, a minoria homossexual teria tendência a manifestar um certo número de atitudes e de comportamentos que provavelmente nem existiriam (ou que em todo o caso seriam bastante diferentes) em um clima isento de opressão. O fato de viver em guetos, por exemplo, ou o de um certo "exibicionismo", etc. Vários representantes do movimento guei têm, aliás, certos comportamentos que a sociedade reprova (e lhes impõem), a ponto de chegar a acreditar que eles devem "ser perdoados por sua existência" (para lembrar o título de uma pequena obra recentemente publicada pelo grupo guei da Universidade Laval.

Antes de fazer um "julgamento moral" sobre uma realidade também "deformada" (em parte) pela opressão, concluem certos teólogos, compreendamos que é preciso primeiro lutar para libertar o mundo guei dessa opressão sob todas as formas. Tal "suspensão" do julgamento moral não é necessariamente o equivalente de um "livre para tudo" irresponsável. Aliás, a verdade é que por meio dos diversos aspectos (pessoais e coletivos) de suas lutas, os homossexuais masculinos e femininos são levados a descobrir uma ética verdadeiramente humana, que se aplica à vida, e que se parece, muito mais do que se pensa, com o que há de mais profundamente humano no Evangelho. Idealmente, claro (infelizmente nem sempre esse é o caso), tal enfoque devia poder contar com a acolhida e a simpatia da Igreja e do mundo cristão inteiro.

Esse enfoque deve também levar em conta que a nova compreensão teológica e pastoral (do homossexualismo) é aquela que os próprios gueis cristãos são os únicos, de certa maneira, capazes de produzir. A reflexão (engajada) das mulheres crentes e dos cristãos do Terceiro Mundo pode contribuir para ampliar uma teologia que ainda é demasiadamente centralizada sobre uma visão masculina e ocidental das coisas; da mesma forma o engajamento e a reflexão dos cristãos gueis podem dar uma contribuição insubstituível a essa teologia, até chegar a uma nova visão cristã das coisas (e, principalmente, do próprio homossexualismo).

Está claro que uma perspectiva desse tipo ainda é muito pouco difundida dentro do mundo cristão. Compreende-se, pois se trata de uma atitude difícil de ser aceita, de uma atitude de busca que exige muita maturidade, da mesma forma que a capacidade de agir sem ter constantemente diante dos olhos regras morais precisas e fixas. Tal dificuldade contudo, não é própria do mundo cristão. É bem fácil constatar que muitos meios à primeira vista "progressistas" não escapam da tentação de reintroduzir (mais ou menos conscientemente) novas ortodoxias e novas morais.

E, no entanto, pode-se perguntar se não é uma tal atitude de abertura e de pesquisa a única capaz de mais fazer avançar positivamente as coisas.

Um Fenômeno Significativo: as "Igrejas Gueis"

É preciso, sem dúvida, colocar em destaque o surgimento, de alguns anos para cá, de igrejas especialmente orientadas para o serviço de cristãos gueis. Nascido nos Estados Unidos, esse fenômeno apareceu a seguir em Quebec (onde existem duas ou três dessas igrejas gueis). Até agora elas se dirigiram a um público sobretudo de fala inglesa (e de tradição protestante), salvo no que diz respeito à igreja católica eucarística (que tem duas paróquias em Quebec: esta igreja acolhe uma população na sua maioria canadense de fala francesa de origem católica romana).

Esse florescimento religioso é algo de bastante complexo. Segundo alguns é o fracasso das igrejas tradicionais, que não conseguem acolher e servir adequadamente seus membros gueis, o que explica em boa parte esse florescimento. Ainda recente entre nós, tal fenômeno não está isento de ambigüidade. Devemos assim, por exemplo, nos perguntar se, a questão homossexual posta à parte, algumas dessas igrejas não reproduzem em outras questões, atitudes semelhantes às das igrejas tradicionais.

O fenômeno das "igrejas gueis" permanece pelo menos muito significativo no que diz respeito aos cristãos gueis, desiludidos de suas respectivas comunidades, e que desejaram criar eles próprios comunidades cristãs capazes de respeitar sua condição homossexual (como muitos outros cristãos, aliás, que abandonaram a Igreja oficial para se entregar ao trabalho em comunidades de base de dimensões mais humanas e talvez, também, mais cristãs).

É tão mais importante permanecer vigilante e crítico em relação a essas igrejas gueis, tanto mais sabemos que elas podem desempenhar um papel valioso para muitos homossexuais de ambos os sexos.

Dignity: Agrupamento de Cristãos Gueis

Publicamos a seguir a "declaração de princípios" do movimento Dignity, que dá a filosofia e as grandes coordenadas desse grupo. Dignity se define como um grupo internacional de católicos homossexuais, homens e mulheres, e de outras pessoas que simpatizam com o mundo guei.

Dignity nasceu na Califórnia, em 1969. Constatando que os católicos gueis recebiam muito pouco de sua igreja quanto aos serviços e à acolhida a que tinham direito, essas pessoas resolveram constituir um grupo com o qual os homossexuais pudessem se identificar e pelo qual poderiam fazer ouvir sua voz diante da Igreja.

Dignity é composto de grupos locais de diversas cidades dos Estados Unidos e do Canadá (sobretudo os de fala inglesa). Há também um grupo em Montreal, mas se dirige principalmente aos gueis de fala inglesa. Além disso, Dignity é associado a outros grupos cristãos na França, Grã-Bretanha, Austrália, Espanha e Suécia. Em algumas das dioceses em que está implantado é acolhido e mesmo encorajado pelas autoridades eclesiásticas, que põem à disposição de seus membros os serviços de um padre ou de um conselheiro pastoral.

Dignity preocupa-se em particular com as questões referentes à vida cristã, à educação e o engajamento social.

Certos críticos do movimento guei censuraram às vezes o caráter demasiado reservado, convencional mesmo, de Dignity. É evidente que, de maneira geral, o movimento Dignity tem tendência para se situar entre as correntes "reformistas" e não entre as correntes mais "radicais" (ou mais "politizadas") do movimento homossexual. Mas não se deve subestimar o impacto de tal movimento sobre a vida de muitas lésbicas e muitas bichas que, em dado momento de sua história, conseguiram vencer um bom pedaço de caminho de sua libertação graças a um grupo desse tipo.

A. Acreditamos que os católicos homossexuais também pertencem ao Corpo Místico de Cristo, que eles têm seu lugar no seio do Povo de Deus. Que nossa dignidade provém de Deus nos ter criado, que Cristo morreu por nós, que o Espírito Santo nos santificou pelo batismo, fazendo de nós seu templo, fazendo que através de nós o amor de Deus se torne visível. É por isso que temos o direito, o privilégio e o dever de participar da vida sacramental da Igreja para nos tornarmos sinais ainda mais eficazes desse amor de Deus no mundo.

B. Temos a convicção de que os homossexuais e as lésbicas podem viver sua sexualidade de uma maneira que esteja de acordo com os ensinamentos de Cristo. Acreditamos no entanto que todo ser humano, qualquer que ele seja, deve viver sua sexualidade de uma maneira eticamente responsável e despida de egoísmo.

C. Como membros de Dignity queremos trabalhar pela causa da comunidade guei. Para tanto, queremos assumir nossas responsabilidades em relação à Igreja, à sociedade, assim como em relação aos católicos gueis.

1. Em Relação à Igreja: é importante particularmente que se trabalhe para elaborar uma teologia da sexualidade mais adequada, e fazer de forma que os homossexuais e as lésbicas sejam aceitos como membros de Cristo na sua totalidade.

2. Em relação à sociedade: trata-se para nós de promover uma maior justiça para o mundo guei através da educação e do aperfeiçoamento das leis.

3. Em relação aos homossexuais e às lésbicas como indivíduos: queremos ajudar aqueles e aquelas a se aceitarem verdadeiramente como são e a tomarem consciência de sua dignidade a fim de que possam assumir um papel ainda mais ativo na Igreja e na sociedade.

D. O movimento Dignity visa unir os católicos gueis a desenvolver entre eles um sentido de liderança. Dignity se vê também como um instrumento suscetível de permitir aos católicos gueis de fazerem ouvir sua voz na Igreja e na sociedade.

Quatro esferas de atividades chamam particularmente nossa atenção: a vida espiritual, a educação, o engajamento social e a vida social em geral.

Uma Experiência com cristãos gueis

Paul Quellet*

Em 1971, quando eu trabalhava na pastoral de uma paróquia de Quebec, conheci um homossexual. Ele me explicou o que era a sua vida e dificuldades em relação à família, o trabalho, à Igreja, e suas esperanças de uma vida melhor. Ficou então decidido, de comum acordo, reunir alguns homossexuais para se ver o que podia ser feito diante de tal situação. O projeto respondia certamente a uma necessidade, já que após alguns meses nascia um primeiro grupo: o Centro Humanitário de Ajuda e Liberação. No início, o grupo selecionou três objetivos: 1) ajudar os homossexuais a se aceitarem; 2) organizar atividades de informação e de encontros com outras pessoas; 3) difundir informações para lutar contra os preconceitos da sociedade.

Assim, sem conhecer o meio guei, fui confrontado com a realidade do homossexual, ligado a homens que viviam essa realidade, e solidário com as esperanças de liberação que surgiram no grupo. Foi grande o caminho percorrido. Em 1971 era muito difícil encontrar um homossexual para participar de um programa de rádio ou de televisão. O número de pessoas dispostas a se arriscar cresceu. Outro sinal de evolução: em 1971, o grupo escreveu "humanitária" em vez de "homossexual", por temor que os pedidos de inscrição não fossem aceitos. Hoje, uma lei proíbe a discriminação por orientação sexual. No entanto, não devemos ter ilusões; nesse ponto, a lei está à frente da mentalidade popular.

Identificado com a Igreja, tive de rapidamente tomar posição sobre diferentes questões de moral e de fé. Muitos homossexuais me perguntaram sobre o seu lugar na Igreja, seus laços com Jesus Cristo. Guiado mais por pesquisas pessoais do que por discussões com amigos homossexuais, cheguei a algumas conclusões. A primeira é que a fé cristã não exige que se tente mudar os homossexuais. O que é preciso é ajudá-los a se aceitarem. Ainda mais, me pareceu claro que era preciso que eu me distanciasse das posições tradicionais veiculadas pela Igreja.

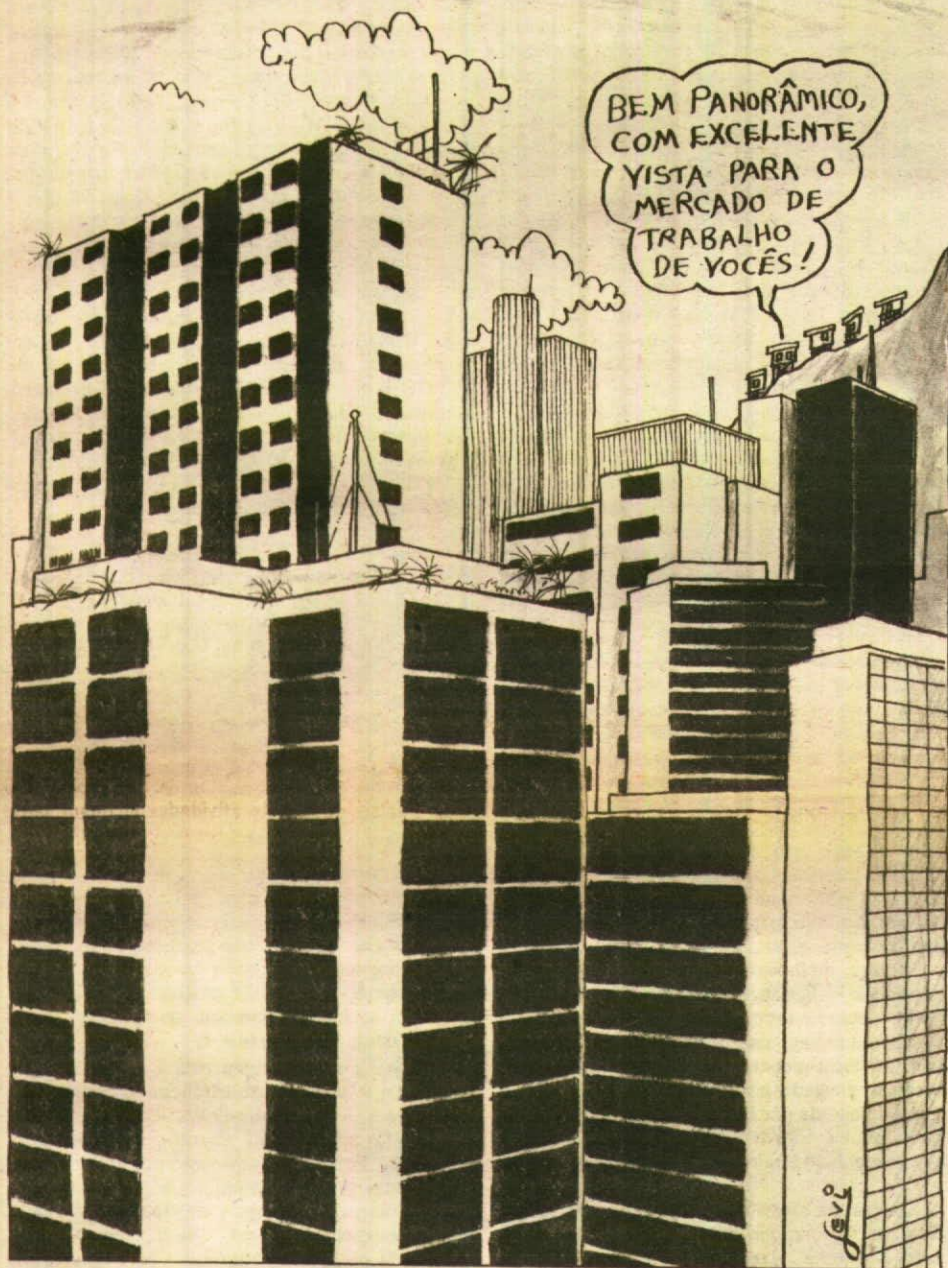
Tradicionalmente, exige-se do homossexual, para que ele esteja ligado a Deus e à Igreja, que se abstenha de qualquer expressão de sua sexualidade. Da minha parte, considero que um homossexual que tem fé em Jesus Cristo pode ser um cristão membro da Igreja. Como todos os outros cristãos heterossexuais ele deve procurar ter um comportamento humano válido em todos os domínios de sua vida, inclusive na sexualidade. Um cristão com uma orientação homossexual pode portanto, na minha opinião, exprimir sua sexualidade. No entanto, todas as formas de expressão sexual em homossexuais (como entre pessoas de orientação heterossexual) não têm o mesmo valor e o mesmo significado. certos comportamentos podem destruir as pessoas em vez de ajudá-las a viver melhor.

É impossível descrever em algumas linhas um comportamento ideal, respondendo às exigências do Evangelho. Vivemos um tempo de busca. Em primeiro lugar é preciso que os homossexuais tenham direito à vida. A seguir, será possível elaborar hipóteses de comportamento mais válidos do que outros. Claro, uma posição desse tipo não dá muita segurança. Os cristãos homossexuais devem portanto tomar sua responsabilidade moral diante de Jesus Cristo e de Deus. Isso é tanto mais necessário tendo em vista que a Igreja oficial atual nada tem a a dizer de muito significativo. Antes de renovar seu discurso ela deverá fazer um sério exame de consciência sobre o peso que depois de tanto tempo vem fazendo os homossexuais carregar. Isso é como dizer que os cristãos homossexuais são colocados diante deles mesmos nessa busca de um comportamento sexual válido.

→

Durante muito tempo ainda encontraremos cristãos (e outros) que consideram os homossexuais como uma praga, verdadeiras encarnações do mal. Essa gente é, em muitos casos, mais guiada pelo medo do que pela fé. Podem perdoar masi facilmente um torturador sul-americano, que age em nome da "civilização cristã", do que um homossexual que tenta simplesmente ser ele mesmo.

Espera-se ardentemente que essa espécie de cristão esteja em vias de desaparecimento. Entre tal atitude rejeição total e a de aceitação plena do homossexual, existe, certamente, a tolerância. Os cristãos que têm essa atitude consideram muitas vezes o homossexual como alguém mais ou menos "normal" (às vezes como "um pobre doente"), de quem se aceita inevitáveis "desvios de comportamento". Claro que tal atitude está longe de ser a ideal, mas, para muitos, como uma primeira etapa, pode ser o caminho para uma aceitação real da personalidade homossexual.

Na minha opinião, os cristãos homossexuais não devem deixar fraquejar sua fé sob pretexto de que a maioria dos cristãos não os compreende, ou que a Igreja oficial continua na retarguarda. Nos tempos que correm, os cristãos homossexuais são os principais responsáveis e os melhores colocados para procurarem viver sua sexualidade da maneira mais humana possível.

A Bíblia e o Homossexualismo

O que diz a Bíblia sobre homossexualismo? Como se explica sua posição? É de fato a Bíblia que condena o homossexualismo ou aqueles que a lêem? Abaixo, algumas tentativas de resposta a essas difíceis perguntas.

A Bíblia e os que a lêem

Aqueles que condenam o homossexualismo em nome da "moral cristã", fazem-no evidentemente tomando a Bíblia por ponto de referência. Como se poderia aprovar tal comportamento que o próprio Deus puniu tão severamente destruindo Sodoma e Gomorra, onde florescia esse "vício contra a natureza". Algumas pessoas não recuam mesmo diante de argumentos de um simplismo aberrante: "Se Deus fosse a favor do homossexualismo, seria Adão e... Ivo que Ele teria criado!" Tais declarações podem enfurecer ou fazer rir. Elas lançam muito pouca luz sobre a maneira real pela qual a Bíblia, a seguir a tradição cristã, se situaram em relação ao homossexualismo, sobre a explicação dessa atitude, sobre as distâncias hoje possíveis a seu respeito.

Abordar essas questões requer certamente algumas precauções: a Bíblia, de fato, é um livro antigo, complexo, que evidentemente não se pode ler como um manual de história ou como um tratado de ciências naturais. Além do mais, a ciência e a consciência modernas nos permitem de reler hoje a Bíblia com "olhos novos" e com as melhores "ferramentas" do conhecimento e da interpretação. Chegou-se assim, por exemplo, a distinguir muito melhor o "núcleo" da mensagem bíblica da "forma" na qual a mensagem se expressa, sendo que essa "forma" está estreitamente ligada a uma cultura muito diferente da nossa.

Uma tal "releitura", tem, entre outras coisas, permitido colocar em questão certas interpretações tradicionais da Bíblia, que, hoje, não podem mais ser sustentadas. A começar pela tristemente célebre narrativa de Sodoma e Gomorra: os especialistas estão cada vez mais de acordo em dizer, nos dias que correm, que esse texto não está centralizado na condenação de práticas homossexuais, mas antes evoca uma grave falta de hospitalidade e de acolhida devidas a forasteiros. Conclusão bastante paradoxal se pensarmos, que durante séculos, esse texto serviu para justificar a falta total de hospitalidade em relação aos homossexuais.

O Velho Testamento e o Homossexualismo

Isso dito, continua verdadeiro que algumas passagens do Velho Testamento condenam bastante claramente as práticas homossexuais entre homens. (No Levítico principalmente, há um documento redigido pelos sacerdotes). A Bíblia, estranhamente à exceção possível de uma frase de São Paulo, nada fala sobre o homossexualismo feminino. Tal fato não pode ser explicado claramente se a Bíblia quis realmente visar o homossexualismo como tal. Por outro lado, fica mais claro a luz de certas realidades do mundo bíblico.

Assim, por exemplo, parece que, para a Bíblia, as práticas homossexuais estavam estreitamente associadas a certos costumes religiosos dos povos vizinhos. Ora, o pequeno povo de Israel, tanto para o bem como para o mal, sempre defendeu ferozmente sua identidade cultural (e religiosa) contra seus poderosos vizinhos. Compreende-se assim que ele tenha reagido violentamente contra as práticas homossexuais (entre outras coisas), identificadas aos costumes dos "pagãos".

Uma outra razão bastante importante parece ter determinado a atitude (negativa) da Bíblia em relação ao homossexualismo. Sabe-se que o povo da Bíblia pertencia a uma sociedade essencialmente patriarcal, onde o status do homem era superior ao da mulher. Nesse gênero de sociedade, o homossexualsimo é quase sempre julgado severamente, na medida em que se concebe este como o fato, para um homem, de tratar um outro homem (ou de ser tratado por ele) "como uma mulher". Compreende-se, claro, que uma sociedade que supervaloriza o status do homem possa ter horror a tais práticas. Como se compreende que o homossexualismo feminino não suscite a mesma hostilidade.

Uma Atitude Compreensível nas Antiga

Temos no entanto que reconhecer que o contexto no qual foram proclamadas tais condenações bíblicas do homossexualismo mudou radicalmente. Este, evidentemente, não está mais ligado a costumes religiosos ameaçadores. Além disso, ele é muito mais concebido hoje como uma condição psico-afetiva profunda e não como uma simples "inversão" do heterossexualismo. Por fim, a menos que se queira absolutamente ligar a fé bíblica a um tipo de sociedade patriarcal, não é evidentemente mais possível continuar condenando o homossexualismo em nome de uma pretensa superioridade do status masculino.

Resumindo, se o homossexualismo pode ser compreendido, a atitude de Velho Testamento em relação a ele é dificilmente defensável hoje em dia, mesmo por aqueles que se referem positivamente à Bíblia.

E São Paulo?

Mas perguntarão, e o Novo Testamento? E São Paulo? Este, grande propagador da fé cristã, não manteve e mesmo reforçou a velha atitude bíblica?

Note-se em primeiro lugar, que também no Novo Testamento não há qualquer excesso de referências ao homossexualismo: nada nos Evangelhos, três passagens nas Epístolas de São Paulo. Nas duas primeiras passagens (I Coríntios 6:9, I Timóteo 1:10) Paulo estabelece "listas de pecadores" que ele reprova severamente: debochados, idólatras, ladrãos, bêbados, assassinos, mercadores de escravos, etc. E nessa lista ele introduz dois termos (gregos) que geralmente foram compreendidos no sentido de práticas homossexuais, embora esse sentido apareça hoje como bastante discutível. A terceira passagem (Romanos 1:26) que parece mais clara, é bastante difícil. Paulo fustiga ali os "pagãos" que se recusam a crer em Deus apesar dos sinais de sua presença (na criação, por exemplo). Para ele, por tal fato, são imperdoáveis. E é por isso, prossegue o texto, que "Deus os entregou às paixões aviltantes: suas mulheres torcaram as relações naturais por relações contra a natureza; os homens também, abandonando suas relações, naturais com a mulher, se inflamaram de desejo uns pelos outros (...)".

Se fica bastante difícil apontar quais são os termos que caracterizam tais práticas. Alguns analistas chegam a sugerir que Paulo tinha em mente sobretudo os homens e mulheres da Roma decadente que, sem serem necessariamente homossexuais, entregavam-se a toda espécie de experiências sexuais (orgias, homossexualismo, bestialimo, etc.); outros viram simplesmente na atitude de Paulo a reação — compreensível numa sensibilidade judia — diante dos costumes do mundo greco-romano. Se foi esse o caso, é no mínimo injusto utilizar tal passagem para condenar todas as formas de homossexualismo.

Mas mesmo admitindo que Paulo não fez todas essas nuanças (e era hostil a qualquer forma de homossexualismo), seria preciso de qualquer maneira perguntar em que medida uma atitude assim não resultou nele mais dos preconceitos do seu tempo do que das exigências do Evangelho. Cada vez menos os cristãos atuais aceitam seguir São Paulo em sua atitude em relação às mulheres, por exemplo, ou na sua relativa tolerância com a escravatura. E isso, sem negar de maneira alguma outros aspectos extremamente válidos (e mesmo, de certos ângulos, "revolucionários") de seu pensamento. Talvez seja de se esperar que seus leitores aprendam a fazer as mesmas nuanças em relação às suas posições sobre o homossexualismo.

Uma Lição Esquecida do Evangelho

Isso dito, torna-se, apesar de tudo, trágico e engraçado ao mesmo tempo ler o texto que segue à passagem lembrada acima e que, estranhamente, é raramente citada. Paulo escreveu: "És portanto imperdoável, tu (o bom "cristão") que julgas, porque ao julgar outro tu te condenas, já que fazes a mesma coisa, tu que julgas..." Nessa passagem, Paulo se entrega diretamente à atitude radical do próprio Cristo ao longo dos Evangelhos: não julgai, porque sereis julgados na mesma medida em que haveis julgado os outros. Só Deus conhece o fundo do coração humano. Quem somos nós para julgar os outros?

Se há uma lição incontornável do Evangelho, tantas vezes esquecida, é bem essa.

À Guisa de Epílogo

Os pequenos dossiês sobre os grandes problemas sempre têm um defeito que é também, quando se pensa, uma verdadeira qualidade: eles nos deixam querendo mais.

O dossiê sobre o tema do homossexualismo e a religião que **Le Berdache** apresentou não escapa dessa regra. De certa maneira, ele apenas esboçou uma realidade que exige estudo muito mais longo. Certos aspectos foram rapidamente lembrados, outros, nem isso. Questões importantes — e muitas vezes fascinantes — continuam sem uma resposta ampla e satisfatória. Como outras tradições religiosas que não a judaico-cristão trataram a questão homossexual? Como explicar esta "obsessão" particular da tradição judaico-cristã em relação à sexualidade em geral e ao homossexualismo em particular? Será possível entrever a elaboração de uma teologia, de uma ética e de uma espiritualidade autenticamente homosexuais e ao mesmo tempo cristãs? Quais seriam suas bases e características? Com que direito se pode afirmar a possibilidade de uma visão cristã positiva da existência guei, quando isso parece ir de encontro a uma tão longa tradição hostil ao homossexualismo? São muitas as questões, e ainda há outras...

De certa maneira é um pouco inevitável que muitas dessas perguntas tenham ficado sem resposta, ou quase. E não apenas por causa das dimensões forçosamente restritas deste dossiê, mas antes porque ainda estamos longe de ter respostas satisfatórias a tais perguntas. A "frustração" relativa resultante de um dossiê desse gênero pode ser extremamente fecunda, desde que suscite discussões e dê o gosto de ir sempre mais longe na busca das respostas.

Algumas Leituras

São cada vez mais freqüentes as obras interessantes, que apresentam enfoques cristãos positivos e novos da realidade homossexual. Infelizmente, quase todas essas obras continuam inéditas em português. Seguem-se alguns títulos em francês e inglês.

— Sagrada Congregação pela Doutrina da Fé — "Déclaration sur certaines questions d'éthique sexuelle". Montreal, Fides, 1976, 220 pp. (Este texto enuncia a posição mais recente do Vaticano sobre o homossexualismo.)

— Marcotte, Marcel, "Homosexualité et morale", série de dois artigos na revista "Relations" (Nº 415, 415, maio de 1976, e Nº 416, junho de 1976).

— Oraison, Marc, "La Question homosexuelle" Paris, Seuil, 1975, 172 p.

— "Dieu les aime tels qu'ils sont", Pastoral para os homossexuais (traduzido do holandês), Paris, Fayard, 1972, 106 pp.

— (Nota: As três últimas obras são significativas de uma certa abertura da teologia católica atual em relação à questão homossexual.)

— Bailey, D.S., "Homosexuality and the Wertern Christian Tradition", Hamden, The Shoe String Press, 1975, 181 pp. Este livro teve sua primeira edição em 1955. Permance até hoje o estudo mais compelto sobre o homossexualismo segundo a Bíblia e a tradição judaico-cristã.

— Macourt, M, "Towards a theology of Gay Liberation", Londres, SCM Press, 1977, 113 pp.

Um jornal italiano denuncia as declarações do Papa

— Ménard, Guy, "Jalons pour une libération gaie", em "Sortir" Montreal, L'Aurore, pp 79-115.

— McNeill, Joch J., "The Church and the Homosexual", Kansas City, Sheed Andrews and McMeel, 1976, 211 pp. Este livro do jesuíta norte-americano é certamente um dos estudos mais completos e mais sérios e mais positivos sobre o homossexualismo numa perspectiva cristã.

— Sanzoni, L e V.R. Molenkott, "Is the Homosexual my Neighbor? Another Christian View", San Francisco, Harper and Row, 1978, pp.

— Woods, Richard, "Another Kind of Love, Homosexuality and Spirituality", Chicago, The Thomas More Press, 1977, 163 pp.

A Editora L'Aurore, de Montreal, publicará em breve um trablho de Guy Ménard, "De Sodome à l'Exode", dentro da perspectiva de uma teologia da liberação homossexual.

NÓS E O PAPA
As Denúncia do FUORI

Não só a posição da Igreja em relação a homossexualidade tem causado o protesto de inúmeros católicos, mas uma série de atitudes reacionárias. De toda parte do mundo pessoas manifestam o seu desapontamento com as atitudes do Vaticano.

As primeiras reações partiram da França quando João Paulo II decidiu não conceder dispensa aos padres que a requereram. Falou-se que o número desses padres chegaria a 7 mil.

Na Holanda, uma das vozes mais expressivas da Conferência Episcopal daquele país, Pe. Edward Schillebeeck, deverá responder processo por suas posições.

O teólogo alemão Hans Kung teve o seu título de professor de teologia cassado. As declarações de João Paulo II nos EUA, bem como sua negativa às mulheres que pleiteavam o direito ao sacerdócio causaram perplexidade.

Tudo isso preocupa o Vaticano, mas segundo um leitor do Jornal italiano "FUORI" a espinha no coração do papa são os homossexuais.

O mesmo jornal "FUORI", publicação bimetral de liberação homossexual, publicou na sua edição de dezembro 1979 artigo intitulado NÓS E O PAPA __ AS DENÚNCIAS DO FUORI. Tal artigo baseava-se na visita que o Papa fizera em outubro aos Estados Unidos e nas suas declarações sobre a homossexualidade. Para os que têm memória curta, numa de suas elocuções em Chicago, João Paulo II disse que os homossexuais são "moralmente desonestos". Suas palavras causaram a reação dos movimentos homossexuais do mundo inteiro, inclusive do italiano que chegou a processar o pontífice. Vamos ao artigo:

"As declarações do Papa João Paulo II em Chicago nos deixaram perplexos. Não porque esperávamos, como muitos leigos que este papa fosse melhor que seus predecessores. O que nos causou espanto foi a decisão do Cardeal Woytila para falar de tal assunto, discutido e sentido não só naquele pais, de maioria protestante, mas sobretudo em todo o mundo católico (observe-se a posição das igrejas dos Paises Baixos).

Nos surpreendeu, ainda, saber que os movimentos homossexuais dos EUA não fizeram nenhuma manifestação. O que não nos causou surpresa foi o silêncio da imprensa italiana sobre os possiveis protestos dos homossexuais americanos. Quando na verdade houve protestos em todas as cidades por onde o papa esteve e discursou. Centenas de homossexuais protestaram contra as declarações de Woytila a exemplo de tantas outras pessoas que discordam dele no que se refere a outros aspectos da doutrina católica.

Todos estes acontecimentos chegaram ao nosso conhecimento porque recebemos informações dos grupos americanos e também porque examinamos atentamente as telefotos da visita publicados pelos jornais italianos. De fato entre os cartazes de saudação ao papa, nas várias cidades por ele visitadas, muitos eram os que pediam explicações ou que o insultavam abertamente.

Isso aconteceu sem que os jornais colocassem uma legenda para explicar o significado das faixas e cartazes, que foram apresentados como manifestação de pessoas devotas que homenageavam o pontifice.

Nós, por outro lado, decidimos denunciar o Papa, como haviamos feito com Paulo VI. As declarações do papa, nos lembramos bem, giraram em torno de moralidade e imoralidade do comportamento sexual, afirmando que a homossexualidade é um comportamento desonesto.

Por ser estrangeiro o papa não pode responder a processo. Toda esta polêmica além de abranger o aspecto teológico, abrange também o aspecto social, interferindo, afinal de contas, nos direitos dos homossexuais. Aguardem e verão se os católicos da Itália não desistirão de uma aproximação com os homossexuais, sejam de que ideologia for, pelo fato de que devem ser considerados desonestos ou pessoas das quais deve-se desconfiar.

No entanto, é de grande importância feita por nós à Comissão dos Direitos do Homem de Estraburgo, onde nos fizemos representar. É importante não pela aceitação, mas pela resposta que recebemos. O secretário da Comissão nos escreveu dizendo não poder ocupar-se da questão porque o Vaticano jamais subscreveu as declarações do direito do homem. Isso não nos parece pouco, considerando que o Vaticano sempre se proclamou em defesa dos direitos da pessoa humana, defendendo a liberdade de todos como uma das garantias fundamentais da convivência humana.

Tal iniciativa teve o apoio de todas as organizações integrantes da IGA (INTERNACIONAL GAY ASSOCIATION) que, exclusivamente, nos delegou poderes para atos posteriores de protesto, uma vez que estamos no pais que "hospeda" o pontifice.

O assunto não se esgota aí. No jornal República, de 31.10.79, foi publicado um artigo do bispo de Ivrea, Don Bettazzi, no qual citou as posições do papa, confirmando-as.

Ora, o papa pode ser mais ou menos intocável, porém o bispo de Ivrea, não. Seja porque ele é cidadão italiano, seja porque é bastante conhecido como integrante da ala do catolicismo italiano "aberta" às questões sociais e posições "progressistas".

Com relação à Igreja as posições continuam as mesmas. Por isso a questão homossexual volta a ser discutida também naqueles grupos cristãos que há anos declararam guerra às posições da Igreja Oficial.

Se quando acusamos Paulo VI, o Vaticano manteve-se em silêncio, desta feita, não. Através de seu órgão oficial, "L'OBSERVATORE ROMANO", a Cúria Vaticana respondeu oficialmente, reafirmando, como era de se esperar, as condenações contra os homossexuais.

Alguma coisa mudou! Sinal dos Tempos?
(Traduzido e adaptado por Antônio Carlos Bella)

Um ex-seminarista fala de sua temporada no inferno

Acontece que o Papa está entre nós, e isso me fez crescer água na boca. Cruz, credo, blasfêmia e heresia, não é nada disso que vocês estão pensando, pô! Simplesmente me lembrei de meus tempos de militante católico e de seminarista. Daí, achei uma boa pensar por escrito e aí vai.

Tradicionalmente católico, minha família nunca foi fanática, nem beata, sempre ficou pela superficialidade do culto, sem imposições dogmáticas. Para além do batismo, e da primeira comunhão e crisma, com a prévia e sacal catequese, nunca fui forçado a nada, em termos de religião. Nem a missa de domingo era obrigatória, eu preferia passar a manhã entre os livros e as dicas do velho Cunha, um alfarrabista livre-pensador, anti-clerical e levemente anarco-sindicalista. Com tudo isto, nunca em minha vida familiar a religião pintou como fator repressivo.

Deus era uma coisa distante, com que eu nada tinha a ver; a Igreja e sua religião, era um folclore social, transa do universo dos adultos. Eu ia ficando pelos Eças e Balzacs, Camilos e Dumas, que me seduziam muitíssimo mais que Teresinha do Menino Jesus ou Maria Goretti. Tudo isso, sendo descoberto à mistura com minha (homo) sexualidade, com a filantrópica ajuda de um primo muito gostoso e que tudo me ensinava, das mil artes da sacanagem. A vida era um barato...

Depois, na virada dos vinte, foi a **voga**, a **macrô**, o **zen-budismo**, e o **do-in** e sei lá o que mais. Por fim, o cristianismo católico, uma tremenda de uma descoberta, exagerada e demagoga, prosélita e panfletária. Eu decidira ser santo, nem mais nem menos: **santo.** E porque nao? Pintou então o **cursilho** e me fiz **De Colores.** Estava consumada a auto-castração: eu me desfizera do (meu) sexo, eu era assexuado.

Guardar castidade, preceito judaico-cristão, se tornará meu ponto de partida, meu pilar central. Tudo o mais viria por acréscimo. Fiquei chatíssimo, ninguém mais me agüentava, os amigos sumiam e fugiam de mim como o diabo da cruz. Nem era para menos: eu virava um babaca.

Os padres me diziam que eu estava exagerando, que o principal era **amar os outros como a mim mesmo**, que fundamental era seguir os rumos modernistas do **Vaticano II**, que o **pecado da carne** não tinha nenhuma importância, se comparado com o **pecado de oprimir social e politicamente**. Comecei a me cansar de tanta politiquice, de tanto falar de fome e desemprego, de pobreza e analfabetismo. Eu queria mesmo era muito incenso e muitos dourados, muitas velas e muitas ladainhas, muitos salmos e muitos hinos bíblicos. Essa modernização, esse tal de **aggiornamento** pregado por João XXIII, essa justiça social defendida por Paulo VI, nada tinham a ver com a minha visão de Catolicismo, aquela mesma que agora João Paulo II retoma, proclama e impõe.

Eu era um alienado por opção, um obscurantista por escolha, um místico por decisão; como leigo, a "minha" Igreja estava me impedindo de o ser. E, de repente, surgiu a **vocação**: padre. É, eu queria ser padre! Nada nem ninguém haveriam de impedir. **Afinal, além do mais, precisava redimir a honra da família, de pecados passados de meus parentes que tinham abandonado o seminário, e, sobretudo, do maior de todos os pecados do clã, ao qual ninguém dava nenhuma importância, para meu horror, e que se convertera, até, numa daquelas estórias que passam de geração em geração, e com certo orgulho; fora da boca de minha avô materna que eu escutara tudo em detalhe: um tio-bisavô tinha sido amante de um bispo, num caso escandaloso que durara mais de quarenta anos e que só a morte conseguira acabar.**

Que tal coisa tivesse acontecido, eu me recusava a acreditar, de fato; mas, como esquecer que minha própria avô garantira ter passado a ler e escrever as cartas de amor que os dois viados trocavam, após a vinda inevitável da senilidade, da esclerose, da doença que levou o tio-bisavô à imobilidade numa cama? Decididamente, precisava salvar a honra da família, não podia pactuar com o cúmplice silêncio clânico. Eu precisava ser padre, custasse o que custasse.

Ninguém apoiou minha decisão. Nem pais, nem amigos, nem as bichas colegas, nem sequer a avô que tudo me revelara. Todos achavam que eu estava fugindo da minha (homo) sexualidade, procurando um refúgio, buscando uma fuga. Até meu Arcebispo pensava assim, em seus gestos lúbricos e afeminados. Mas venci a batalha e consegui um seminário que me recebesse, especial para as chamadas **vocações tardias**, como a minha. E lá me mandei para Lisboa, inchado de presunção e água benta. Ninguém me entendia, nem as bichas enrustidas com que trabalhara no **De Colores**, nem os dois padres assumidamente viados que conhecia.

Fui encontrar um seminário que nada tinha daquilo que meus sonhos imaginavam. Nada de incenso e dourados, velas e ladainhas, salmos e hinos bíblicos. Nada de misticismo e religiosidade. Um profundo ceticismo, e até, uma palavra de ordem: **Deus morreu!** Teologia? Essa, deixara de falar de Graça e Pecado, passara a se chamar de **Teologia das Realidades Terrestres**, de **Teologia da Libertação**. Enfim, desmoronou meu castelo de areia. Ruiu o mundo que construíra à imagem e semelhança da minha alienação e da fuga à minha (homo) sexualidade. A dúzia de padres e a quase centena de leigos com quem passei a viver, me levaram a ler os **novos filósofos**, a reler os cientistas sociais, a conhecer dados e estatísticas, a dialogar com outras religiões, a perder a ilusão de quem detém a verdade.

Me conduziram à realidade e ao mundo real, meu e dos outros. Me impuseram minha (homo) sexualidade. Tiraram meus pés do céu e os recolocaram na terra. Pela primeira vez, ali me travesti, numa festa de aniversário, e ali fiz minha primeira micagem, com um fado de Amália. Redescobri a ternura do gesto e a força do afago carinhoso, amei e fui amado. Renasci. Aquilo não era uma fábrica de padres; era uma comunidade de alienados tentando se desalienar.

Durou dois anos a aventura. E, um belo dia, todos fomos expulsos, após uma maldição lançada pelo Cardeal (salazarista) Cerejeira; apenas ficou uma meia-dúzia de babacas, que aceitaram fazer autocritica. Os padres, quase todos casaram, e muitos hoje são intelectuais de fama. Os seminaristas, seguiram mil caminhos: uns, casaram; outros, assumiram sua bichice; tem um que é figura conhecida da direita portuguesa; outros se engajaram na esquerda armada e lutaram pela **Revolução dos Cravos.** E, entre todos, ficou uma imensa amizade. Que eu saiba, ninguém voltou a ser católico.

Foi uma exceção, no universo da Igreja Romana; por isso foi reprimida e destruída nossa experiência. Se eu tivesse ido parar em algum outro lugar, daqueles que constituem a regra, andaria hoje por aí, alienado e enrustido, fanático e supersticioso, gastando dinheiro e forças para receber o mais reacionário de quantos papas houve desde há muito tempo.

O Papa polonês representa a tendência mais alienada e alienante do catolicismo, a mais conservadora, a mais opressora e repressora; ele é o mais alto porta-voz de quantos, entre os sucessores de Pedro no trono vaticano, gostariam de reacender os fogos da Inquisição, para queimar, entre outros, as bichas e os sapatões. Marcado pela ortodoxia estalinista que diz renegar, João Paulo II prega um puritanismo que supera o dos protestantes luterano/calvinistas e que só encontra paralelo nos dogmas sociais dos partidos comunistas.

Mais preocupado em proibir a liberdade de pensamento de seus teólogos ou a luta social dos seus padres e freiras, mais obstinado em forçar ao uso caricato de batinas e sotainas, do que em unir sua voz à dos que gritam para terem voz, como os homossexuais, Sua Santidade personifica, exemplarmente, o padre que eu quis ser, a Igreja a que eu quis pertencer, a alienação em que eu me quis refugiar.

Um dia, um homem chamado Jesus Cristo, palestino e pobre, foi preso e condenado por subversão, pelos ditadores e ocupantes que vexavam seu país. Morreu numa cruz, pregado, da maneira mais humilhante que então era possível. Andava com leprosos e prostitutas, pescadores e marginais, jovens e mulheres adúlteras. Ameaçava os ricos e os poderosos, falava e agia contra eles.

Mais tarde, homens ambiciosos se proclamaram seus sucessores, pela mão de reis despóticos e imperadores sanguinários; se cobriram de luxo e riqueza, com escandalosa ostentação. Dessa linha sucessória nos chega o último dos representantes, coberto de ouro e prata, aliado aos ditadores, percorrendo roteiros turísticos às custas do suor de milhões de trabalhadores escravizados, doentes e esfomeados. Nada temos que ver com essa figura ostensivamente vestida de branco. Passar bem! **(João Carneiro)**

Boas de cama ?

Recentemente tive mais uma animadora notícia de como as bichas estão se integrando ao processo político brasileiro, muito mais depressa do que se poderia prever a partir do I Encontro. Hélas! Cheias de imaginação e inquietude, elas parecem que não se contentaram com praticar a **política da cama** e conseguiram uma façanha que superou o próprio James Bond, ou seja, inauguraram a **espionagem pela cama**, conforme fatos ocorridos na fantástica Paulicéia.

É assim: você, uma bicha devotíssima do padroeiro da sua agremiação política, entra num grupo homossexual organizado, visando "ampliar os quadros" do seu partido, com sutiliza. Por ser moderna e sexualmente liberada, você adota a revolucionária prática da cantada indiscriminada, para através disso "politizar" um pouco as cabeças tão ocas desses viados. Mas atenção para não confundir as coisas: politizar significa naturalmente trazê-los para mais perto do catecismo da sua seita política! Até que um dia você precisa de informações seguras sobre um partido rival. Fácil. Você bota a funcionar seu charme irresistível, canta uma bichinha do lado de lá e, em meio aos ais de amor, arranca-lhe um relatório completo sobre seus adversários.

Que ninguém se assuste, entretanto. Apesar das aparências, trata-se de um grande avanço dentro do movimento homossexual: se antes um viado não podia ocupar cargos de confiança por estar sujeito a chantagens, agora o viado ocupa esses cargos no seu partido e, que sublime!, faz ele mesmo as chantagens, por ter enfim conquistado sua autonomia. Isso vem inclusive revolucionar a teoria freudiana da libido sublimada, pois ao invés de desviar sua energia sexual para outros setores, você passa a gozar e ejacular **em favor do seu partido**, quer dizer, de você mesmo.

Pois é, trata-se de uma função do orgasmo que o próprio Reich não tinha previsto, o coitado. O próximo passo será, naturalmente, fazer a revolução e, como bons soldadinhos, substituir o império dos sentidos pelo império do falo. Sem mais necessidade de dividir o mundo em categorias específicas. Porque então seremos todos igualmente machões, coisa que lá no fundo sempre nos fascinou. **(João Silvério Trevisan)**

Espanha quente

Estive pensando naquela parte da Bíblia que fala do povo perseguido, destinado a vagar eternamente pelo deserto sem nunca encontrar a sua terra prometida — história, aliás, que nunca conseguiu me arrancar uma gota de lágrima. Mesmo assim, esta coisa de minorias perseguidas (inclusive aquelas cujas perseguição e dizimação nunca foram reconhecidas por governo nenhum) acabam chagando a momentos de pura histeria grupal.

É o que está acontecendo agora na Catalunha espanhola. Na localidade de Blanes, em Gerona, toda a população partiu para a caça às bichas, linchando e queimando suas casas. O motivo? A polícia suspeita que um menino de 11 anos foi violado e assassinado por dois homossexuais (pai e filho) da cidade. A partir daí, os homossexuais acharam melhor abandonar a região.

Muito bem, os tarados existem, entre os heterossexuais e entre os homossexuais. É muito curioso que os habitantes de Blanes tenham feito uma generalização tão simplicista e imediata) os assassinos são homossexuais, portanto todo homossexual é perigoso) e dado início à caça às bichas. Mas é também muito curioso que não tenham feito outros tipos de associações. Por que não decidiram linchar todas as famílias, já que os homossexuais possivelmente assassinos era pai e filho e viviam em um ambiente familiar? Vocês acham que falta lógica ao meu raciocínio? Pois vejam bem: bicha mata, bicha é perigosa. Família mata, família é perigosa.

Por sua vez, o **Front D'Alliberament Gay de Catalunya** (FAGC) foi à imprensa, repudiou qualquer tipo de violência, pediu à população de Blanes "uma atitude madura e reflexiva" e disse que até compreende à reação dos cidadãos. Mas põe os pingos nos ii: "Não admitiremos culpas que não forem demonstradas. Estivemos oprimidos por 40 anos e sempre que acontece algo somos os culpados".

É muito bom que eles se refiram sempre à repressão brava sofrida por eles durante quase meio-século. Mas deviam ter lembrado que a população da cidade assassina estava agindo de maneira tão opressora quanto a do regime do qual acabam de sair. Regime que foi mantido, com muita violência, pelo autoritarismo de um heterossexual — e NEM por isso já se pensou em sair por aí matando todos os heterossexuais do mundo. Ou já? **(Alexandre Ribomdi)**

Viva a pintosa!

Recebemos o nº 1 do "Leva e Traz", boletim do Somos/SP. Nele o pessoal do grupo transcreve carta enviada ao Lampião sobre o racha havido no grupo, na qual desmente que ele tenha sido "tomado" pelo pessoal da Convergência Socialista. Mas o texto mais importante do boletim, na nossa opinião, é aquele em que o grupo firma sua posição quanto às pessoas — homens e mulheres — que desmunhecam, ou seja, que dão pinta. Num momento em que tem gente por aí dizendo que "desmunhecar é decadente", é ótimo que o pessoal do Somos, em seu boletim oficial, deixe bem claro que pensa o contrário. O título do texto em questão é "Onde está o problema de desmunhecar?", e nós aproveitamos para transcrevê-lo aqui. Quem quiser receber o boletim do Somos/SP é só escrever para o grupo (vide endereço nesta edição).

"Somos educados numa sociedade heterossexual, que exige de homens e mulheres expressões corporais muito distintas. Que exige inclusive uma verbalização muito distinta para cada sexo.

"Mesmo na dança, que seria uma forma de descontração, os papéis são muito diferentes. E se à mulher se permite então uma liberdade maior de gestos, cabe ao homem uma postura mais rija, mais rígida, e algumas regiões do corpo têm que ser esquecidas.

"E qualquer "invasão" de um dos sexos no âmbito de comportamento do outro tende a ser logo reprimido, se usando para isso da classificação de comportamento ridículo ou anormal, sem qualquer questionamento do que possa significar "normal".

"Me parece que isso revela um comportamento maniqueísta, heterossexual: pessoas propensas a taxar todas as coisas de certo ou errado, normal ou anormal, segundo padrões sociais pré-estabelecidos.

"Mas esse tipo de preconceito não deveria pintar nas cabeças homossexuais. Afinal, nós também somos o que usualmente se classifica de anormal, o que gera logo uma pergunta — anormal porquê? O fato de a nossa transa ser com pessoas do mesmo sexo torna o nosso desejo, o nosso amor, o nosso prazer menos legítimo? E se procuramos na cama uma expressão sexual que nos dá muito prazer, mas foge aos padrões, no mínimo deveríamos ter um respeito muito grande por quem, através de roupas, de gestos e falas, também procura se expressar diferentemente.

"Acho que as bichas pintosas ou os travestis, ou as lésbicas tipo macho são pessoas corajosas que subvertem o padrão hetero que nos é cobrado a cada instante. Não importa o motivo que leva a isso — se busca de aceitação, ou agressão, identificação com o outro sexo ou com um estereótipo. O que importa realmente é que são pessoas que estão procurando uma expressão mais verdadeira de si próprias e assumir publicamente essa postura é um ato revolucionário de grande importância."

Ouro Preto Gay

Há menos de 100 km de Belo Horizonte, e há mais de 400 do Rio, a antiga Villa Rica, cidade histórica onde aconteceu a Inconfidência Mineira, maior conjunto arquitetônico colonial existente na América. Ouro Preto nos espera, generosa, para muitas e deliciosas aventuras.

Além do aspecto cultural e artístico, onde espalhadas por dezenas de Igrejas encontram-se inúmeras obras do Aleijadinho (aliás o próprio encontra-se enterrado na Igreja de Antônio Dias), Ouro Preto é uma cidade cuja maioria de sua população é de jovens, por lá existirem muitas faculdades e escolas técnicas onde se agrupa gente de todo o país (há bofes para todos os gostos), e — apesar de à primeira vista, sob o aspecto da fama da Tradicional Família Mineira, evocar um clima de repressão, é só na cabeça de quem não conhece o lugar.

As melhores épocas são as férias de julho, e verão, pois mesmo os estudantes que são originários de outros lugares continuam por lá tal o clima de festa e loucura permanente. No verão, além dos bares noturnos que depois indicaremos, os grandes programas são as múltiplas cachoeiras que cercam o centro da cidade (quanto mais afastadas melhor, mais liberdade, menos roupa e mais exibição — principalmente masculina) e para as quais sempre se encontra um bofe disposto a dar uma carona em seu carro abarrotado de gente e/ou possibilidades.

Pare na Praça Tiradentes — que é a principal da cidade ("é aqui nesta praça que tudo vai ter que pintar", já disse Caetano de uma outra) — e espere. Se você estiver de carro, meu amor, be happy! **Quem não gostar dessas aventuras erótico-naturalistas, tudo bem, pegue um "guia" na mesma praça — escolha à vontade — que eles estão sempre dispostos a qualquer coisa, inclusive (para as bichas tímidas que precisam de um "time") para um roteiro histórico da cidade.**

No inverno, julho, essa opção continua de pé. O que já não acontece com as cachoeiras por causa do frio intenso. Mas por outro lado, a cidade além de seus habituais recebe gente do país inteiro e do mundo por causa do seu famoso Festival de Inverno (que este ano vai ser realizado sem a cobertura oficial, o que promete coisas mais interessantes), e que congrega manifestações nas áreas de cinema, música, teatro, etc, e transforma a cidade num mês inteiro de festa e de loucura. E sem repressão, o que parece impossível mas é verdade.

À noite, os lugares — depois do footing na praça **onde a pegação impera e é fácil — que vai das 19h às 22h — melhores são o** Escorpião **(freqüência maior de gente moça, estudantil, e o que fecha mais tarde), lugar aberto com uma vista para toda a cidade, bom som variado e ambiente rústico.** Casa Grande **(fica na Praça Tiradentes, é o mais movimentado, mas fecha cedo, freqüência igual a do Escorpião); o** Quintal **fica na Estrada que vai para Mariana, mas anda-se a pé, é tudo perto, freqüência mais popular, muito interessante. O** Bar do Adilson **(só com carro, mas os táxis transitam entre lá e a Praça Tiradentes, sempre há movimento), que também é restaurante dos bons, e cuja freqüência é de bofes na faixa dos 30 pra cima, tipo classe média. Nenhum desses lugares é especificamente guei, mas todo mundo transa. Apesar de ser uma cidade onde tem homem a dar com o pau (sic), tem um número razoável porém tímido de mulheres entendidas.**

Os hotéis são um pouco caretas, ou bastante. Há exceções: o Pousada Antiga, **na Rua Xavier da Veiga, mais conhecido como Hotel do Clodomiro (1.400,00 apartamento para 2 pessoas), e o** Pilão **(fica na Praça Tiradentes, 700,00 apartamento para 2 pessoas), ou então — o que não é nada difícil — as centenas de repúblicas de estudantes, grátis, onde moram rapazes (para quem faz a linha come em casa).**

Como chegar a Ouro Preto: ônibus direto Rio-Ouro Preto diariamente, saídas às 22h, 6 horas de viagem. Avião até BH e ônibus de 1 em 1 hora (de 6h às 23h) e 2 horas de viagem. Ou carro, 6 horas de viagem, estrada ótima, bem sinalizada e pouco policiada. Outra possibilidade para quem for de BH por ônibus e não houver lugar na linha de Ouro Preto é pegar o que vai para Mariana, passagem obrigatória por Ouro Preto — mesmo tempo de viagem.

Se você der o azar de não encontrar vaga em nenhum hotel desses dois, e não conseguir descolar uma república, não se preocupe, pois há hotéis de várias faixas de preço. E na cidade mesmo, nos mil becos, adros de Igrejas e outros cantos, ame à vontade, não há perigo nenhum. É a terra dos bofes gostosos, da alegria, da juventude e da Liberdade. Pudera, a outra não ia morrer na forca à toa, coitada! Vai, meu amor, ver o que é que o mineiro tem, e boa sorte. (Luiz Carlos Lacerda)

Brasília dura

Há coisa de uns quarenta dias atrás, o caldo ameaçou entornar aqui em Brasília: uma dos bares mais antigos e mais conhecidos da cidade, o Beirute, que já havia sido apelidado, por línguas enganadas, de Gayrute e que foi inclusive citado pelos Guides do mundo afora como local-onde-se-deve-ir, não agüentou a pressão de tanta alegria e descontração e virou a casaca.

De início, a coisa passou desapercebida para depois se tornar um escândalo quando o Grupo Homossexual Beijo Livre tomou a palavra. Depois de muita discussão sobre a importância ou não do fato, o Beijo Livre chegou à conclusão de que violência não se mede e que qualquer desrespeito à liberdade individual é passível de denúncia. A primeira atitude foi um manifesto distribuído tanto nos guetos quanto no próprio bar — que, de repente, se viu invadido por rapazes de índole militante que encheram o local de folhas xerocadas.

Em seguida, vieram os jornais que ou publicaram o manifesto na íntegra, ou apresentam a sua própria versão dois fatos. Até mesmo a televisão citou o caso, muito modestamente. O que indica que, pelo menos aqui na capital da República, a grande imprensa está bastante disposta a discutir, em bom tom, a questão dos homossexuais. E, mais uma vez, a cidade teve do que falar. Espantoso é que, se contadas aritmeticamente, as reações foram muito mais favoráveis que contrárias, porque nem só das cartas e manifestos do Beijo Livre viveu a denúncia. Muitas outras pessoas escreveram aos jornais ameaçando o Beirute de perder a freguesia, já tradicional, se continuasse na mesma linha.

Bartô, o dono do Beirute (era, antes de se tornar feliz proprietário, um dos garçons da casa), declarou ao jornal que o procurou (e que não procurou o grupo, vejam só) que "fez e volta a fazer" e quem podem até chamar a polícia que ele não tem medo. Claro, o raciocínio de Bartô está corretíssimo porque a polícia vai estar sempre do lado dele, ou do lado do preconceito ou do lado da propriedade — coisa que todos nós sabemos mas que nunca é demais repetir.

Agora, eu gostaria de deixar um recado para as bichas e lésbicas que gostam de tomar chopp sob as amenas mangueiras de apenas vinte anos de idade do Beirute: ou vocês reagem e passam a exigir mais respeito pelos seus desejos ou terão logo, — logo que se contentarem em ir se acariciar no Buraco do Mijo, onde tudo é permitido, inclusive os socos e garrafadas que fizeram a fama de nosso agradável corredor.

Aos visitantes de Brasília, um recado também. Evitem o Beirute, mesmo apesar do falso ar de descontração provocado pelo ambiente. Ali, só se pode viver de mentirinha e qualquer atitude mais honesta é imediatamente reprimida pela conta que chega célere. Ou então vão e reajam à altura: joguem bosta. **(Alexandre Ribondi)**

Fuminho na PUC

Por causa do artigo **Altos Sonhos, Xará** (LAMPIÃO nº 23), que tratava de uma possível legalização do uso da maconha fui detectado em plena praia por um professor de Sociologia da PUC, que convidou-me a fazer palestra para seus alunos. Dito e feito. Compareci portanto a dita universidade dia 3 de março e palestrei bastante por hora e meia. A receptividade foi a melhor possível tanto que achei ser do interesse geral a publicação da pauta discutida.

I — O tabu de tocar no assunto. Muitas vezes não é o cidadão que está errado, mas sim a lei. Assim como não é preciso ser negro para ser contra o racismo, nem operário para simpatizar com a greve do ABC, não é preciso ser maconheiro para apoiar a legislação da **cannabis sativa**.

II — Conveniência no Brasil de uma campanha de esclarecimento sobre os aspectos médico e jurídico do uso da maconha. O Brasil no mercado internacional: ao mesmo tempo produtor, consumidor e importador.

III — Discriminação (legalização apenas para o consumidor) ou liberação (idem também para o plantador e vendedor)?

IV — Problema da ética médica; se jamais foram provados pela ciência os supostos danos da **cannabis** (genéticos e sociais) porque ela continua proibida?

V — Problema jurídico. Quando e como foram passadas as leis repressivas no Brasil, EUA e URSS? Como o consumo foi discriminalizado em mais de 10 estados americanos e alguns países da Europa Ocidental? Os inimigos da mudança das leis: os grandes produtores de bebidas alcóolicas, os traficantes (pois o preço cairá) e os maus policiais e magistrados envolvidos na contravenção.

VI — Problema econômico a comunidade não lucraria mais com a arrecadação de ICM (Imposto de Circulação de Mercadorias) do que gastando fortunas numa repressão cada vez mais sofisticada e inoperante?

VII — Problema social. O número crescente de usuários. A lei atual como forma de opressão social. Diferença de tratamento na justiça entre o acusado pobre e o acusado rico. A repressão como indução ao crime.

VIII — A omissão da grande imprensa sobre os noticiários favoráveis a erva (vide recente liberação e 24 gramas **per capita** na Colombia) e a ênfase desmedida nos artigos contrários (até na TV... é fantástico!). Necessidade de sensibilizar os partidos políticos, entidades estudantis, a Igreja e os meios de comunicação. Conveniência de uma comissão do Congresso Nacional, composta de médicos, juristas e parlamentares para estudar os efeitos do uso (e não do tráfico) moderado da maconha (até cinco cigarros por dia) e a eventualidade da sua discriminalização ou legalização.

É isso aí. Ah, tem mais... Um juiz pernambucano aceitou denúncia apresentada por advogado recifense contra os cantores e os compositores Gilberto Gil e Jimmy Cliff, "propaganda do crime" de uso da **cannabis**. Quem fez maior propaganda? Os artistas que teriam cantando músicas alusivas em inglês, em estádio de longínqua capital, ou os dois defensores da lei, que levaram o caso aos jornais e portanto divulgaram em todo país? Eu, por exemplo, só soube pelo JB. E vocês? **(João Carlos Rodrigues)**.

Por que me ufano?

Gostaria de retomar a discussão começada pela leitora Vera M. de Queiroz, no último número do Lampião, que se espantou com o que ela pensou ser um preconceito — Novo — contra os heterossexuais. O Lampião se explicou muito bem e deu a resposta que tinha que dar, com cuidado: afinal, o assunto é sério. Mas acontece que eu ainda acho que há muito o que ser dito.

Isto de ficar pondo pulga atrás das orelhas dos heterossexuais me lembra uma outra história, bastante semelhante. Há um ano e meio, encontrei meu primeiro (e único) bar feminista. As duas proprietárias eram lésbicas e deixavam bem claro: "aqui, homem não entra nem para pedir esmola. "no fundo do meu talvez machismo, fiquei curioso e tentei provocar uma entrevista, que acabou não acontecendo ("dar entrevista para jornal de homens? Nunca") mas que me deu a oportunidade de dizer que eu acreditava que isto de proibir a entrada era segregacionismo, idêntico ao que elas podiam acusar os homens de estarem fazendo com elas. "Vi muitos bares e clubes na Espanha", me disse uma das proprietárias, "onde mulher não podia entrar, só se fosse para cozinhar." Respondi que a Espanha (na época, ainda remoendo o franquismo) era um país fascista,, o que me fez ir dormir com a frase: "Estou cagando e andando se isto é fascismo ou não. Agora é a nossa vez de dar o troco." Pus meu gravador debaixo do braço e me retirei, sentindo-me, pela primeira vez, bastante infeliz por ser homem.

Agora, parece que esta idéia está aportando no Brasil. No Encontro de São Paulo, tive a oportunidade de ver que uma das piores ofensas era ser chamado de heterossexual — este ser estranho causador de todos os males. Se no início a coisa passa desapercebida e consegue provocar, no máximo, alguns risos reconfortadores, em seguida faz pensar.

Porque há uma grande diferença entre propor um grupo homossexual não aberto a heterossexuais e partir para uma atitude revanchista. Participar de um grupo fechado é não abrir mão do tempo e do espaço que temos para discutir assuntos próprios e específicos e, de uma forma ou de outra, obrigar os heterossexuais a discutirem a sexualidade deles, em particular, que também está, convenhamos, bem ruim das pernas. Agora, espalhar por aí que heterossexualismo é sinônimo de mediocridade e reacionarismo, a isto eu particularmente torço o nariz. Primeiro, porque não acredito.

Deus me livre e guarde de esquecer de pensar nas opressões em termos históricos. Então, se a gente pára e pensa nos motivos que levaram o homossexual a ser marginalizado e colocado para escanteio numa sociedade que já foi preocupada, principalmente com a reprodução de mão-de-obra e com a retransmissão dos bens (coisa que o homossexual não podia garantir porque, necessariamente, não procriava nem passava a herança para os filhos), é fácil concluir que a coisa não é tão simples como uma briga entre vizinhos. Hoje, que começamos a nos articular e a provocar coceiras na moral, nós vamos acusar os heterossexuais de quê? De procriarem trombadinhas? De serem donos do poder? Ora; muitos governos são mantidos ou assessorados por homossexuais. E, afinal, quem é que se preocupa com o poder?

Pensando bem, é muito mais proveitoso usar a tática de tentar esvaziar certos palavrões, como "bicha", e assumi-los com toda a conotação de imoralidade que eles têm, desprezando, assim, a moral burguesa que nos é oferecida como única tábua de salvação, do que tentar nos convencer de que estamos definitivamente engasgados num beco com apenas duas saídas: a certa e a errada. Coisinha limitada, esta. Como nós mesmos estamos querendo mostrar, cada indivíduo é o único responsável pelo seu corpo e por sua felicidade — portanto, escolher a heterossexualidadse não pode ser sinal de mau-gosto.

Aceitar nossa homossexualidade conscientemente é começar a desequilibrar a balança do Bem e do Mal, que, aliás, sempre deu vantagem para o Bem. Nós, finalmente, aceitamos o torto, o que sempre foi jogado na cara da gente como pecado, errado, e sujo. Agora, se também passamos a olhar o heterossexual como quem olha cocô de cachorro na calçada e o usamos para exemplificar tudo que não aceitamos, o que estamos fazendo é recriar esta terrível imagem do Bem. Mais grave ainda, estamos brincando de tomar o poder e nos permitimos recriar normas de conduta, como se, mais uma vez, o verdadeiro e o bom fossem absolutos, igualzinho a Deus e o voto indireto.

De forma que não basta apenas ser homossexual. É preciso lembrar que fomos criados bem no seio de uma família que, por necessidade de sobrevivência, incentiva o autoritarismo e a posse do homem pelo homem e mantém as normas que garantem a sua tranqüilidade e vida eterna. Assim, quando por fim vamos para a cama com nosso comapnheiro do mesmo sexo, corremos o risco de levar junto todo este fedorento varal de roupa suja e ficar sempre na eterna mágoa de não podermos nunca participar do outro lado do mundo, onde os casais são formados de marido e mulher. E já que esta mágoa nos dói tanto, e nos julgamos incapazes de alcançar o padrão de felicidade, tudo que temos a fazer é começar a atacar os heterossexuais, mordê-los e torná-los também infelizes. (Alexandre Ribondi).

Ainda Bixórdia

Alguns lampiônicos que não puderam ir ao Teatro Carlos Gomes na festa-show do 2º aniversário do LAMPIÃO, a Bixórdia II, reclamaram de mais informações — e principalmente potins de bastidores — sobre a noitada. Como os leitores assíduos mandam, aí vão algumas observações feita pela nossa briosa equipe, que atuou do calçadão da Praça Tiradentes aos bastidores, passando evidentemente por todos os banheiros e desvãos íntimos do velho casarão:

• Às 7 da noite, hora oficial do início da função, o diretor Antônio Chrysóstomo se desesperava um pouco, na coxia, porque nenhum dos apresentadores se dispunha a entrar em cena, preocupados que estavam em passear pelos banheiros dos bastidores, confrontar miçangas e paetês, retocar as maquilagens ou, simplesmente, namorar a vasta equipe técnica, este ano composta pelos assistentes Milton Tierry, Nelson Cerino, Mário Constantino e Henrique Costa, além do pessoal do produtor Guilherme Araújo: as administradoras Zelinda Brasil e Celinha Azevedo, dois contra-regras, dois iluminadores e dois operadores de som. Todos, evidentemente, umas graças, bastante assediados (eles & elas) por artistas e pelos inevitáveis bicões que rondavam camarins e bastidores.

• Por falar no Chrysóstomo, este ano ele — literalmente — vestiu a camiseta da Bixórdia II. Era um presente do seu amigo Júlio Machado Coelho — mais conhecido por Júlio Bonecão, um dos apresentadores que balançaram a platéia. Vermelha, com os dizeres Bixórdia II em letras da cor do arco-íris, tal camiseta era um exemplar inadvertidamente único, o que causou certa confusão nas hostes lampiônicas, pois todos queriam uma igual — o que era impossível, àquela hora da noite e dos acontecimentos.

• Dois dos maiores sucessos da área guei propriamente dita das atrações (este ano o show teve de tudo, até heterossexuais, numa prova de que o pessoal do LAMPIÃO não faz discriminação de qualquer espécie) foram o baiano-paulista Bubby Montenegro, muito louco, de barba, vestido rabo de peixe e turbante, numa criação por ele próprio chamada de Lili Bolero, em homenagem à personagem de sua lavra e inspiração: "Já fui jovem, bela e cortejada pela sociedade. / Eu sou, já fui, Lili Bolero!" (Se lembram?); além da ma-ra-vi-lho-sa Maria Leopoldina. "Poldininha", como é chamada pelos íntimos, entrou logo após a estrondosa participação da deusa negra Elza Soares e não deixou por menos: arrasou — de brincadeira, claro — a estupenda Nêga Elza, que adorou a brincadeira.

• Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e Adão Acosta, num rápido balanço de opiniões, apontavam Aline e Toninho Café como dois dos que mais evoluíram musicalmente do show do ano passado pra cá. Toninho, aliás, se fazia acompanhar pelo percussionista Marcelo e pelo cavaquinho de Renato, dois pães que nos bastidores... bem, passemos às próximas.

• Falar em pão é falar em Fagner. O rapaz, hoje ídolo imbatível da MPB, chegou cedo, se trancou no camarim e, disciplinadamente, esperou — sem qualquer estrelismo — que Chrys o chamasse à cena. Tudo isso, cantando de graça, enquanto o seu cachê normal é de Cr$ 400 mil por noite. O que teve de gente querendo arrombar a porta do camarim de Fagner não está no mapa; em compensação, se alguns lampiônicos já tinham um fraco por ele, agora estão francamente apaixonados. Além de talentoso, uma gostosura; além de gosto, bom caráter: "Dose pra leão!" — conforme comentavam, num canto, três dos seus fãs mais exaltados: Zé Fernando Bastos, Mário Vale e Fernando Moreno.

• Zezé Motta balançou o imenso Carlos Gomes. Trazida ao palco pelo figurinista e maquilador Carlinhos Prieto — autor do seu deslumbrante visual —, descobriu-se depois que o belíssimo pano que cobria (?) sua nudez não tinha costuras: ao deitar e rolar — mesmo!, fisicamente — pelo palco, deixou entrever trechos — como diremos? — de suas partes pudendas. A platéia entrou em ebulição e foi preciso que Chico Bittencourt — um anfitrião enérgico e cortês como sempre — fizesse ver aos mais exaltados que não ficava bem se jogar no palco e beijar os pés da divine Zezé. "Que é isso gente! A moça pode até se assustar. Olha a linha", dizia o não menos divine Bittencourt. Depois ainda tem gente que diz que viado não gosta de mulher. Pois sim!

• Com a sua nova cara de menina de vinte anos, Emilinha, a Miloca, a queridíssima Borba de todas as bichas, repetiu o feito do ano passado: tremendo sururu durante todo o tempo em que passeou o seu charme pelo palco, camarins e bastidores. Eduardo Dusek (além de excelente compositor e intérprete, que gatão!) aliás, combinava com a Miloca um trabalho conjunto, sob as benesses do Chrysóstomo, entusiasmado com a idéia.

• Ao final da noite, quando os Senhores Membros do Conselho Editorial do LAMPIÃO (Cruzes!, eu hein?) vieram ao pico, ao lado da madrinha Elke Maravilha, teve gente revirando os olhos ao ver, em carne e osso, um dos nossos galãs, Darcy Penteado. Uma bichinha anônima, infiltrada nos bastidores, suspirava: "Nossa, como ele é lindo!"

• Num rápido balanço geral, foi a glória! Só um produtor louco ou com dinheiro para jogar fora — teria condição de apresentar aquele elenco milionário numa só noite e lugar. No caso, todos cantaram e tocaram a troco de apoiar o segundo ano de vida do nosso jornalzinho. A lista é imensa, mas vale a pena uma olhada: Emilinha Borba, Elza Soares, Zezé Motta, Elke Maravilha, as Frenéticas Leiloca, Dulcilene e Edir, Paulo Moura, Fagner, Marisa Gata Mansa, Macalé, Aline, Eduardo Dusek, Toninho Café, Flaviola, Aristides Guimarães, Zéca do Trombone, o pessoal do "Rio de Cabo a Rabo", Edy Star, Júlio Bonecão, Bubby Montenegro, Têo Montenegro, Maria Leopoldina, Veruska, Othoniel Serra, João Carlos Natividade e seu grupo instrumental, Marcos (Marquesa) do grupo Vivencial do Recife, além do demencial (vide fotos) Grupo Amalá de dança afro-amerindia. Duas que não puderam comparecer mandaram recados sentidos de São Paulo, onde chovia e não havia teto para o avião decolar:

Carmen Costa e Ângela Maria. Agora é só contar tempo para a festança do ano que vem. Até lá, com os beijos e o carinho de toda a equipe do LAMPIÃO para a gente maravilhosa que transformou palco e platéia do Carlos Gomes num grande e inesquecível encontro de gente de todas as cores, idades e idéias: não será esta a democracia com que todos sonham?

Pequenos Gestos, Pequenas Revoluções

Como anarquista, meu objetivo e abolir a politica (John Cage)

A palavra **burguesia**, tão freqüente no discurso dos movimentos ditos de esquerda, preenche com sua facilidade a lacuna da ignorância teórica dos militantes. Acontece que no estágio atual da **sociedade do espetáculo** "a cultura já quase não é burguesa, mas pequeno-burguesa. " 1 Assim, correndo o risco de edificarmos outro estereótipo, descolamos nosso olhar para esta outra tópica, que nos é familiar. A pequena-burguesia possui o toque da Morte: tudo de que ela se aproxima murcha, seca e apodrece. Ao se apropriar das coisas, o pequeno-burguês as transforma numa cópia falsificada delas mesmas. Assim, o Novo torna-se Moda, a Diferença se transforma no Exótico, o Outro vira o Mesmo. Para isso ele conta com a Doxa — a Opinião pública, o consenso majoritário, a Voz do Natural — que com seu signo mata a vida, convertendo-a em imagem, em **espetáculo**. **O pequeno-burguês é o espectador por excelência**.

O militante, como membro da pequena-burguesia é também um **espectador**, pois comumente faz do seu discurso uma fala "natural", uma linguagem que se esquece que é linguagem e passa a ser Verdade. A sua visão escatológica da História, da revolução como um Juizo Final onde os bons (proletários) serão premiados e os maus (burgueses) serão castigados é uma versão romântica da luta de classes, pois o militante vive a contestação como espetáculo. **A revolução como espetáculo é uma miragem da revolução**.

Ele projeta todos os seus desejos numa classe **em nome da qual** pensa, fala, luta e emite os mais variados discursos. Esse Outro em nome de quem todos falam não é outro senão o **proletariado**. É interessante observar como essa classe passou a incorporar os fantasmas de um determinado setor da pequena-burguesia (estou falando da esquerda) e teve em conseqüência seu desejo totalmente recalcado. Sim, pois o proletariado sobre o qual fala o militante não é senão um fantasma do proletariado, uma produção do seu desejo compulsivo de controle ideológico sobre as massas.

Todos os movimentos revolucionários mais radicais (anarquistas, situacionistas e alguns marxistas libertários) vivem uma contradição insolúvel: por um lado são contra qualquer forma de poder sobre a classe trabalhadora, mas por outro lado toda a sua prática consiste num esforço no sentido de criar uma teoria revolucionária dessa mesma classe. Ora, quem detém um saber, quem fala em nome de uma Verdade, de uma "ideologia dominada" 2, está falando de um lugar de poder. Estará se criando uma situação de poder toda vez que se falar em nome de um Outro que está sempre **ausente**, mesmo que seja para defendê-lo. Nessa babel de teorias onde todos falam pelo proletariado ou o tomam como interlocutor, são sempre os trabalhadores que saem perdendo. É preciso urgentemente exorcizar esse fantasma, curar essa compulsão de falar em nome do Outro, de projetar nele os nossos desejos.

Ultimamente no entanto, temos presenciado o crescimento dos movimentos de minorias (negros, mulheres, homossexuais, prisioneiros, etc) e das formas de lutas especificas e de **ação direta** (ocupação de residências, organizações de bairro, rádios livres, etc.). Todos esses movimentos se agrupam sob uma palavra: Autonomia. Não mais o mito da Totalidade, do Uno, onde todas as contradições se diluem na massa pastosa do conchavo. Autonomia significa que de agora em diante os movimentos revolucionários lutarão pela imediata realização de seus desejos, sem a mediação de nenhum Partido, e sem se dizerem representantes de nenhum Outro, portanto sem mistificações ideológicas.

O Poder não está somente no Estado e em suas formas mais espetaculares. Nas sociedades modernas o Poder assumiu formas novas e mais sutis que atravessam o nosso cotidiano e contra as quais os velhos instrumentos de luta são ineficazes. É contra esses avatares do Poder que os movimentos autônomos se constituem como uma nova força revolucionária, afirmando a Diferença contra o discurso homogeneizante do Todo e elevando o Prazer à categoria de reivindicação necessária porque urgente. Lembremo-nos de Nietzsche: **"Pequenas ações divergentes são necessárias"!**

"Tais lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que elas sejam radicais, sem compromisso nem reformismo, sem tentativa de carregar o mesmo poder com, no máximo, uma mudança de titular. E estes movimentos são ligados ao movimento revolucionário do próprio proletariado, na medida em que ele tem que combater todos os constrangimentos e controles que reconduzem em toda parte o mesmo poder." "3 **Ligados** nesse caso não significa **subordinados** a um mesmo denominador comum marxista, onde a especifidade de cada Inimigo Comum. **Ligados** no sentido de que todos lutam contra o Poder, mas cada um "a partir da sua atividade (ou passividade) própria." 4 Sabendo que a micro-parcela de poder que se exerce sobre um louco num hospicio não é a mesma que se exerce sobre um prisioneiro numa penitenciária ou sobre um operário numa fábrica. As lutas autônomas não se encaixam no programa comum de nenhum partido porque elas não tomam como ponto de referência o Todo, mas sim a **multiplicidade** de diferenças existente na sociedade. Para os autonomistas, não é a politica e sim **autogestão desejante** que constitui um meio e um fim na realização de seus objetivos.

"O movimento operário, que há muito organizou para defender os explorados contra o capitalismo, conseguirá associar-se a esse novo tipo de revolução social?" 5 Essa é a questão que pesa no momento em que os burocratas comunistas e os dirigentes sindicais tentam espetacularmente taxar os autônomos de "agentes da direita". "Se o movimento tradicional dos trabalhadores, com seus partidos e sindicatos, continuar da mesma forma que o Poder a considerar essas lutas como marginais ou nulas, ele se engajará cada vez mais em lutas de caráter corporativista que o afastarão dos interesses fundamentais do conjunto da população. As classes operárias se tornarão assim, objetivamente, cúmplices da ordem vigente, como já é o caso às vezes no seio dos alicerces do capitalismo. "6 E caso se dê essa aproximação entre o movimento dos trabalhadores e os movimentos autônomos, terá ela conseqüências positivas ou negativas para ambos? Jogarão eles suas influências "no sentido da recuperação, da burocratização dos movimentos dos marginalizados" ou "no sentido de uma verdadeira recolocação da questão dos velhos aparelhos politicos e sindicais?"

Essas questões permanecem em aberto para serem respondidas no processo da teoria e da prática revolucionárias. A Autonomia permanecerá contudo como uma forma irrecuperável do **romanesco**, da crença na sociedade autogestionária aqui e agora. O romanesco é a utopia do Principio do Prazer, da imediatez da realização do Desejo. Viver utopicamente... Uma recaida no "individualismo pequeno-burguês"? Uma tentativa de "acirrar as contradições"? Nem uma coisa nem outra, mas sim os autonomistas — revolucionários com ejaculação precoce — experimentando agora o gozo do futuro. (Marcus do Rio).

Escolha seu grupo

TERCEIRO ATO/BH — Caixa Postal 1.720, Belo Horizonte, MG, CEP 30.000

FRAÇÃO GAY DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA/SP — Parque Dom Pedro II, 696, 2º andar, São Paulo,SP.

GRUPO OUTRA COISA — AÇÃO HOMOSSEXUALISTA/SP — Caixa Postal 8.906, São Paulo, SP,CEP 01.000.

GRUPO GAY DA BAHIA — Caixa Postal 2.552, Salvador, BA, CEP 40.000

GRUPO DE SANTO ANDRÉ — Caixa Postal 426, Santo André,SP,CEP 09.000

BEIJO LIVRE/Brasilia — Caixa Postal 070.812,Brasilia,DF,CEP 70.000.

SOMOS/RJ — Caixa Postal 3.356, Rio de Janeiro,RJ,CEP 20.100.

AUÊ/RJ — Caixa Postal 16.218/25.029/65.022,Rio de Janeiro,RJ,CEP 20.000

GRUPO SOMOS DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL/SP — Caixa Postal 22.196,São Paulo,SP,CEP 01.000.

EROS/SP — Caixa Postal 5140,São Paulo,SP,CEP 1.000

SOMOS/Sorocaba — Rua Fuad Bachir Abdala,53/31,Sorocaba,SP,CEP 18.100

LIBERTOS/Guarulhos — Rua Cabo Antônio P. da Silva,481,Jardim Tranqüilidade, Guarulhos, SP, CEP 07.000

GRUPO LÉSBICO-FEMINISTA/SP — Caixa Postal 293,São Paulo,SP,CEP 1.000.

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Lanha,Quadra 2, Bloco 5, apt/301, 2º andar, Curado III, Jaboatão,PE,CEP 54.000

Cantora de Boites, **29 anos, morena, olhos verdes, 1,70 cm, 70 kg, quer se corresponder com garotas para amizade ou algo mais. Foto na 1ª carta. Tereza __ Caixa Postal 8283 __ São Paulo __ SP __ CEP 01.000.**

Boa Praça, **paulista, 1,80 cm, boa aparência, simples, deseja corresponder com rapazes do sul, alto, loiro, olhos claros, gente legal, que queira conhecer ou morar no Rio. Zey Zaubers __ Caixa Postal 26.012 __ Realengo __ RJ.**

Homossexual, **38 anos, formação superior, amante do belo em geral, deseja contatos com entendidos com idade superior a 20 anos, para troca de opiniões e possibilidade de relacionamento mais profundo e afetivo. Foto 1ª carta. Gigi __ Caixa Postal 6046 __ CEP 40.000 __ Salvador __ Ba.**

Jovem, **claro de olhos azuis, gostaria de trocar correspondência e amizade com rapazes do mundo inteiro. Não tenho preconceitos contra travestis, negros e etc... Anderson Silva Eiroz, Rua Manoel Peneleas, 135 __ Santa Rosa __ Guarujá __ São Paulo. CEP 11.400.**

Universitário, **Moreno, cabelos e olhos castanhos, 1,65 cm, amante da arte, literatura, música, da natureza e da vida, gostaria de conhecer outras pessoas. Cartas para Bruno Tuffon, Rua Teodoro da Silva, 316 /118 __ Vila Isabel __ Rio de Janeiro __ RJ __ CEP 20.560.**

Rapaz **entendido, moreno-escuro, 30 anos, cabelos e olhos castanhos, 1,67 cm, 59 km. Correspondência com rapazes acima de 30 anos para amizade ou algo mais. Haroldo __ Av. Gomes Freire, 740 aptº 1103, Centro __ RJ __ CEP 20.231.**

Entendida, **20 anos, quer se corresponder com pessoas que sejam bem mais do que simples pessoas. Maria __ Caixa Postal 924 — Belo Horizonte — MG — CEP 30.000**

Garoto, **1,72 cm, 65 kg, amante das artes, deseja se corresponder com pessoas sem distinção de cor ou idade, de mentes abertas para novos horizontes. Francisco, Rua Ovídio L. dos Santos, 215 __ Salto de Pirapora __ SP __ CEP 18.160.**

Estudante de Filosofia, **22 anos, paulistano, gostaria de receber notícias do pessoal entendido e leitores do Lampião de qualquer parte do país. Luís Carlos Nascimento, Av. Comandante Nélio, 154, Lavras, MG __ CEP 37.200.**

Jornalista Carioca, **27 anos, 1,75 m, deseja corresponder-se com garotos até 20 anos e com cabeça por fazer. A.P. __ Caixa Postal 13.005 __ CEP 20.430 __ Rio de Janeiro __ RJ.**

Professor, **39 anos, discreto, gostaria de corresponder-se com pessoas acima de 30 anos, discretas, assumidas e estáveis. Daniel — Caixa Postal 53 — ag. Central __ CEP 50.000 — Recife — Pe.**

Você, **rapaz entendido de qualquer idade e nível cultural que for GENTE, escreva-me para uma transa legal. Sou moreno claro, 1,83 cm, 66kg, 27 anos, simpático, discreto, nível secundário, gosto de tudo que é bom. C.C.C. Caixa Postal — 60.033 — CEP 01.000 — São Paulo — SP.**

Arquiteto, **carioca, 26 anos e discreto, gostaria de manter contato com pessoas discretas e de bom nível. Fotos na 1ª carta. José Augusto D. de Oliveira, Caixa Postal 81, Porto Velho, Rd — CEP 78.900.**

Escurinho, **20 anos, leonino, 1,77cm, 65kg, vestibulando, deseja corresponder-se com "gente" para fins de muita amizade e troca de idéias. Marlon Vagner Fernandes, Rua Carlos Augusto, L — 702, Jardim Ancântara, São Gonçalo — RJ — CEP 24.740.**

Moreno, **1,79cm, olhos castanhos, barba e cabelos pretos, 34 anos, escriturário, deseja corresponder-se com entendidos acima de 24 anos que sejam também discretos, para amizade e/ou relacionamento mais íntimo. Troco postais e fotografias. Carlos C. Cassiano — Caixa Postal 309 — Juiz de Fora — MG — CEP 36.100.**

Motoqueiro. **Desejo coresponder-me com rapazes transadíssimos com a vida e com o amor. Tenho 23 anos, cabelos castanhos anelados e olhos azuis, ótima aparência. Foto na 1ª carta. Roberto Júnior — Caixa Postal 270 — São João da Boa Vista — SP. CEP 13.870.**

Universitário, **romântico, passivo, 20 anos, cabelos loiros e olhos verdes, 1,82cm. Desejo me corresponder com gatões até 23 anos, para futura amizade ou algo mais. Foto na 1ª carta. Paulo Roberto Godoy — Caixa Postal 2.315 — Porto Alegre — RS — CEP 90.000.**

Procuro jovens de até 35 anos, gueis ou travestis, para transação completa. Sou moreno 30 anos, cabelos castanhos, 1,73cm e 74kg. Fisico atlético. Fotos na 1ª carta. J.C.C. — Caixa Postal 217 — Niterói — RJ — CEP 24.000.

Autonomia ou não, eis a questão

O I.º Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados foi uma grande vitória. Quem iria pensar um ano atrás que poderíamos reunir mais de 300 pessoas em dois dias de discussão e convocar um ato público com mais de 1.000 pessoas?

Algumas questões, porém, não foram amplamente discutidas, como a proposta de uma coordenação nacional. O Encontro também não deixou claro quais devem ser as lutas concretas do Movimento Homossexual para o próximo ano. Em vários aspectos a comissão organizativa era burocrática e a mesa antidemocrática. Entretanto, no geral, o Encontro foi um grande salto à frente para o Movimento Homossexual.

Uma questão fundamental sobre a "autonomia" do MH, contudo, ficou confusa na discussão. Foi argumentado no Encontro que o MH é independente e autônomo e não pode se afiliar a nenhuma outra organização, partido, movimento, etc. Depois a comissão organizativa do Encontro deliberou que a Fração Gay da Convergência Socialista não podia participar na mesa do encerramento porque esta é um grupo ligado a um partido político.

Está na hora de se esclarecer alguma coisa!

João Carneiro fez uma acusação no último Lampião de que os homossexuais correm riscos quando têm contatos com as esquerdas: "basta ver o que aconteceu com a bicharada que assumiu dentro da Convergência, que precisou se mandar, que praticamente foi expulsa." Olhe, João, quando aconteceu isso? Com quem? Quais são as suas fontes?

Vamos deixar a coisa bem clara. Nós não conhecemos nenhum homossexual da Convergência Socialista ou simpatizante que tenha sido expulso ou sentido que não poderia participar da CS por ser homossexual.

A verdade é que a Convergência Socialista é o único partido ou grupo (fora do próprio movimento homossexual) que publicamente tem uma posição a favor da luta dos homossexuais contra a sua opressão.

A Fração Gay da Convergência, composta por 10 pessoas, se organizou em junho de 1979 para discutir a opressão homossexual. Durante os primeiros meses fizemos um grupo de estudos e escrevemos um trabalho de 36 páginas para discussão e debate dentro da CS sobre a discriminação e opressão que o homossexual sofre no Brasil.

Neste período ajudamos a coletar assinaturas na campanha em defesa do jornal Lampião, ajudamos na elaboração do artigo de Elizabeth Marie e Jim Green que saiu no Jornal Versus sobre a opressão do homossexual e propusemos em um dos últimos atos públicos do Movimento para Anistia a inclusão da questão do homossexual cassado (a moção não foi lido no ato por causa da mesa). Hoje em dias estamos discutindo e planejando como podemos levantar a questão da opressão do homossexual nos lugares onde trabalhamos e atuamos: no movimento estudantil, no movimento secundarista, no setor bancário, professores, artistas, teatro amador, etc.

Participamos do Encontro como as demais organizações homossexuais, mas fomos excluídos da mesa porque não éramos considerados "autônomos".

Que quer dizer esta autonomia? Quais são as suas implicações para o movimento homossexual? Qual é o movimento homossexual que queremos?

Nós achamos que o Movimento Homossexual deve organizar-se como uma frente única ou seja, tendo a participação de todos os grupos, organizações e indivíduos que estão lutando a favor da questão específica do homossexual e tendo como alvo o fim desta opressão. E o movimento que queremos é um movimento de milhares e milhares de bichas, lésbicas, travestis lutando contra todos os tipos de repressão e opressão que sofrem na sociedade.

Concordamos com a posição tirada no Encontro afirmando que o MH como um todo não deve se afiliar a este ou aquele partido ou tendência política. Neste sentido o MH é "autônomo", mas isto não pode, nem deve excluir qualquer tendência ou organização política que queira participar do movimento.

Na verdade, o argumento de que o MH deve ser autônomo é falso. Vamos proibir as lésbicas que são feministas e ligadas aos grupos feministas de participar no MH? Se um grupo de homossexuais negros quiser se organizar dentro do Movimento Negro Unificado para combater o racismo e a opressão homossexual, vamos excluí-los por que estão afiliados a um movimento político?

E as implicações vão mais longe. Vamos excluir um grupo de professores homossexuais que por uma questão de tempo ou opção trabalhem como homossexuais organizados dentro de seu sindicato? Serão excluídos de nosso movimento porque são afiliados a este tipo de organização política?

O exemplo dos professores homossexuais organizados não é por acaso. Há dois anos na Califórnia os docentes homossexuais trabalhando dentro do seu sindicato foram um fator decisivo para derrotar um projeto de lei que proibiria homossexuais de lecionar nas escolas públicas.

O Movimento Homossexual reconhece no mundo todo a necessidade da participação ativa de todos os grupos de homossexuais, afiliados ou não a um partido político, numa grande frente contra a discriminação. Como resultado, trabalham juntos grupos de democratas, socialistas, republicanos, anarquistas, feministas, religiosos da igreja, gay, etc.

Vamos aprender com a experiência internacional?.

A justificativa da proibição da CS na mesa é que a Fração Gay não é independente porque é ligada a um partido político. Há uma implicação neste argumento que a CS em primeira instância está manipulando os seus membros homossexuais e também quer controlar o próprio MH.

Vamos ser muito claros gente! Todo o trabalho da Fração Gay foi elaborado, discutido e votado por **homossexuais**. O partido em geral votou há muito tempo se deve incluir ou não a luta dos homossexuais no seu programa. Já votou? Já se posicionou. A CS está totalmente contra a discriminação do homossexual e repetimos que é o primeiro movimento político no país que se posicionou assim. A moção de apoio que a CS mandou para o encontro fala por si mesma.

As propostas concretas da Fração Gay da Conferência que nós levamos para o Encontro? Uma campanha com perspectiva nacional contra a violência e a repressão policial contra os travestis e outros homossexuais; uma campanha de denúncia contra a imagem negativa dos homossexuais nos meios de comunicação; a defesa do espaço autônomo da lésbica e do negro dentro do MH; uma campanha nacional contra a discriminação no trabalho com palestras, denúncias, contratos com sindicatos cobrando destes assumir esta luta; participação no 1.º de Maio como SOMOS/SP participou no dia da "Consciência Negra" e do "Congresso da Mulher Paulista", ou seja, celebrando o dia do trabalhador e levantando a questão da discriminação do homossexual com uma faixa e panfletos; e comemoração do 28 de junho, dia Internacional da Luta do Homossexual.

Apoiamos a idéia da formação de uma comissão ou coordenação nacional organizativa provisória para coordenar estas campanhas e planejar o próximo Encontro. Quem tem contato com o Movimento Negro Unificado e quem participou na campanha em defesa do Lampião no ano passado sabe como uma coordenação nacional poderia ajudar o trabalho e dar espaço para maior participação dos grupos fora do eixo Rio/SP.

Houve uma corrente dentro do Encontro que constatou que o MH como movimento independente não deve se posicionar sobre qualquer coisa que não seja estritamente ligada à opressão do homossexual. Estas pessoas fecham seus olhos e acham que a discriminação que o homossexual sofre, a repressão policial, não tem nada a ver com a exploração no trabalho, a discriminação racial, a repressão policial, o machismo que a maioria da população brasileira sofre. Eles agem como estas coisas não tivessem nada ver com nossa realidade como homossexuais.

Repetimos que o Movimento Homossexual como um todo não deve se afiliar a um partido político, mas vamos reconhecer a necessidade de estar ao lado dos explorados e oprimidos desta sociedade. Há um primeiro passo no trabalho com o Movimento Negro e grupos feministas. O interesse do SOMOS/SP em participar do 1.º de Maio, começando uma discussão com a classe trabalhadora sobre a discriminação do homossexual é um outro passo importante. Há duas opções para ao Movimento Homossexual. Ele pode crescer, incluir milhares de homossexuais e se aliar com outros setores explorados e oprimidos da sociedade ou ele pode ficar isolado A opção é nossa para escolher. (**Jim Green**, da Fração Gay da Convergência Socialista).

Compromissos, queridinhas? Nem morta!

Para onde vai o movimento homossexual?, pergunta Jim Green em artigo que LAMPIÃO publica neste número; e ele mesmo responde. Em números anteriores, outras pessoas — do conselho editorial ou simples colaboradores do jornal — também fizeram a mesma pergunta e deram suas respostas. Tudo isso, na esteira de uma discussão que, nas últimas semanas, paralisou o incipiente movimento (?) homossexual brasileiro, já literalmente atropelado pela atuação do delegado Richetti, que em São Paulo, mostrou como se transforma, com meia dúzia de camburões e alguns policiais dispostos, um "paraíso de gueis" num verdadeiro inferno; a discussão, que se espalhou como aquele gás paralisante usado pela PM nas manifestações estudantis, é a seguinte: o movimento homossexual deve ser autônomo? É possível uma aliança entre ele e outros movimentos, organizações ou partidos políticos? Ou — indo ainda mais longe — é possível a sua filiação àquelas organizações, movimentos ou partidos políticos?

Ora bolas, todo o mundo falou, deitou verbo e teoria. Então, deixa eu sair da minha cômoda posição de contínuo de luxo do LAMPIÃO (é esta a função do coordenador editorial, bonecas), pra dar uma palinha sobre o assunto. Como me tornei um dos escribas menos atuantes deste jornal — por uma questão de espaço, meus artigos são sempre os primeiros a dançar (ou a ser **censurados**, como preferem as colaboradoras mais mal humoradas), deixem que me apresente: não sou uma bicha histórica (não me atreveria a formar na honrosa galeria em que, para mim, têm lugar de honra as históricas Madame Satã, Marocas, Gasparino Damata, Trágica, Jeanne Eggs e nenhuma — nenhuma!, ouviram bem? — bicha de menos de 40 anos); também não sou um ativista, no sentido mais tedioso do termo, porque acho que ativismo não tem nada a ver com punheta; eu me classificaria na categoria das pessoas abespinhadas — criaturinhas que aprenderam a respirar na década de 50, que levaram porrada na década de 60, que, na década de 70, viram um punhado de pessoas racionalizar tudo o que elas já tinham experimentado antes — do fumo à transa do corpo —, que ainda gostam de **bofes** e falam de **fofar** em vez de transar, e que, neste começo de uma década de 80 supostamente **tchã**, têm uma apavorante sensação de "eu já vi isso em algum lugar", ou de "nessa merda — outra vez — não vai dar certo".

Bom, vocês sabem, eu sou um escritor. Num livro chamado **Primeira Carta aos Andróginos** (não é comercial não, queridas; a edição acabou de esgotar, nem consta mais do nosso serviço de reembolso), escrito em 1968, já dava a minha opinião sobre como deveria caminhar o movimento homossexual (que, naquela época — vivam os profetas do Apocalipse! —, sequer existia): as bichas e lésbicas, como os caranguejos, deviam caminhar para trás; isso mesmo, nhãn-nhãns: em busca da identidade perdida. Como é que eu cheguei a essa conclusão que as bichitas palestinas dirão óbvia (desculpem, queridas: eu sou uma bicha óbvia)? Deixem-me falar, sempre do meu ponto de vista pessoal (sou uma criatura antiga, dessas que só falam na primeira pessoa).

Quando publiquei meu primeiro livro, eu tinha 17 anos (e era, como disse o machão Fernando Sabino, meu editor, "um caso raro de precocidade e intuição. Santa precocidade! Se ele soubesse os sonhos que tive com ele...) O livro, escrito em 1961, parecia saído diretamente da literatura social de 1930: era sobre uma greve. Então, é importante dizer, eu já era uma pessoa — como se diz hoje, **assumida** (na época se dizia "pintosa", "escrota", etc). Bom, publicado o livro, fiquei em casa esperando os representantes do Partido Comunista, que viriam me arregimentar. Ora, como ignorar o fato de que eu, com aquele livro, surgia na década de 60 como um novo Jorge Amado, ao qual o PCB também deveria dar a maior força? Os homens do partidão, no entanto, não apareceram, e quando me encontravam na rua, passavam a mão na minha cabeça com um sorriso benevolente, nos seus duros rostos de ativistas, que eu não conseguia entender: por quê não me levavam a sério?

Por que no Movimento de Cultura Popular, no saudoso governo de Miguel Arraes, nunca me deixaram passar da condição pura e simples de espectador de todas atividades? Por que os ativistas de então sempre me olhavam daquele jeito estranho e falavam mais baixo quando eu chegava? Bichinha abstrusa como eu era, só iria entender essas coisas anos depois, quando, incomunicável durante 45 dias numa cela da Ilha das Flores, no Rio, pude afinal pensar exaustivamente sobre o assunto.

Mas, antes disso, um **flash-back**: fui preso numa noite de novembro de 1969, levado para o Cenimar, colocado numa barca cheia de garbosos fuzileiros e encerrado, inicialmente, no pavilhão feminino daquela prisão política, por ter escrito, numa das várias edições do Diário de Che Guevara publicadas em 1968, um pretensioso prefácio no qual afirmava que "a guerrilha não acabou". Lembro-me de que, na minha primeira manhã na prisão, uma mulher (prisioneira como eu), que varria o corredor, aproximou-se da porta de minha cela e perguntou: "Companheiro, quem é você?" Eu respondi com um monólogo de cinco minutos durante o qual a aflição me fez dar muita pinta. E ouvi claramente quando a presa política, após me escutar, e falando com uma outra, murmurou: "Quá, quá, quá! É uma bicha..."

Mas, como?, perguntarão vocês, ficar incomunicável 45 dias por causa de um simples prefácio? Essa pergunta eu também me fiz durante 45 dias e 45 noites, até chegar à resposta: eu estava isolado na Ilha das Flores, cuidadosamente isolado, não porque fosse autor de um perigoso e subversivo texto, mas sim, porque era homossexual. Lembro-me de que, além de mim, só havia, na época, outro preso incomunicável: Jean-Marc van der Wied. E como só havia dois chuveiros no pavilhão masculino (é, pelo menos isso; eles acabaram me transferindo para o outro lado...), todos os dias, às quatro horas da tarde, dois fuzileiros, devidamente paramentados com suas metralhadoras, escoltavam a mim e a ele para o nosso banho diário. E lá, diariamente, um deles repetia a mesma piadinha: "Vocês podem fazer qualquer coisa aí debaixo dos chuveiros; só não podem falar um com o outro". Numa dessas vezes em que o fuzileiro repetiu sua piada, eu e Jean-Marc nos olhamos; e foi então que vi, no seu rosto de ativista, o mesmo sorriso benevolente cujo significado odioso, já então, eu aprendera — ele queria dizer que, pelo menos quanto a mim, o preso e seu carcereiro tinham a mesma opinião.

No meu quadragésimo sexto dia de prisão finalmente me tiraram da incomunicabilidade; todas as combinações alquímicas devem ter sido tentadas pelos meus carcereiros, até descobrirem em que cela coletiva o meu homossexualismo faria menos efeito. Fui então colocado numa delas, na qual estavam Diógenes Arruda Câmara, velho líder comunista de mais de 60 anos, um ex-seminarista membro da AP, um espinhento e feioso ativista em escala maior, o que acontecia lá fora: a luta pelo poder. Os representantes de pecebão, da AP e do MR-8, presos e cheios de cicatrizes, a brigar durante horas e horas, todos falando exatamente a mesma linguagem, com diferença tão mínimas que não mereciam sequer cinco minutos de discussão. O operário, perplexo, tentava descobrir porque todos falavam tanto em seu nome se ele não entendia nada; eu, mais avisado, deitado no meu beliche, lia um romance de Arthur Hailey, escritor que, embora de maneira tortuosa, informa muito mais sobre os males do capitalismo, a um bom entendedor, do que qualquer compêndio marxista que aqueles senhores porventura tivessem lido.

→

ATIVISMO

Lembro-me de como os ativistas simplesmente ignoravam a possibilidade de me ver interessado em sua discussão; lembro-me de como, certa vez, eles tentaram me convencer de que era eu quem devia fritar alguns ovos num fogareiro improvisado com tijolos e jornais velhos; e de como, tamém certa vez, cansado de tanto desdém, despi a farda esportiva de fuzileiro (três números maior que o meu) que me obrigaram a usar na prisão, e fui até o banheiro, atravessando todo o corredor de celas vestindo apenas um sumário **slip**, sob o olhar de todos os presos que se penduravam, silenciosos e — eu sei! com a imaginação a mil, em suas janelas.

Quando sai da Ilha das Flores, após mais 25 dias na cela coletiva, todos os presos cantaram o hino da Internacional, eles o faziam rotineiramente, cada vez que alguém conseguia sair do cárcere, e isso não me abalou; eu já começava a ter, ali, uma opinião formada sobre esse tipo de ativismo que, denunciados os poderosos, sonhva com o poder e já reproduzia, na sua estrutura,, todos os mecanismos do poder. Eu tinha, mesmo, era que agradecer ao meu homossexualismo, que me livrara de pertencer a um desses grupos, tão sexistas (apesar de suas supostas boas intenções) quanto, por exemplo, aquele que domina há anos o Sport Club Corintians Paulista.

Não que eu discorde do ativismo homossexual; apenas acho que ou ele encontra o seu próprio caminho, ou acaba atropelado pelos ativismos maiores. Esse é a minha opinião de pessoa abespinhada. Mas ocorre que essas histórias que eu contei aconteceram há onze anos atrás. E, desde então, as coisas mudaram. As bichas pensam que ocuparam um espaço (Richetti disse que não, e provou isso. Mas...), e tanto apregoaram esse fato, que logo surgiram organizações politicas pensando em arregimentá-las. Dizem o Somos/SP foi o primeiro a cair nas garras de uma delas (o Somos/SP desmente isso, é bom frisar).

Eu abomino essa possibilidade, mas este é o meu ponto de vista pessoal. Trata-se de uma questão de competência; se o pessoal que optou pela autonomia quer evitar a invasão do movimento homossexual pelos partidos e organizações políticas, que trate de brigar por isso. E trate, principalmente, de evitar a paranóia que se abateu sobre todos, e que vem ressoar aqui em nossa pobre redação como um eco várias vezes ampliado. Eu, se fosse uma bichinha de 18 anos que, mesmo assim, me autoproclamasse uma bicha histórica, trataria de ir à luta; nem os "vampiros de corpos" daquele **science-fiction** americano eram tão inflexíveis quantos vocês dizem que são os Meninos de Deus da Convergência, queridas. E quanto a vocês, nhã-nhãns brancas da Convergência, cuidado com essa linguagem tão meliflua (a carta que vocês nos mandaram, e que nós reproduzimos na seção de cartas com a devida resposta, é uma prova disso).

Estou falando de dois grupos que, pelo menos, tiveram a coragem de rasgar os véus, de assumir o fato de que, dentro do incipiente movimento (?) homossexual, já há uma luta pelo poder. (embora eles não vejam a coisa desse prisma). Mas a gente, aqui da casa, sabe que há outros grupos nessa história; a gente sabe que LAMPIÃO não passa de um balão ao léu (é assim que a gente o quer), e que há muita gente de boquinha pra cima, de bochechinhas infladas de ar, querendo soprá-lo para determinadas direções. Voltando a falar na primeira pessoa, — meu vício favorito —, eu digo a eles que o que me salva é que sou apenas uma simplória; uma abstrusa; aquele que não entende nada. Por isso, queridinhas, quando chega a hora, eu simplesmente rodo a baiana. Me aguardem. (**Aguinaldo Silva**)

REPORTAGEM

Mulheres encontram mulheres

Na minha pauta deste mês estava apenas a cobertura do 1.º Congresso da Mulher Fluminense, realizado no Rio dias 14 e 15 de junho, no Sindicato dos Metalúrgicos, cabendo a mim escrever um artigo sobre ele; mas, tendo sido convidada pelo Grupo de Ação Lésbica-Feminista para participar do Encontro de Grupos Feministas em Valinhos, dia 21 e 22, SP, fui forçada a reformular toda a matéria, e traçar um paralelo entre ambos.

1º CONGRESSO DA MULHER FLUMINENSE

Cerca de 300 participantes. No primeiro dia, pela manhã, sobre "Mulher, Família e Sexualidade" falou Marta Vassimon, pedindo para que levantássemos as causas de manutenção e transmissão da opressão da mulher. Mas, infelizmente, esta proposta não foi bem aceita, pois concluímos que, em matéria de sexualidade, "apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais"...

A maioria das turmas (ao todo em nº de 10) preferiu discutir carestia, à revelia do temário estabelecido, como se os problemas específicos da mulher fossem apenas resolvidos por aí... Só as turmas "O" e "T" (não confundir com OIT...) aprofundaram-se em sexualidade, sendo que a minha, a "T", partiu da vivência de cada uma de nós para chegar a conclusões gerais, solução considerada irreverente num formal encontro de mulheres. Nossa coordenadora não gostou nada desses métodos pouco ordotoxos, sendo constantes suas intervenções autoritárias "conclamando" — nos a debater, por exemplo, educação sexual nas escolas...

Como não conseguiu, retirou-se indignada, deturpando dados e informações: segundo o seu relatório, tínhamos perdido três horas discutindo clitóris e dando depoimentos pessoais íntimos, de pouca valia. Pouca valia, com certeza, por se referirem a orgasmo e a violência, como o caso de uma das participantes que nunca gozara com o marido e ficara aliviada ao ouvir pela TV-Mulher a preciosa informação de que gozo só era necessário ao homem. Ou então, o relato de uma moça de 21 anos, negra, que quando menor apanhou do pai a ponto de ser internada num hospital em estado desesperador.

Se esses fatos não são políticos, o que mais é? A implantação da educação sexual num ensino totalmente anti-sexual? A criação de soluções paliativas dentro de uma família violenta e repressora, primeira a espancar, a forçar relações com suas mulheres, a oprimir e a castrar? O apoio apenas a uma luta geral, sem o mínimo interesse para os problemas específicos da mulher, e, ainda, incrementadora de seu desconhecimento corpo real para melhor subjugá-la?

Uma congressista achava que algo estava errado com ela porque não conseguia gozar na vagina... A esta, seguiu-se uma belíssima intervenção: "a cliterectomia — operação de eliminação do clitóris — pode ser feita na faca, por alguns povos, e na cultura, por outros, inclusive por alguns ramos da psicologia que distingue o gozo vaginal (maduro) do clitorial (imaturo)". Continuou dizendo que "temos no corpo um órgão cuja única função é a de nos proporcionar prazer: o clitóris. A vagina quase não tem enervação, caso contrário não seria possível o parto normal nem a simples colocação de um O.B..." No entanto, reprimimos o clitóris — inclusive indo contra nossa própria biologia — por imposições machistas, pois o prazer do homem está mais na penetração, e o da mulher, na manipulação. (Remember Relatório Hite...)

Mas, se a sexualidade para a mulher ainda é confusa, a homossexualidade, então, nem se fala: neste campo, o desconhecimento é enorme e as informações distorcidas. Alguém me perguntou, particularmente, se a transação entre mulheres também seria **homo**ssexual; outra afirmava que quando a mulher deixa de tomar anticoncepcionais, o excesso de hormônio feminino será transmitido durante a gestação a seu filho, causando o aumento da taxa de homossexualismo... (Eu me sentia como devia ter se sentido Galileu ouvindo as absurdas teorias "científicas" de sua época...).

Quando afirmei qua a mulher homossexual é igual a todas as demais (ao se equipararem então a mães solteiras ou desquitadas), uma grávida protestou: nada tinha a ver com homossexuais, achando "mais justa" a luta das prostitutas, como se tudo não viesse de uma ninhada só, e como se a opressão aos dois — e a repressão dela mesmo enquanto mulher — não se originasse da mesma fonte.

Fotos: Iara Reis

Lélia Gonzales, uma presença forte no congresso

Estiveram presentes a AUÊ/RIO (agora já há o de Recife) e o SOMOS/RJ, este representado pela Dolores, uma companheira e tanto, conseguindo em sua turma "O" os mesmos resultados que nós na "T". Eis a moção de apoio entregue à mesa coordenadora:

"Representado no 1º Congresso da Mulher Fluminense, o grupo organizado homossexual — AUÊ — se une às suas irmãs de opressão em todas as reivindicações específicas de nossos direitos humanos, na luta ampla, geral e irrestrita contra todo tipo de massacramento responsável pelo esvaziamento de seu discurso ideológico, ao considerá-las maioria, quando, na verdade, elas são maioria numérica da população e força transformadora desta sociedade discriminatória e antidemocrática".

Pela primeira vez — anotem este fato histórico — conseguimos o apoio das mulheres à luta homossexual (imaginem que até o JB que tanto evita este tipo de contato mencionou a palavra "homossexuais" em sua notícia...) e, em nossa turma, ainda aprovou-se moção de apoio à passeata de prostitutas, travestis e homossexuais de SP, contra o delegado Richetti, além do repúdio ao título da matéria da "Veja" pela discriminação aos grupos estigmatizados.

Sobre o tema "Mulher e Trabalho", tarde do primeiro dia, falou a advogada Salete Maria Macalós, ressaltando que, mesmo que se altere a CLT, o atual trinômio continuará: o patrão não cumprindo as leis trabalhistas, o Ministério do Trabalho não fiscalizando, e o empregado atado, por não ter estabilidade capaz de lhe garantir o emprego ao ajuizar suas reclamações na Justiça.

Na última manhã, sobre "Mulher e Participação Política e Social" falou a deputada Heloneida Studart, mostrando que, enquanto uma parte das mulheres trata de orgasmo, a maioria delas ainda dorme em camas-de-vara e faz contas com caroços de feijão. Concordo, Heloneida, só que não vejo incompatibilidade na coexistência de ambas as lutas. No plenário, houve depoimento de Josefa Paulino, camponesa, pedindo apoio às lutas dos lavradores, Sônia Valeska, contra qualquer tipo de "militarismo feminino", seguindo o exemplo da precursora Jara Mendes, e Jurema, pela Associação dos Artistas.

Foi então que surgiu um documento assinado por inúmeros grupos, protestando contra o manobrismo e autoritarismo político dentro do Congresso; e o já conturbado plenário se dividiu, então, em mulheres que gritando por unidade, e outras, por autonomia. No final, um exemplo do baixo nível de conscientização das mulheres: com exceção de 3 turmas, entre elas a "T" e a "O", defensoras da autonomia feminista, a quase totalidade se interessou pela filiação do movimento a partidos políticos já existentes, esquecendo-se delas próprias para apenas discutir problemas da "luta maior" (pelo poder), sem cogitar de uma mudança ideológica paralela. Significa: o mesmo discurso político que sempre oprimiu a mulher, que ainda não luta por seus direitos, mas pelos deveres de seus homens...

ENCONTRO NUM CONVENTO DE FREIRAS

O contrário dessa terrível sensação de frustração, desânimo e impotência ocorreu no Encontro de Grupos Feministas de SP, realizado num belíssimo convento de Valinhos — Lar de S. Joaquim. Saídas da catastrófica experiência do 2º Congresso da Mulher Paulista (bastante semelhante a do 1º Congresso da Mulher Fluminense...) os onze grupos feministas (das 54 entidades participantes do CMP), com metas comuns — como a autonomia — resolveram se reunir para discutir seus problemas específicos, já que eles não puderam ser colocados no Congresso...Presentes: Grupos de Ação Lésbica-Feminista, Somos/SP, Sociedade Brasil Mulher, Grupo Nós Mulheres, Grupo 8 de Março, Centro da Mulher Brasileira, Grupo Feminista de Campinas, de Brasília, Ação Mulher de Recife, Associação das Mulheres, Coletivo de Mulheres, e Auê/Rio (como convidado).

Oito grupos ao todo, bastante diversificados; fiquei com Téca no 6, acabando sendo relatora do meu grupo:

"A partir da análise que fizemos de nossa atuação aqui, nas sessões plenárias, bem como da maneira como atuamos no 2º Congresso, identificamos que existe no movimento feminista um problema fundamental que é: como negar uma forma de organização patriarcal, machista e hierárquica, substituindo-a por uma maneira de atuação feminista. Na prática, não estamos efetivando essa substituição, mas apenas reproduzindo os papéis que nos são impostos por esta mesma estrutura que combatemos. E temos feito isso de duas maneiras: ora adotando uma atitude de donas da verdade (inclusive porque muitas de nós traz este "vício" dos partidos políticos aos quais se filiam), tentando conquistar posições e, portanto, impondo nossos pontos de vista, ora abrindo mão deles. Agimos assim, tanto num caso quanto no outro, por nos faltar a identidade feminista que se oporia à identidade machista que tem marcado nossa maneira de atuar.

Acreditamos indispensável, para a aquisição desta identidade feminista, uma maior clareza de nossas proposições, o que só acontecerá com o efetivo debate destas questões específicas dentro de cada grupo e entre todos eles (inter e intra grupos). Acreditamos também que a busca desta identidade requer um exercício diário, tanto na maneira de agir quanto na de falar.

Em vista disto, nossas propostas concretas são:

1. Com relação à contracepção e ao aborto, criar dois momentos de luta: no primeiro, analisar os problemas e tomar posição dentro e entre os grupos, e, num segundo, concretizar as propostas debatidas em conjunto;
2. Formar uma comissão permanente contra a violência com duplo objetivo: colher dados sobre os diversos graus de violência cotidiana contra a mulher e tomar providências para não ficar apenas ao nível da informação.

Esses temas deverão ser debatidos no interior dos grupos, como forma de fortalecer nossa identidade feminista".

Na última plenária, surgiu a proposta da organização de uma coordenação de grupos feministas, para tratar dos problemas específicos e prioritários da mulher: contracepção, aborto, violência policial e de outros tipos, imprensa (criação de um jornal feminista), além de, mais a longo prazo, tratar de creche, educação diferenciada e a Casa da Mulher Paulista. Este temário é bastante abrangente, já que a sexualidade libertária consiste no direito irrestrito ao uso do próprio corpo, respeitando-se suas opções, sem reprimi-las ou violentá-las, em nenhum "gênero, número e caso" (ui...).

Neste Encontro ficou também bem claro que devia ser incrementada a troca de vivências pessoais (através de identificação), para que se chegasse a uma consciência do agir feminista. No sábado, ao ar livre, próximas de lagos e grutas, o dia todo informalmente falando de nós e nos ouvindo, tocamos em quase todos os pontos básicos da primeira parte do temário sobre "o que é feminismo", prova de que o individual também é enriquecedor e altamente revolucionário num discurso político. Exemplo: a discriminação entre mulheres, um dos itens propostos, não precisou ser discutida; foi sentida por algumas participantes do Lésbico-Feminista, discriminadas num grupo exatamente pela sua condição de homossexuais. A partir da consciência da repressão pôde-se trabalhar em cima deste dado novo e concreto.

Nisso consiste o feminismo: numa atitude política nova (no sentido de tentar não reproduzir papéis, símbolos e comportamentos da sociedade patriarcal), nela se incluindo também a discussão do privado, como forma de mudança do comportamento cotidiano. O descondicionamento de padrões estabelecidos e impostos só pode ser feito quando comparamos nossos próprios valores, quando há identificação de conflitos, quando nos aproximamos dos outros enquanto pessoas. E, a meu ver, é a verbalização do seu emocional uma das maiores armas das mulheres, já que elas sempre foram silenciadas e silenciosas.

Importante não é apenas a militância externa, falar em congressos ou participar de debates sobre temas genéricos. Também é imprescindível **como** introjetamos essa militância externa, o modo pelo qual vivenciamos na prática de nossas vidas os conceitos feministas que transmitimos. Uma coisa é o discurso teórico, outro, às vezes até mesmo bastante oposto, o que temos no dia-a-dia de nossas casas, de nossos trabalhos, camas e diversões.

Por falar nisso, sob uma temperatura de oito graus)**e não só por isso...**) as quase 200 mulheres, na noite de sábado, organizaram uma festa animadíssima no casarão, com vinhos, paté de peixe, frevos, namoros)**até me disseram que não há "heterossexual" convicta...**) e cantorias)...

REPORTAGEM

que não pensei no duplo sentido); vejam o final da letra irônica do "Hino das Femenistas", composto pela Cida: "a rainha do lar já morreu/agora quem manda sou/, já posso ser mãe solteira/lésbica ou engenheira"...

O clima de desconcentração e confiança pessoal, sem hostilidades de partidarismos políticos ajudou muito o andamento dos trabalhos, numa sucessão interminável de momentos gratificantes, sem uma única briga de partidos entre nós, fato pra mim bastante significativo. Se nem tudo foi um mar de rosas (ainda bem), só trabalhando nossas contradições na prática superaremos obstáculos que nos surgem a todo momento.

Voltamos a São Paulo muito tarde e cansadas **)embora ainda a tempo de beijar Trevisan pelo seu aniversário)**, mas ainda envolvidíssimas pelo clima de companheirismo e produtividade do Encontro. Só assim a luta das mulheres não se torna demagógica ou manipulada por interesses outros que não os nosso.

Moral da história **)embora esta esja amoral)**. Eis o trecho do começo do discurso de abertura, proferido por Nair Jane, da Associação Profissional das Empregadas Domésticas, no Congresso do Rio: "Há mais de vintes anos as mulheres deste estado não se encontravam. As meninas de colo de então já trazem seus filhos nos braços, as mulheres daquela época já são avós. Uma geração se passou, quase uma vida. E, olhando para trás, comparando a situação vivida pelas participantes de nosso último encontro com a situação vivida por nós, é fácil constatar que pouco, muito pouco mudou na situação da mulher. Continuamos a desconhecer a nossa sexualidade, continuamos discriminadas no trabalho, na família, na sociedade". Só que, neste ritmo, aceitando apenas a "luta maior" como sendo a sua, teremos ainda várias décadas de imutabilidade na situação. E, no entanto, depende basicamente de todas as mulheres, através de nossos atos homossexuais, heterosssexuais, ou os dois, apressarmos ou retardarmos por mais vinte anos nossa transformação histórica. (Leila Miccolis)

A platéia de mulheres. Ao centro, de crachá, Leila Miccolis

Bixórdia

Questão de talento

João Carlos Barroso, um senhor de 40 anos, que se diz ator, e que é sempre escolhido pela TV-Globo para representar os garotos debilóides das novelas das 18 horas, recusou um papel no seriado "Malu Mulher" por achar pouco digno viver um personagem homossexual. Quem já viu o rapaz representando (???), no entanto, sabe muito bem que o motivo é outro; ele jamais conseguiria fazer como Gracindo Júnior (o homossexual da peça "À Direita do Presidente"), que cria um personagem inesquecível e não tem frescuras. O verbo **criar** seguramente não consta do vocabulário de João Carlos: ele não só não consegue viver um personagem homossexual, como também não consegue viver um heterossexual...

Quem quiser, que acredite. Quem viu, foi a La Mambaba. Na segunda sexta-feira de junho no Cine São José (Rio), um pregador evangélico, daqueles que atuam na praça Tiradentes, subiu à última fila do balcão, Bibília na mão, terno cinza e emblema na lápela, e não ameaçou ninguém com o fogo dos infernos. Ágil e sabedor, segurou um lampiônico pelas pernas e usou a boca para outras práticas, diferentes das divinas.

Com relação ao racha Somos/SP e o surgimento da Ação Homossexualista, diz um observador dos movimentos minoritários do Brasil: "Queira Deus que o Somos paulista não continue dando filhotes. Seria grotesco assistir o nascimento de um Grupo de Ativismo Homofílico, por exemplo."

Aliás, sobre assunto, esta é a última ouvida numa mesa do Amarelinho: "Homossexualista era o meu avô, que se sentava nos cafés do Rossio de Lisboa, em companhia de Pessoa, Sá-Carneiro, Antonio Botto e outros que tais, para ver os gajos passar. Eu sou é bichinha mesmo."

PT... SAUDAÇÕES — nenhuma das passionárias da vida notou o conchavo dos dirigentes sindicais afastados com as grandes empresas onde trabalhavam. Lula, por exemplo, ganhou um ano de licença... remunerada. E nem protestaram contra a demissão de mais de mil trabalhadores comuns. Indignada, Rafaela Mambaba deu um muxoxo: **Cruzes, parece até o velho PSD!**

Atenção, setores autodenominados democráticos: a gente ainda vai se cansar de vocês. Durante o pega pra capar deflagrado pelo Richetti em São Paulo, vários teatros se recusaram a ler ao público uma Carta Aberta que denunciava a repressão policial. O Paulo Goulart alegou que se tratava de um problema moral e não politico, portanto não lhe interessava (quer dizer, politico é só na vitrine). O Cecil Thirê respondeu que até leria algumas partes da carta, mas como ele não era homossexual, então não tinha nada com isso. O Renato Borghi alegou compromissos com o produtor. O Toquinho disse que não tinha tempo durante seu **show** apesar de achar terrível a violência da policia. Comentário da Mambaba: "Amigos, nós somos milhões. Na próxima campanha das kombis, vocês vão ver que também não temos nada com isso."

28 de junho: Entre Nessa Festa

Um debate sobre **Homossexualismo e Repressão**, aberto ao público, um **show** louquíssimo e uma Festa Afrodisíaca, para os mais chegados, foram as formas que os grupos SOMOS e AUÊ, do Rio de Janeiro, encontraram para comemorar o **Dia Nacional da Liberação Homossexual**, mais conhecido como 28 de junho ou **Dia Internacional do Orgulho Gay**.

A proposta surgiu durante os debates do 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados — EGHO, realizado em São Paulo. Inicialmente havia sido proposto que, a exemplo dos grupos de outros países, os grupos brasileiros, presentes ao encontro, organizassem uma atividade conjunta e nacional para a comemoração do 28 de junho, **Dia Internacional do Orgulho Gay**, dia em que um grupo de homossexuais norte-americanos resolveu, em 1969, dar fim à repressão reagindo violentamente à uma batida policial.

Surgiram várias divergências com relação à proposta apresentada. A principal argumentação contrária à comemoração era a de que os grupos homossexuais brasileiros ainda não tinham condições orgânicas de levar um trabalho a nível nacional, pois mal conseguiam mobilizar sua área de influência. Mas a polêmica maior girou em torno do nome dado à comemoração. Várias bichas e lésbicas, presentes, entenderam que **Orgulho Gay** era algo muito abstrato e vago, e que não tinha nenhuma identificação com os homossexuais do Brasil. Foi aprovado então, que a data permaneceria devido à força dos acontecimentos e que apenas o nome seria mudado para **Dia Nacional da Liberação Homossexual**, ficando portanto descartada a proposta de uma comemoração nacional deixando a critério dos grupos realizarem ou não atividades neste dia.

A partir daí, os grupos SOMOS e AUÊ do Rio de Janeiro resolveram formar uma comissão mista, denominada **Frente Única** e começaram a batalhar a organização das atividades. Para o debate sobre Homossexualismo e Repressão foram convidados o Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, o Movimento Negro Unificado e o **Lampião**. Quanto ao **show**, será composto por números de dublagem e dança apresentados por integrantes dos dois grupos.

Segundo a **Frente Única**, um dos principais problemas encontrados foi a disponibilidade de local tanto para o debate como para as outras atividades, e que dias antes não havia sido confirmado.

O DIA DA REVOLTA

Na noite de 28 de junho de 1969, em Greenwich Village, Manhattan, cerca de 400 homossexuais saíram às ruas para proteger contra a onda de repressão policial e prisões que vinham ocorrendo, freqüentemente, nos locais **gays**. O protesto, que durou uma semana, teve como mola propulsora a batida ocorrida na noite anterior, dia 27, quando a policia invadiu violentamente o Stonewall Inn, bar homossexual localizado na Christopher Street, prendendo 13 fregueses e deixando alguns feridos.

Na noite seguinte, um grande grupo de clientes e simpatizantes amontoou-se em barricadas erguidas ao longo da Christopher Street e em frente ao Stonewall Inn e, num protesto contra as prisões da noite anterior, reagiu violentamente ao novo cerco policial. O confronto durou cerca de duas horas e vários homossexuais saíram feridos além de prisões e da depredação completa do bar que, ao final de uma semana do incidente, já havia sido restaurado com a ajuda de seus freqüentadores e voltava a funcionar vitoriosamente.

A exemplo dos outros anos, desde o Dia da Revolta, os vários grupos homossexuais dos Estados Unidos e de outros países comemorarão o 11º aniversário daquilo que é o marco do movimento homossexual de todo o mundo e que foi o início de uma tomada de consciência e de espaço pelos homossexuais que cada vez mais lutam pelos seus direitos enquanto pessoas humanas. Não faltará a tradicional passeata — Gay Parede — que costuma reunir cem mil homossexuais em Nova York; cantando, gritando **slogans**, pegando e dançando, eles percorrem desde o Greenwich Village até o Central Park, culminando numa enorme concentração.

A partir deste ano, as bichas e as lésbicas brasileiras unem-se ao movimento homossexual de todo o mundo e comemoram seu dia, mostrando do que também já estão tomando seu espaço. Entre nesta Festa também. **(Antônio Carlos Moreira)**.

O Buraco é Mais Embaixo

Nunca se falou e se escreveu tanto sobre homossexualismo, de todos os tipos e gostos, nos meios de comunicação deste nosso paraíso tropical. O fenômeno explica-se pela conjugação de dois fatores, um já inerente ao processo histórico-social e outro, mais recente porém não menos conhecido enquanto elemento essencial do capitalismo. O primeiro refere-se ao afã do sistema em cultivar ideologicamente o mito da anomalia sexual, numa atitude fóbico-paranóia de autopreservação. O segundo diz respeito à constatação de que os homossexuais constituem uma significativa fatia, ainda pouco explorada, no mercado consumidor. De qualquer forma, pode-se observar a persistência, às vezes requintadamente sutil, de um discurso sobre comportamentos sexuais não padronizados, calcado em estereótipos aparentemente a cair de podres mas ainda vivos.

A repressão é constantemente mencionada mas nem sempre apontada em suas gracinhas cotidianas, dessas que entram no espaço sacrossanto através da televisão ou vem acompanhadas nos jornais de outras ainda mais escancaradas, tipo intervenção nos sindicatos do ABC. Há muitos nomes a se dar a muitos bois, pois a repressão comporta uma gama quase infinita de expressões, sendo dotada de alta capacidade de reproduzir-se hoje aqui (não no **Lampião**, é claro), amanhã ali. Não se trata de superes-timá-la mas de denunciá-la.

Na edição do Jornal do Brasil de 18 de abril, o cronista esportivo João Saldanha faz referência à presença de jogadores homossexuais na Seleção Brasileira de 1970. Poucos leitores provavelmente surpreenderam-se com a noticia, embora a divisão sexual do trabalho procure fomentar a inserção de homossexuais em atividades profissionais determinadas como as de cabeleireiro, bailarino e artista plástico, entre outras. Em seguida, Saldanha comenta a incidência de homossexualismo nos clubes em geral, associando-a diretamente à corrupção e à disseminação da maconha nos meios futebolísticos. Ao se contra-argumentar informações desse gênero corre-se o risco de mergulhar-se num maniqueísmo obscurantista pela construção de um outro estereótipo, o do homossexual tão ímpio e virtuoso que só tem um defeito: ser homossexual. É aquela história do preto de alma branca. A orientação sexual dos indivíduos, no entanto, está acima do bem e do mal e não condiciona diretamente a sua atuação como ser social. Quando isto se dá é por vias indiretas e, acima de tudo, em função da repressão exercida sobre estes indivíduos. Seria assim tão absurdo engrandecer a vitória do Brasil em setenta devido à presença de homossexuais no time como, por exemplo, responsabilizar o homossexualismo pela mediocridade que campeia no atual futebol brasileiro e isto se aplica a qualquer área da sociedade. Além disso, corrupção não é privilégio de homossexuais. Basta olhar em volta, ou melhor, em cima.

Assistir televisão já não é mais teimosia. Virou doença mesmo. Exceções à parte, a programação oferece poucas opções e um jeito redeglobiano de olhar a vida. Pior ainda pra quem mudou de canal no domingo, 20 de abril, e tentou o padrão Silvio Santos de qualidade. No vídeo um tal de Homem do Sapato Branco, mistura de Flávio Cavalcanti com Anita Bryant, entrevistava dois rapazes ditos homossexuais. Pouco à vontade, ambos acariciavam-se enquanto respondiam às perguntas preconceituosas e debochadas do entrevistador. Afirmaram terem se conhecido na prisão, apaixonando-se e, a partir daí, acalentado o sonho de casarem-se. Respondendo à pergunta de quem era o homem e a mulher na relação, declararam fazer um revezamento. Daí pra baixo o apresentador, com um advogado não menos tendencioso a tiracolo, foi curto e grosso: concitou as autoridades a tomarem providências no sentido de sustarem o crescimento do homossexualismo no país, fazendo votos de que os dois "bem-parecidos" rapazes se "recuperassem" do seu mal. Brincadeira de mau gosto ou filme de Zé Mojica?

Os dois exemplos citados demonstram como diferentes níveis do discurso repressivo mesclam-se como causa e efeito para a configuração, através de diferentes meios de comunicação, de uma identidade social imposta e pouco real dos homossexuais corroborando assim a sua condição de grupo estigmatizado. É preciso portanto denunciar sempre, enviar a imagem de volta e recompor o foco seja a sua distorção berrantemente visível, sejam filigranas imperceptíveis a olho nu. Só mesmo fazendo um auê. **(Zé Maria)**.

O beijo de dois homens lindos

"Não me maltrate, Robinson", a peça de autoria e direção de Paulo Affonso Grisolli, que em 1977 estreiou no Rio, está agora em São Paulo, lotando o Teatro do Bixiga, em uma nova versão, elaborada para uma ação universalizada, despojada e concisa, para o que colaboram bastante os trajes e os elementos de cena de Naum Alves de Souza. Robinson, o náufrago, é Luiz Armando. Sexta-feira, o selvagem, é Eduardo Tornaghi. Separados, eles já são de provocar seguidas e múltiplas ejaculações precoces — juntos... contenham-se bichas!

Apesar da intensidade vivencial dos personagens e da necessidade que os dois corpos têm de se sentir, não se pode dizer que a peça seja homossexual. É, antes disso, o choque de duas culturas, mas sem maniqueismos. Cairia no óbvio esteriotipar Robinson como o manipulado pela civilização, com seus hábitos, vícios, conceitos e preconceitos. Já Sexta-Feira possuiria as qualidades convencionadas dos seres inocentes e puros de sentimentos. À sua maneira, cada um é o bom e o mau, o mocinho e o bandido, dependendo das circunstâncias e da nescessidade psicológica de comunicação, que faz com que em certos momentos, as personalidades se interpenetrem.

Tornaghi e Luiz Armando começam e terminam o espetáculo despidos. Como o teatro é em forma de arena e os lugares não são numerados, cheguem cedo para ocupar as primeiras filas. Conselho de amigo. Agora, para as bichas inimigas, diga que os melhores lugares são os do alto, de onde se tem visão mais abrangente do espetáculo: assim, os detalhes de Luiz Armando e Tornaghi ficarão só para vocês....

Contos sutis

Tinham decidido na reunião de pauta que eu faria o **review** do livro **O Cego e a Dançarina**, de João Gilberto Noll (contos, Editora Civilização Brasileira, 135 páginas, Cr$ 180,00). Mas o drama permanente que é a luta pelo espaço no LAMPIÃO fez com que, ao final, me sobrassem apenas 16 linhas em corpo dez para que desse minha opinião sobre o livro. Uma pena, proque o livro de João Gilberto (foto) merece muito mais. Na orelha, Márcio de Souza diz que se trata de um escritor "da geração que veio depois do golpe de 64", e informa que, por isso, nestes contos, "cada instante, cada esgar emotivo, cada personagem, até mesmo a técnica narrativa mostra-se carregada por esta sandice que se abateu no país nos últimos dezesseis anos".

Noll seria — e eu concordo com isso — uma espécie de **cronista da repressão**; há um clima de permanente paranóia atravessando suas histórias, mesmo os que se preocupam apenas me contar uma história de amor — há sempre um perigo qualquer, subjacente, que ameaça aflorar a qualquer instante; um clima de conspiração, de loucura — e qaui terminam minhas 16 linhas — que reflete claramente os últimos anos da vida nacional. Um livro denso e original, que a gente recomenda.

LIVROS NOVOS NA BIBLIOTECA UNIVERSAL DO POVO GUEI

A LONGA ESPERA DO PASSADO
Gore Vidal
206 páginas, Cr$ 220,00

"The City and the pillar", um clássico da literatura norte-americana; o primeiro romance a abordar abertamente o tema do homossexualismo naquele país. Uma história de amor entre dois homens que atravessa as incompreensões e os anos. "Um livro emocionante, que comoverá a todos os seus leitores", disse o New York Heraid Tribune. Do mesmo autor de "Myra Beckinridge".

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 200,00

Um livro escrito com intuito de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu. Uma das primeiras obras a tratar o homossexualidade, na França, não como uma anomalia ou perversão, mas **tão-somente** como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo.

PIAZZAS
Roberto Piva
56 páginas, Cr$ 150,00

Do mesmo autor de "Coxas", um livro de poemas que vale como uma "introdução à orgia", segundo o seu prefaciador, Cláudio Willer. Piva reafirma, aqui, sua condição de poeta da marginalidade, colocando-se ao lado de outras "flores do mal" — de Baudelaire e Ginsberg, de Sade e Genet.

Aguarde:
"Histórias de Amor"

CARTAS NA MESA

De sapatarias

Gostaria que fosse colocado um anúncio da seguinte maneira: Auê/Recife deseja aumentar seu número de componentes; maiores informações, procurar Irineide Maria, no seguinte endereço: Rua Francisco Soares Lanha, Quadra 2, Bloco 5, apto./301 — 2º andar — Curado III, Jaboatão, PE, CEP 54.000. Bem turma, espero que este seja o primeiro de muitos contatos que manteremos. Proponho-me a enviar notinhas sobre o mundo guei recifense. Beijões a todos, desde já sentir-me-ei muito agradecida de colocarem meu anúncio. Lembrem-se dos sapatões recifenses; fala pra Yvone lembrar que nós existimos. Se continuarem esquecendo de nós boicotaremos o jornal. Olhe que a turma é grande, dá até pra botar uma sapataria!!! Psiu: Perguntem pra Leila se ela esqueceu-me e se não se interessa mais em manter intercâmbio conosco avisa pra ela também, que mudei de endereço e que eu a adoro.

Irineide Maria — Recife.

R. — **Oxente, Irineide, e porque a gente iria boicotar os sapatões recifenses? Ainda há pouco um lampiônico andou por aí; tomou muito caldinho de feijão com pinga, e descobriu que é isso o que dá tanta tesão nos pernambucanos. Longa vida pro Auê/Recife, querida. Leila, Yonne e outras amigas mandam beijos mil.**

Santa Felpuda

Prezados amigos. Como devem estar sabendo do crime da Luísa Felpuda, mando hoje uma folha de jornal e alguns comentários sobre o assunto, já que conheci bem os envolvidos no caso, e conheci também, ainda que superficialmente, a Luísa. Estava por escrever alguma coisa para vocês sobre isso, mas queria ver o desfecho do caso, pois a novela ainda não terminou e tem histórias muito mal contadas em tudo isso. Além do caso "Luísa", vou tirar xerox de um artigo que saiu na revista "Família Cristã" e que vou enviar para vocês — para o arquivo. É um artigo favorável ao homossexual, enquanto vem o Papa aí com suas baterias abertas contra homossexualismo, abortos, feminismo, etc. Pensando bem, o Woytila deve ter uma certa invejazinha do Khomeini. Ah, se ele pudesse fazer o mesmo lá pela Itália!!! Seria a vitória de Cristo antes da sua "segunda vinda"?

Luísa Felpuda: esse nome ressoa longe de Porto Alegre entre lampiônicos do Brasil inteiro e do exterior que por lá passaram. Pois bem, Luísa Felpuda, como ficou sendo conhecido Luiz Luzardo, foi assassinado este ano e a grande imprensa daqui deitou e rolou sobre o assunto. Aliás, não é bem isso: ele e seu irmão Lindoro foram assassinados a pauladas por um ex-soldado desempregado, de nome Jairo Teixeira Fagundes. Nessa história toda, as manchetes iniciais foram sempre sobre os "dois homossexuais assassinados". Manchete é manchete, só que cabia melhor "Dois anciãos assassinados por um ladrão", isso porque Luiz (Luísa Felpuda) teria já mais de 60 anos e seu irmão Lindoro **não era** homossexual e levava uma vida quase nula, pois era doente (excepcional e com problemas cardíacos).

Na casa de Luiz passou muita gente e muitos rapazes (principalmente militares); iam lá "fazer ponto" e... de livre e espontânea vontade, pois a casa de Luiz era bem conhecida e ele não precisava sair pelas ruas caçando garotões como foi falado aqui. Mas o que me estarreceu foi ver no jornal de hoje (segue anexo o texto) que os alunos, ex-colegas do ASSASSINO, estão arrecadando fundos e ameaçando greve caso o diretor do colégio não concorde em readmiti-lo. Está claro e ótimo! O pobrezinho do michê não assassinou ninguém, simplesmente livrou a sociedade de um elemento que poderia corromper mais alguns garotões, quem sabe transformando-os em futuras bichas ou pior.

Pelo sim pelo não, tenho cá as minhas dúvidas se o assassino (perdão! "Guardião dos Bons Costumes Gaúchos") não será absolvido, pois alegase com insistência sua "insanidade mental". Como sou burro, não entendo como um cara com problemas mentais possa freqüentar uma escola para alunos comuns. E se ele desconfiar que o colega do lado da classe é bicha? Mata-o (eliminar, é o termo) com um compasso enfiado no pescoço? E quanto aos homossexuais de Porto Alegre? Bem, compram avidamente os jornais (esse de hoje vai vender pacas) e limitam-se a comentar o fato, mas ninguém arrecadou fundos para contratar um advogado na acusação do michê assasssino. E se alguém sair por aí vai arranjar quando muito um troco para o cafezinho...

É isso aí, gente do Lampião. Agradeceria se alguém fizesse um comentário sobre isso e essa folha de jornal sintetiza quase tudo o quanto foi dito pela grande imprensa local. Parando por aqui, desculpem a letra e a falta de ordem, pois comecei o caso (comentário) sobre a Luísa e depois resolvi escrever a carta. Um abração para todo o mundo daí!

Carlos S. — Porto Alegre

R. — **É isso aí, Carlinhos. A gente tem recebido dezenas de recortes sobre o caso Luísa, e partilha da tua opinião: o assassino será tranqüilamente absolvido, para que as enrustidas gaúchas possam dormir em paz. Mas o espírito de Luísa vai ficar vagando por essa cidade, podes crer. E algum dia, como os mártires malditos de que Jean Genet tanto fala, ela acabará canonizada. Não pela igreja de Woytila, mas pelos que preferem, à santa hipocrisia, a desordem criativa, e sabem que, nesta, figuras inquietantes como Luísa Felpuda têm sempre o seu lugar.**

Memória guei

De alguns anos para cá, a Imprensa brasileira tem dado um destaque a Questão Homossexual. Notícias, ensaios, entrevistas, matérias e contos, tem sido publicados em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal **Lampião** resolveu organizar uma **Memória** de tudo que tenha sido ou venha ser publicado sobre homossexualismo. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos o original ou xerox desse material.

* * * * *

Lampião da Esquina: Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.400

* * * * * *

De cantorecas

Alô, pessoal do Lampião! Tudo bem? Li algumas vezes em meses passados as respostas dadas às pessoas que perguntavam sobre Simone, e não estou muito de acordo, nem com o que leitores falaram, como com o que lhes foi respondido. Simone não é nenhuma cantoreca para ser tratada assim; é uma profissional responsável, ótima cantora e pessoa simpática e cordial, sempre com tempo disponível para uma palavra ou um sorriso. Não creio que todo cantor, guei ou não, seja obrigado a dar entrevista ao **Lampião**; se estamos em um país onde se prega a democracia, é justa a opção entre dar ou não entrevista a quem quer que seja.

Simone é uma pessoa que lê cada carta que recebe, responde todas as cartas com poucas palavras, mas sempre muito educadamente, uma pessoa que já perdeu a hora da janta no hotel para dar uns autógrafos a mais, que no aeroporto soube se despedir das pessoas presentes, meros fãs, mas o gesto foi lindo. Como pode essa pessoa ser catalogada como "cantoreca"? Tenho certeza de que não foi Simone quem se intitulou guei, e ela realmente não precisa disso para vender discos. Ela foi rotulada de guei pelos próprios gueis (homens e mulheres) pelo fato de ter uma presença marcante, uma androginia que fascina e apaixona a todos que a assistem.

Vamos pensar melhor que para ser uma cantora guei não é preciso carregar bandeira, andar no meio dos veados ou dar entrevista para o **Lampião**. Para ser uma cantora guei basta que suas músicas digam alguma coisa para o povo guei e que exista uma presença andrógina, fascinante e bela. Agradeço pela oportunidade de expressar meus pensamentos e aviso que voltarei a escrever sempre que achar necessário. Obrigado! Beijos! Cuidem-se bem!

Vera Lúcia Pereira — Porto Alegre.

R. — **Lampião errou ao publicar, sem assinatura, aquela opinião sobre Simone, Vera Lúcia. Quem escreveu que Simone era uma cantoreca foi Aguinaldo Silva. Ele reafirma isso agora. E Francisco Bittencourt aproveita para subscrever. Quanto a você, está certa: acha que ela é uma grande cantora e uma excelente figura humana? É um direito seu.**

Mulher e cavalo

Em entrevista à imprensa paulista, dia 23 de maio, Vossa Excelência declarou que "cavalo e mulher, só depois de montar — ou casar". As componente das entidades signatárias, mulheres de várias idades e condições, cumpridoras das leis (ainda que muitas vezes lhes pareçam de duvidosa origem ou justificação), trabalhadores, contribuintes do erário, fornecedoras e disciplinadoras de mão-de-obra para o desenvolvimento e de efetivos para a defesa (mesmo que às vezes não seja fácil saber o que se está desenvolvendo e o que se está defendendo neste país), confessam-se surpreendidas por tão insólitas expressões.

Podem elas, com boa vontade, admitir que não tenha havido intenção ofensiva: é bem possível que essa associação mental entre cavalo e mulher haja sido inspirada por vivências de estrebaria particularmente gratas. Não lhes cabe, porém, julgar motivações e sim manifestar sua estranheza: seja qual for o **animus**, a expressão é injuriosa.

Num momento em que se cogita de cassar o mandato parlamentar outorgado por sufrágio popular a um representante que teria, supostamente, cometido excessos verbais, seria de esperar-se que os excessos verbais fossem eliminados da vida pública brasileira, com a conseqüente — e tão necessária — elevação do nível geral da linguagem. Como também seria justo pretender que os que reivindicam respeito à dignidade de sua corporação, o demonstrassem pela população que sofre, labuta, paga impostos e forma a renda nacional, nela incluindo-se sua metade feminina.

Centro da Mulher Brasileira — Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro — Grupo Feminista Rio — Sociedade Brasil Mulher, RJ.

R. — **A carta acima foi enviada pelas entidades que a subscrevem ao Presidente da República, autor da frase lapidar que elas citam.**

Ai! Um gordinho...

Amados Lampiônicos: A bicha aqui está dividida: não sei se me revolto contra vocês ou se os amo cada vez mais. Revoltar-me porque esperava que meu nomezinho saísse no Troca-Troca e que a minha dica para o roteiro guei da cidade fosse anotado, pois não sou egoísta, e que vocês apontassem o Sagitário, na Ilha do Governador, como a mais nova e gostosa casa-boate entendida do RJ. Acho que, por estar com pressa na carta anterior, e não ter rebuscado em termos gramático-literários, não fui compreendido. Pô, afinal também estou aqui na luta, né?

Mas eu perdôo vocês (como se fosse possível deixar de amá-los) porque a cobertura do I Encontro de **Homens-Sexuais** (divino o termo colocado pela bicha) do Brasil deve ter tomado todo o seu tempinho precioso, como também o espaço para publicar meu tão esperado anunciozito. Chorei horrores na Bixórdia quando senti-me duplamente reprimida, **ops**, reprimido, pois sou homossexual e gordo, e até agora ninguém, mas ninguém mesmo deu importância a esta minoria sofrida que é a gorda. A não ser o Fantástico que para dar manchete demagógica pegou uma gorda e emagreceu nos melhores especialistas do país.

E nós, os pobrezitos, massacrados pela inflação, pelo sistema e até pelos próprios correligionários (ô terminho besta) que vêem o gordo como um aleijão social. Pqp, somos gordos, mas as adiposidades não estão a nível cerebral, né? Eu, por exemplo, estou desempregado, e sabem por quê? Por que sou, graças a Deus, homossexual e (ai, graças a não sei quem) obeso. Entonces, não sou aprovado nos exames médicos que devem me achar um debilóide por ser assim extrovertido (por compensação) e, ai meu Deus, ser optante consciente de minha maravilhosa sexualidade. É uma barra, né?

Mas gostoso mesmo é lutar, porque a vitória tem gosto de Amor. Puxa-vida, meus amores, dêem um pouco de alegria à bicha aqui, divulguem a Sagitário antes que os caretas a invadam (deixo bem claro que não mantenho nenhum vínculo comercial com a boate, sou um mero e apaixonado freqüentador). Vão lá, conheçam o Luís e o Sérgio, duas bichas sensacionais e de

CARTAS NA MESA

cuca livre que são relações-públicas (de repente até vira outro tipo de relações) e a gerente. Mas beijocas procês, e beijinhos na Rafaela que eu tanto curto. Atentem mais para o problema das gordinhos discrimnados, tá? Aguardando resposta, milhões de vitórias contínuas.

Gordon — Rio de Janeiro.

R. — **Ih, Gordon, não é verdade que os gordinhos sejam sempre mal-amadas; gente finíssima, como Aguinaldo Silva e Federico Felini, só transam com pessoas gordas. Portanto, console-se (Aguinaldo avisa que, além de gordo tem que ter bigodes e, no mínimo, 1,85m de altura; cartas para a redação). Quanto à tua boate preferida, vai o comercial grátis. Mas avise o relações públicas que vamos mandar o nosso contato de publicidade para falar com ela (ele tem os olhos verdes, queridinha...). Anunciar no LAMPIÃO é uma boa...**

Coroas podem?

Sou bicha entendida, assumida, mas extremamente reprimida, tenho sobre minha cabeça duas poderossíssimas instituições que são visceralmente anti-gays, e tenho ao meu redor milhares de olhos vigilantes e fofoqueiros prontos para punir-me. Por isso, peço que não publiquem nada que leve meu nome verdadeiro; se quiserem, podem usar o pseudônimo Cláudio, do qual gosto muito. Leio assiduamente o "Lampião", a "Rose", a "Sosexy", a "Ponte de Encontro", o "Jornal Gay Internacional" (ele é do grupo "Libertos"?) Eu pretendo fazer um levantamento dos anúncios de gueis aí publicados, para sondar se é verídica a sensação que eu tenho, de que entre os homossexuais vigora uma discriminação: a discriminação de idade. Serão os coroas discriminados entre discriminados? Pretendo fazer um levantamento estatístico para responder a essa pergunta.

Além da amostragem colhida nas publicações, pretendo referir-me a contos, cartas, charges, etc. Eu sou coroa, 49 anos e meio. Se minha impressão se confirmar, vou botar a boca no trombone (já que não me deixam botá-lo noutro lugar...) e mandar um artigo para quem quiser publicar. Os gueis coroas também amam demais; precisam de amor guei; gostariam de participar da luta; muitos (como eu) só com certa idade tentam se assumir publicamente e não podem fazê-lo para não ver arruinar-se tudo que construiram com lágrimas, renúncias, carências profundas e aflitivas, amando e transando forçados a se esconder (portanto, só com meio prazer), obrigados a abafar seus sentimentos e seus desejos tão veementes...

No entanto, justamente isso os torna muito mais compreensivos e — porque há muito estão amando e transando — mais experientes, por paradoxal que isso possa parecer. — Bem, chega! Já enchi o saco de vocês! Desculpem-me. Insisto mais uma vez: se quiserem publicar ou referir-se ao que eu disse podem fazê-lo, contanto que não ponham meu endereço, e que usem o pseudônimo Cláudio. Para vocês, meus abraços e meus beijos.

Cláudio — Campos, RJ.

R. — **O pessoal aqui da casa não curte muito essa de pseudônimo, Cláudio. Mas como a sua carta toca num problema muito sério, a gente resolveu publicá-la. Aqui no Brasil, qualquer pessoa de mais de 35 anos é considerada "coroa", passada, "fanée". Não apenas os homossexuais — entre os hetero, a coisa é ainda pior; as mulheres hetero, então, coitadas, entram por um cano monumental, por causa do preconceito contra as pessoas de mais de 35 anos. No nosso meio, onde a tendência é reproduzir os preconceitos do sistema, acontece a mesma coisa; as bichinhas mais novas acreditam piamente nos anúncios do cigarro Hollywood e da Coca-Cola — segundo os quais só se é feliz quando se é jovem —, e olham para os mais velhos com desdém. O que se há de fazer? Pra mudar isso vai ser preciso mudar muito mais, não é?**

Convergiríamos

Há cerca de um mês atrás, a Fração Gay da Convergência Socialista enviou um artigo a LAMPIÃO — "Para onde vai o movimento homossexual" — que não foi publicado. Uma vez que o artigo respondia a uma série de mentiras e boatos sobre o movimento homossexual da Convergência, nós achamos essencial que seja publicado, ainda.

No último número de LAMPIÃO saíram vários ataques à Convergência. Logo depois, o governo iniciou os ataques à Convergência, acusando-a de ser infiltrada em todo o movimento grevista do ABC, dizendo que a Convergência levava o movimento operário a se desviar de suas lutas. Da mesma forma, LAMPIÃO tem publicado artigos dizendo que a Convergência é infiltrada no movimento homossexual para desviá-lo de seus propósitos. Se o LAMPIÃO pretende ser um jornal democrático, que reflete todas as correntes de idéias no movimento homossexual, nós achamos que é necessário dar voz anossas respostas.

Na época em que LAMPIÃO foi atacado pelo governo, a Convergência e especialmente os homossexuais lutaram para defender o jornal, independente das discordâncias que possa ter com ele. Esperamos que os editores de LAMPIÃO tomem a mesma atitude.

Como grupo de homossexuais organizados, nós solicitamos que seja publicado o nosso endereço, como tem sido feito com os das demais organizações. Abraços e beijos.

Fração Gay da Convergência Socialista — SP.

R. — **Querido redator anônimo da Convergência: com quem você aprendeu a escrever, meu amor? Com os "copydesks" da Veja? Nunca vimos nada tão melífluo quanto esta sua carta. Nela você diz apenas o seguinte: 1 — Que o governo só descobriu a Convergência — e passou a persegui-la — porque LAMPIÃO falou nela; 2 — que LAMPIÃO usa os mesmo métodos do governo — inventa "mentiras" sobre a Convergência para prejudicá-la; 3 — que LAMPIÃO e os homossexuais são duas coisas distintas; mas que a Convergência e os homossexuais brigam pelas mesmas coisas. Isso não é política, meu amor; é mau-caráter. Ora, todo o mundo sabe que a mania de vocês de formarem a primeia fila de todos os movimentos beira o exibicionismo (só outra seita, a dos Hare Krishna, consegue ser mais evidente), e não é LAMPIÃO quem vai chamar a atenção do governo pra isso; quanto ao fato de a Convergência ter assinado manifestos de apoio ao LAMPIÃO quando este jornal era perseguido, não pensávamos que isso nos seria cobrado depois, mas sim, que esta solidariedade era apenas uma questão de espírito democrático. De uma vez por todas: o LAMPIÃO não nutre, pela Fração Gay da Convergência, uma simpatia maior ou menor que a que sente por outros grupos; e não está sonegando o seu espaço ao grupo; apenas o jornal não está interessado em se ver manobrado por este ou qualquer grupo; é assim que os milhares de leitores do LAMPIÃO o querem: aberto, escancarado. E essa, queridos — aprendam a primeira lição, elementar pra quem apregoa honestidade na política —, é que é a verdadeira democracia.**

De repressão

Anexo, remeto recorte da Folha de São Paulo, desta data. Estou certa que vocês já tomaram conhecimento desta notícia, mas é sempre bom a gente dar uma lembradinha. E como no I Encontro de Homossexuais vocês pediram nossa colaboração, aí está. Isto é, nossa não, a colaboração de homossexuais, mas, como representantes da minoria feminista, e, como vocês são o único órgão disposto à denúncia sem medo... Espero que vocês contribuam no combate a estas hediondas arbitrariedades, que colocam em risco a segurança dos cidadãos brasileiros. Estas pseudo-autoridades que sem mais nem menos assassinam ou reprimem a individualidade do ser humano.

Infelizmente, a imprensa brasileira não tem consciência, ou melhor, não tem vergonha na cara e publica matérias como esta na maior impessoalidade, como se o fato nada tivesse a ver com a gente. Eles não podem nem se escudar no fato de que eram simplesmente putos e bichas presas. Não foram não! Heteros também foram presos e espancados por este crápula travestido de "herói-nacional". Está mais do que na hora de lutar contra pessoas como esta coisa chamada Wilson Richetti. Não é só ele, não, mas ele faz parte da máquina opressora e parece ser a força mais imediata que age contra a gente.

Não vai demorar muito e não poderemos sair de casa sem carregar a pancada de documentos que obrigam a gente a tirar. E mesmo assim na insegurança, pois eles matam primeiro e perguntam depois. Vai também o meu protesto por este negócio de se indicar por vadiagem. Num país como o Brasil, que atinge altos índices de desemprego, agora a gente vai levar também a culpa por não conseguir trabalhar? Que negócio é esse? Que prendam os patrões, então, por não nos dar emprego. Bom, é melhor eu parar por aqui, senão a coisa degenera. Estou muito putificada pela leitura da notícia, e acabarei falando bobagem. Pra vocês, meu carinho. Conto com vocês, tá? Beijos.

Denise V. — São Paulo.

São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti

"De noite, eu rondo a cidade a te procurar, sem encontrar..."
(Paulo Vanzollini)

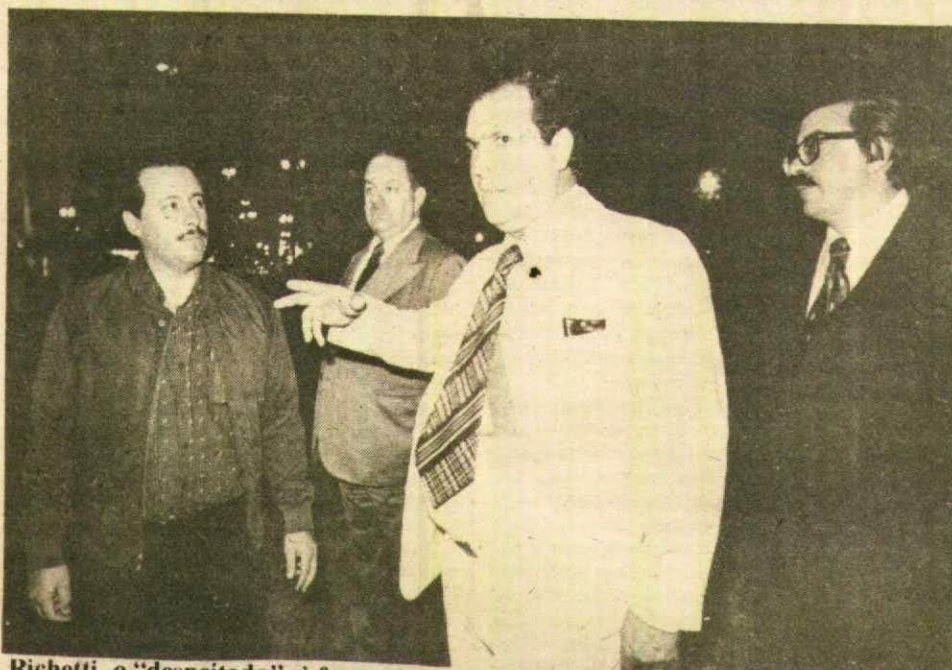
Inicialmente havia apenas reclamações isoladas de anônimos travestis e prostitutas vitimadas pela violência policial que, desde o fim de maio, tomou conta de São Paulo, sob pretexto de limpar a cidade de vagabundos, anormais (também conhecidos por homossexuais), decaídas ou mundanas, marginais e desocupados em geral. Como é que se limpa uma cidade de 10 milhões de habitantes, refúgio dos miseráveis de todo o Brasil, com taxa de desemprego atingindo 8% da população ativa? Fácil: dando serviço para a polícia que, nestes tempos de semi-anistia, é menos solicitada mas precisa mostrar serviço. E dá-lhe, desvairada Paulicéia!

UMA GUERRA SANTA, EM NOME DA FAMÍLIA E DA MORAL.

Em abril, um jornal de grande penetração nas áreas conservadoras inicia uma campanha contra os travestis, sugerindo que a polícia tome atitudes mais enérgicas, em função do caso de um antiquário supostamente assassinado por um travesti. Logo depois, o delegado da Zona Sul (onde ocorreu o crime) Paulo Boncristiano e o Coronel da Polícia Militar Sidney Palácios tornam público um plano para combater travestis e homossexuais. Tal plano pretende juntar as forças da polícia militar e civil (verdadeira façanha, considerando-se as rivalidades entre ambas) para, entre outras coisas, tirar os travetis dos bairros residenciais, reforçar a Delegacia de Vadiagem e destinar um prédio (o desativado presídio do Hipódromo) para abrigar especialmente homossexuais. No fim de maio, é transferido para a Terceira Seccional (Centro) um delegado que se vangloria de ter, na década passada, expulsado as prostitutas de São Paulo e criado a zona de meretrício em Santos. Nome do personagem: José Wilson Richetti. Ele chega para levar o plano até às últimas conseqüências, através da Operações Limpeza e Rondão. Com uma bem montada equipe interpolicial, sai pela cidade disposto a limpar não apenas as zonas residenciais mas sobretudo o centro da cidade, atacando as Bocas do Lixo, a Rego Freitas, Av. Ipiranga, Largo do Arouche e Vieira de Carvalho, áreas freqüentadas por prostitutas, travestis, michês, lésbicas e bichas em geral. Portando-se como um herói, ele convida um fotógrafo para documentar a operação, e alega apoio total de seus superiores, o secretário de segurança desembargador Otávio Gonzaga Jr. e o chefe do Departamento de Polícia da Grande São Paulo, delegado Rubens Liberatori (acusado de deflagrar a famosa Operação Camanducaia que, em outubro de 1974, retirou menores infratores de São Paulo para soltá-los nus no interior de Minas). Aliás, um policial deixou claro a um repórter que as operações de limpeza estariam se realizando também a mando do general Milton Tavares, comandante do Segundo Exército.

Nas semanas iniciais, as investidas da polícia ocorreram de forma maciça, simultaneamente em diferentes regiões do centro, em horários díspares que variavam das quatro da tarde às quatro da madrugada, inclusive arrancando gente de dentro de táxis. Depois, pretextando insuficiência de efetivos policiais (!), a Operação Limpeza entrou num ritmo menos maciço, agora mais rotineiro. De tal modo que os carros de chapa fria ou camburões rondam sistematicamente o centro ou estacionam em pontos-chave como o Largo do Arouche, levando quem não tiver carteira profissional assinada. "Precisamos tirar das ruas os pederastas, maconheiros e prostitutas", é o que declara Richetti, dizendo-se revoltado porque certa noite topou com dois homens beijando-se em público. "Eles não respeitaram nem minha mulher", reclama o delegado.

FINALMENTE, A QUERIDA PAZ DOS CEMITÉRIOS.

O primeiro escândalo ocorre quando a revista ISTO É publica a foto de um travesti sendo pisoteado durante uma redada policial. Richetti justifica dizendo tratar-se de um homossexual que tentara matar uma pessoa. Logo depois os jornais noticiam que a prostituta Idália atirou-se do segundo andar da Seccional Centro, para matar-se ou escapar das violências sofridas. Outras mulheres vítimas da repressão referem-se aos banhos de água fria e às porradas que arrancam dentes, quebram pés e provocam abortos: denunciam extorsões mascaradas em fianças altíssimas para serem libertadas, e roubos sistemáticos de objetos de valor ou dinheiro, no ato da prisão. Richetti, muito eloqüente, diz que é incapaz de bater numa mulher nem tolera que seus investigadores o façam. Mas segundo depoimento de uma vítima ao deputado Eduardo Suplicy, é o próprio Richetti quem esmurra as costas ou a cabeça das mulheres que deixam a prisão, exigindo que mantenham o bico calado sob pena de represália. E um travesti relata como Richetti abriu uma gaveta e fechou-a violentamente, prendendo seus seios. Naturalmente, esses, infelizes são acusados de inventar tudo, porque não estão do lado da lei, que cria a verdade. Mas nestes dias não é preciso muito esforço para ver surras em público. Na esquina da Rego Freitas com major Sertório, investigadores tentam, tirar a dentadura de um travesti, para recolher a gilete aí escondida. Como ele jura aos berros que seus dentes são naturais, é espancado e tido por mentiroso.

Não adianta apresentar documentos ou provas de bom comportamento, pois o critério é dos policiais. Muitas prostitutas estão sendo presas inclusive quando trazem habeas-corpus preventivo, que é rasgado no momento da prisão, pelos homens da lei. (Risos sarcásticos para a cega justiça). Nem adianta mostrar olerites milionários se você é uma bicha desmunhecada. Aliás, nos bares do Largo do Arouche, os investigadores já chegam gritando: "Quem for viado pode ir entrando no camburão." Leis, Constituição, Direitos? Até provar em contrário, todos os cidadãos são suspeitos. É por isso que o centro de São Paulo agora anda em paz; pelas ruas passeiam apena bandos de policiais.

Apesar dos números (de 1.500 pessoas presas em uma semana, apenas 0,8% foram indiciadas), Richetti diz que as rondas estão dando ótimos resultados, alegando que no centro o número de assaltos diminuir de 30 para 5 por dia. E afirma que só irá "acabar com isso quando os comerciantes e as famílias vierem me pedir". Imediatamente, uma providencial e desconhecida Associação dos Lojistas e Moradores do Centro vem a público agradecer a ação do delegado. Um panfleto distribuído pela cidade censura os "maus representantes do povo" (deputados) que defendem "prostitutas, homossexuais, lésbicas, trombadinhas e outros desocupados"; a atriz Ruth Escobar é acusada até de fazer apologia do aborto... Por estar empenhada na luta contra a repressão policial, a atriz recebe dezenas de telefonemas não tão anônimos, chamando-a de mãe das putas e sugerindo que transforme seu teatro em puteiro. Enquanto isso, o delegado Liberatori justifica as rondas, informando que "nossa obrigação é devolver a tranquilidade à população". Cinismo?

O escândalo se alastra quando um sociólogo do prestigioso CEBRAP é preso, ficando três dias desaparecido. Crime: não trazia carteira de trabalho assinada. Então, até o Comitê Brasileiro de Anistia se manifesta. Ao mesmo tempo, o jurista Hélio Bicudo entra com representação judicial contra Richetti e o secretário de segurança. Deputados convocam a ambos para depor diante da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Estadual e apresentam denúncias públicas, depois de ouvir depoimentos das prostitutas. Aliás, já desde o início das operações os grupos homossexuais, negros e feministas vinham se mobilizando em conjunto; organizam uma entrevista coletiva para denúncia das violências; entram com representação judicial contra Richetti; fazem intensa panfletagem na cidade; e organizam um Ato Público de protesto.

Richetti, o "despeitado", à frente dos seus homens

As mulheres na passeata contra a repressão policial

O AROUCHE É NOSSO

Naquela sexta-feira 13 de junho, dia de Santo Antônio, quase mil pessoas se reuniram diante do Teatro Municipal, no começo da noite. É verdade que há uma chuva intermitente; mas pela panfletagem e contatos realizados, esperava-se pelos menos o dobro de pessoas. Talvez os chamados setores democráticos não tenham achado a causa suficientemente nobre. No entanto, seus escassos representantes ali presentes pareciam dispostos a tirar o máximo rendimento possível. Compareceram sim as bichas rasgadas que pouco têm a perder, além da vida. Mesmo debaixo de um certo clima de tensão, foram se abrigando algumas faixas que pediam a exoneração de Richetti, protestavam contra a prisão cautelar ali experimentada e exigiam o fim da violência policial, da discriminação racial e a libertação de putas e travestis. Foram lidas várias cartas assinadas pelos diversos grupos organizadores do Ato. Certamente acostumados aos estereótipos tipo Trapalhões, os transeuntes olhavam perplexos para aqueles beijos, abraços e desmunhecações legítimas. E devem ter ficado ainda mais confusos quando estourou o primeiro slogan, gritado numa só voz: ADA, ADA, ADA RICHETTI É DESPEITADA. Ou então: A B X, LIBERTEM OS TRAVESTIS. Formada a passeata, logo depois, as frases foram pipocando, quase sempre impacáveis: RICHETTI ENRUSTIDA DEIXA EM PAZ A NOSSA VIDA. UM DOIS TRÊS RICHETTI NO XADREZ. ABAIXO O SUBEMPREGO MAIS TRABALHO PARA OS NEGROS. E muitas manifestantes se espantaram quando algumas feministas puxaram um refrão longamente por todos repetido: por todos SOMOS TODAS PUTAS:

Subindo pela Avenida São João e parando o trânsito, a passeata abria-se com um cordão de mulheres enlaçadas. Podia-se ouvir em unissono: O GUEI UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO ou AMOR FEIJÃO ABAIXO O CAMBURÃO (que, para contentar os mais tradicionais, variava para ARROZ FEIJÃO ABAIXO A REPRESSÃO). Já na Praça Júlio Mesquita, a passeata se detém diante do Edifício Século XX, que abriga grande número de prostitutas e foi recentemente invadido pela polícia; temerosas de revanche, as mulheres não compareceram ao Ato mas saem às janelas e são aplaudidas. Aproximando-se do Largo do Arouche, ecoam os gritos unissonos de LUTAR VENCER, MAIS AMOR E MAIS PRAZER. Ou também: AMOR TESÃO, ABAIXO A REPRESSÃO. A essa altura, algumas bichinas mais afoitas pulam numa desmunhecação feroz e ensaiam seus próprios slogans do tipo RICHETTI É LOUCA, ELA DORME DE TOUCA. Entrando no Largo proibido desde há duas semanas, os manifestantes gritam O AROUCHE É NOSSO. Como a passeata estaciona ali por algum tempo, vários estabelecimentos amplamente sustentados pelas bichas começam a baixar as portas, inclusive o famigerado Caneca de Prata cuja clientela de viados classe-média, entre incrédula e divertida, espia as primas pobres, através da porta de vidro. É só na Boca do Luxo que a passeata vai se dissolver, em meio a um ligeiro alvoroço de alarme falso.

E A GUERRA NÃO ACABOU...

Nada indica que a repressão vai arrefecer depois disso. Apesar de prometer punição para as arbitrariedades dos policiais, o secretário de segurança adverte que "não será esse o pretexto de que poderão valer-se aqueles que infringem as leis, ou atentam contra a moral e os bons costumes, para voltar a constranger a sociedade com seus desvios de comportamento". Aliás, de agora em diante parece que o próprio DOPS irá acompanhar o movimento homossexual com mais atenção, conforme se deduz de boletim expedido por esse órgão. Basta lembrar que a faixa mais visível da manifestação era uma enorme bandeira rosa com o nome da Convergência Socialista, cujas fotos foram amplamente difundidas pela imprensa. Sem querer, acabaram todos passando por membros dessa organização — numa tática já conhecida.

De todo modo, a abertura finalmente encontrou seus bodes-expiatórios. Cada beijo proibido irá custar uma briga. Não porque a repressão aumentou: trata-se da mesma repressão que se tornou mais explícita. Mas também é certo que, ao invés de conter a violência, a máquina que sustenta o Dr. Richetti estará apenas retardando o efeito da bomba. Trata-se de um problema de sobrevivência e não de moralidade. Basta ouvir a prostituta Kátia: "Quando posso, dou cobertura para os trombadinhas. Passa um por mim correndo e eu digo: Vai meu filho, que Deus te ajude".

"... e nesse dia então vai dar na primeira edição: cena de sangue num bar da Avenida São João".

(João Silvério Trevisan)

DERALDO PADILHA:

Perfil de um Delegado Exibicionista

Os recentes cercos policiais registrados no centro de São Paulo comandados pelo Delegado José Wilson Richetti, titular do 3º Distrito Policial, que visam limpar as áreas residenciais da cidade retirando prostitutas, homossexuais e desocupados, têm provocado uma série de protestos de vários setores da população paulistana e de todo país. Cerca de 4.000 pessoas já foram detidas, nos quinze primeiros dias da operação da pomposa **"Operação Rondão"**.

O Secretário de Segurança de São Paulo, Desembargador Otávio Gonzaga Júnior, sente-se orgulhoso com os elogios que tem recebido pelos resultados do trabalho de Richetti. A cidade está ficando limpa, afirma, e diz não ter pretensões de intervir no bom trabalho do delegado da 3ª DP. Alega que é impossível trabalhar de maneira suave, pois tratam-se de prostitutas, travestis, pivetes, desocupados, assaltantes e marginais. Informa ainda que a medida vai prosseguir nos próximos dias e que apenas abrandará um pouco a violência.

RICHETTI, UMA NOVA VERSÃO DO DELEGADO PADILHA

As atitudes exibicionistas de Richetti e seus propósitos moralistas, não se configuram em algo de novo e sem precedentes nos anais da repressão policial. Não faz muito tempo, a polícia do Rio de Janeiro orgulhava-se, também, de ter em seu quadro um elemento com as mesmas características e muito estimado pelo Secretário de Segurança e pela cúpula governamental. Trata-se do não menos conhecido e lendário Delegado Deraldo Padilha de Oliveira, vulgo Padilha.

A notoriedade dos trabalhos de Padilha, que causou grande pavor à população carioca, deu-se a partir das grandes investidas policiais, onde não hesitava em usar de medidas arbitrárias e violentas. Moreira da Silva fez até um samba de breque CONTANDO OS FEITOS DO DELEGADO: **Olha o Padilha!/ Antes que me desviasse,/ Um tira forte e aborrecido/ Me abotoou e disse:/ "Tú és o Nonô, hein?"/ Mas eu me chamo Francisco/ trabalho como mouro e sou estivador,/ Posso provar ao senhor.../ Nisso um moço de óculos rayban,/ Me deu um pescoção./ Bati com a cara no chão/ E foi dizendo:/ "Eu só queria saber/ Quem disse que tú és trabalhador/ Tu és salafra e achancador/ Essa macaca ao teu lado,/ É uma mina mais forte/ do que o Banco do Brasil"/ E jogou uma melancia/ pela minha calça adentro/ que engasgou no funil/ eu bambeei ele sorriu...**

BOCA DE FUNIL

As atividades de Deraldo Padilha têm início na década de 50, quando é aprovado num concurso público da Secretaria de Segurança da Guanabara. Um de seus primeiros trabalhos de grande repercussão foi acabar com a malandragem carioca. Iniciou a operação limpeza prendendo quem andasse de calças com bocas apertadas, mais conhecidas como **boca de funil**. Para ele bastava andar com uma calça desse tipo, que era logo preso para averiguações. Na delegacia, Padilha fazia o teste da laranja: Jogava uma laranja pela perna da calça do detido. Caso o fruto engasgasse na boca, não tinha nem conversa e nem explicação, ia direto pro **xilindró.**

PUTAS E BICHAS DIRETO PRO XADREZ

Outra de suas atuações muito propagandeada, ainda na década de 50, ocorreu no período em que chefiava a **Divisão de Meretrício da Delegacia de Costumes e Diversões**, onde promoveu várias blitz nos bares, hotéis e boates da antiga Lapa. Os policiais invadiam os locais e começava o quebra-pau. As putas e as bichas saíam correndo e quem, por infelicidade, não conseguisse escapar era espancado e levado para a delegacia onde ficava incomunicável e sujeito aos maus tratos do delegado. Toda noite, cerca de 20 a 40 pessoas eram jogadas nos camburões e encaminhados ao xadrez.

Pouco a pouco os serviços de Padilha foram se estendendo para a Zona Sul, especialmente Copacabana, que naquela época já concentrava homossexuais e prostitutas. Segundo bichas da época, não era raro ter-se a casa invadida, por policiais, durante uma festa mais descontraída. A qualquer chamado de um vizinho, com síndrome de puritanismo, denunciando os acontecimentos dionisíacos, lá aparecia Padilha acompanhado de viaturas e vários **"canas"**, dispostos a acabar com a **"zona"**. O pessoal presente era preso debaixo de pauladas e pontapés, não importanto se estavam devidamente documentados ou não.

Padilha sempe nutriu um profundo ódio pelos homossexuais, e ao final de cada ronda, não deixava de pregar seus sermões e conselhos, dizendo para as bichas presas que tomassem vergonha na cara, pois aquilo não era vida digna de um homem, etc... Correm boatos de que, na realidade, o que ele sentia era uma profunda mágoa, pois tinha um filho que era homossexual. Mas isso nunca foi confirmado.

Outro aspecto curioso da vida de Padilha era o de que, apesar de toda repressão exercida contra as bichas, muitas delas morriam de paixão pelo delegado, pois ele era um homem muito bonito e, apesar de toda violência, sempre deixava transparecer uma certa sensualidade. Madame Satã, grande personagem da antiga Lapa, em suas memórias chega a elogiá-lo, deixando clara a sua simpatia por ele.

Depois de algum tempo afastado, Padilha é nomeado titular do 2º Distrito Policial, em Ipanema. Mais uma vez ele concentra esforços na limpeza da cidade. Não fosse sua carreira como delegado, poderia-se dizer que ele foi um ótimo gari.

No dia 18 de novembro de 60, oito dias apenas de sua nova função, Padilha havia efetuado mais de 400 prisões. Desta vez, além dos costumeiros inimigos, ele se propunha a acabar de vez com os camelôs da Zona Sul. Onze dias após sua nomeação, vários habeas-corpus haviam sido impetrados contra ele. As ruas de Ipanema começavam a ficar vazias durante a noite, vários comerciantes reclamavam, pois sua freguesia estava sumindo. Os jornais estampavam em primeira página: **"Com o Delegado Padilha há mais tranqüilidade em Ipanema"**

Novamente em 62 há um afastamento de Padilha de suas funções. Os motivos nunca foram divulgados.

ESPÍRITO EXIBICIONISTA

Depois de seis anos de inatividade, retorna em 19 de abril de 68, requisitado pelo Secretário de Segurança da Guanabara, General Luiz de França Oliveira, para participar da repressão às manifestações estudantis contra o governo militar.

Neste mesmo período, volta a fazer rondas na Lapa e Cinelândia. Seu espírito exibicionistas e carreirista é acentuado. Nas diárias batidas feitas nos bares da Cinelândia, dentre eles o Amarelinho, não esquecia de avisar aos jornais de antemão, e chegava derrubando mesas e cadeiras, dando pauladas e fazendo discursos moralistas aos berros.

Seu esforço propagandístico não foi em vão, e um mês depois de sua volta, era indicado para acumular os cargos de titular da 12ª e 13ª delegacias de Copacabana. Dá início, em maio de 68, a **"Operação Copacabana."**

Revivendo a época áurea frente à delegacia de Ipanema, Padilha volta com força total, atacando todo mundo que se aventurasse a cruzar as ruas de Copacabana. Para tornar seu trabalho mais divertido, resolve dar uma de barbeiro e raspa a cabeça de todos os detidos, instaurando assim a **"operação rapacoco"**. Padilha intensifica sua perseguição aos homossexuais, principalmente na Galeria Alaska. Faz sucessivas rondas por Copacabana e prende centenas de pessoas.

Seu objetivo é concretizado. Em apenas uma semana, Copacabana tornou-se um deserto. Só que dessa vez o caso não termina por aí. A Associação Comercial e Industrial da Zona Sul — **ACISUL** —, a mesma que em 60 apoiou a repressão aos camelôes, começa a se opor aos métodos empregados no policiamento do bairro.

Mas bastando sua intervenção nas ruas, ele passa a atacar as boates e hotéis de programa, levando todos para o xadrez. Mesmo os estabelecimentos que gozavam de permissão judicial para funcionarem, eram invadidos e seus clientes agredidos e presos. Inicia-se um conflito entre a Secretaria da Justiça e a de Segurança. Padilha não respeitava mais a lei.

PADILHA É PROCESSADO

As coisas começam a pesar para o Delegado Padilha, que resolve criar um boato de que estaria com vontade de desistir do comando das delegacias de Copacabana. Tudo em conseqüência do fechamento de **"inferninhos"** permitidos por lei e os resultados do caso do menor vendedor de amendoim que teve uma perna quebrada ao ser agredido por ele.

A **ACISUL** resolve abrir processo contra Padilha, pedindo seu enquadramento nos seguintes artigos do Código Penal: 129 **(lesões corporais)**; 146 **(Constrangimento ilegal)**; 322 **(Violência arbitrária)**; 350, item V **(Abuso do poder)** e 197 **(impedimento ilegal ao trabalho)**. Além disso encaminha memorial ao Governador Negrão de Lima, pedindo o afastamento definitivo do delegado.

Em menos de um mês Padilha é exonerado e se defende dizendo que nas delegacias de Copacabana trabalhava cerca de 20 horas por dia, e que, com relação as acusações que lhes eram feitas, se algum dia se excedeu em suas funções, o fez por interesse da coletividade, e não em benefício próprio. "Copacabana afinal é uma cidade, e acumular duas delegacias, no meu ritmo de trabalho, desgasta qualquer policial."

A CASSAÇÃO

No dia 19 de janeiro de 1973, o então Presidente da República, General Médici, assina decreto com base no Ato Institucional nº 5, aposentando das funções de delegado de polícia, da Secretaria de Segurança Pública da Guanabara, Deraldo Padilha de Oliveira. Como de praxe nos decretos assinados com base no AI 5, não foram notificadas as razões que levaram à cassação do delegado.

Segundo informações extra-oficiais, o afastamento de Padilha deu-se devido a prisão e agressão do filho de um militar, de alta patente, que era homossexual e que havia sido pego numa de suas corriqueiras blitz no centro da Cidade.

POR QUE PADILHA?

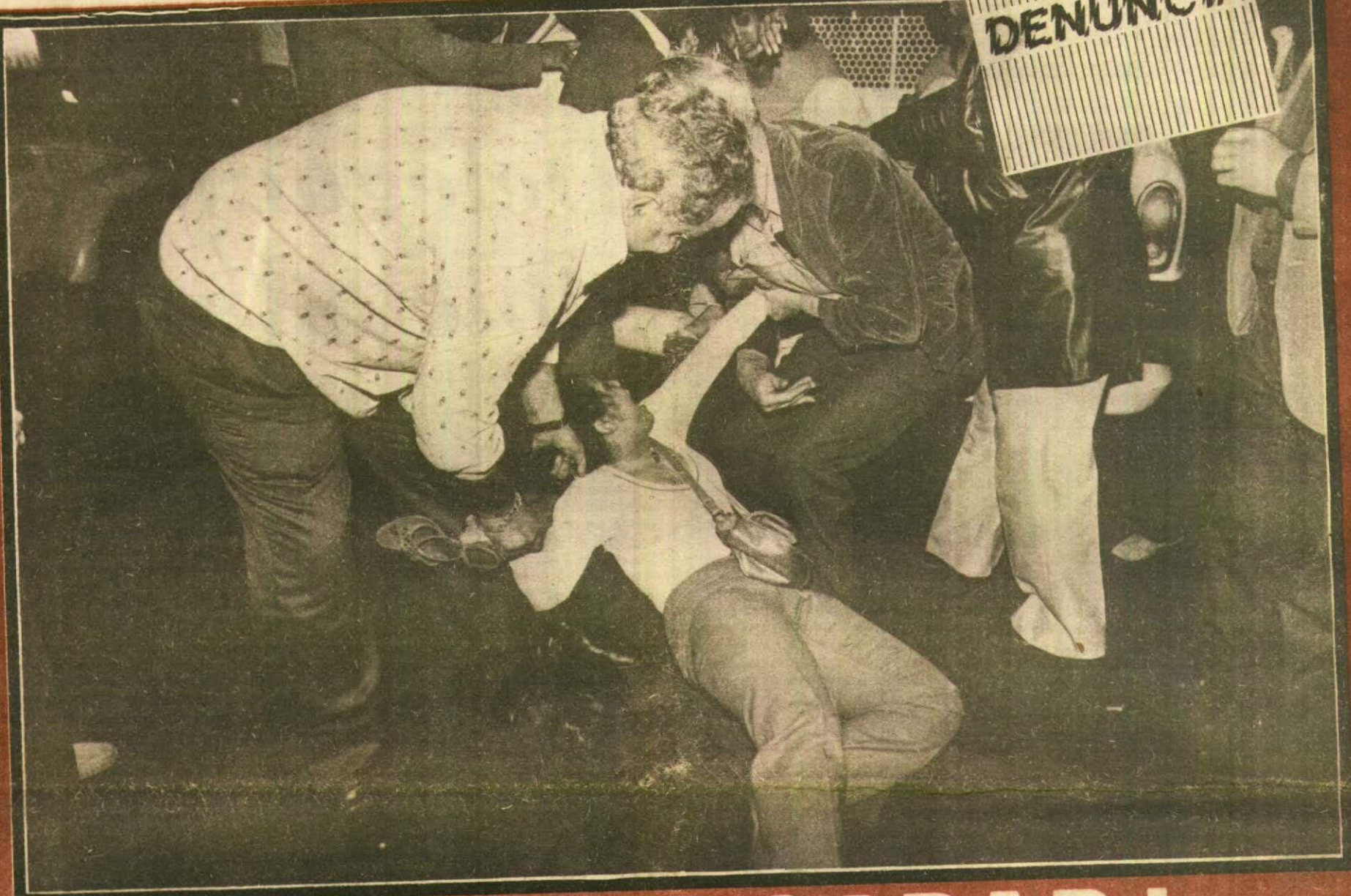
Ibrahim Sued, em sua coluna do dia 10 de junho deste ano, publica a seguinte nota: **"A comissão de Anistia do Rio de Janeiro deve olhar com muito carinho a anistia do Delegado Deraldo Padilha, que foi afastado injustamente pelo AI-5. Se Padilha voltar, é um bom nome para a repressão aos assaltos a mão armada ..."**

A Comissão de Anistia já está revendo o processo de Padilha, e segundo algumas informações seguras já foi cogitada a sua volta para a Secretaria de Segurança Pública.

Segundo um parente que não quis se identificar, Padilha "pediu pessoalmente a revisão de seu processo, pois alimenta a vontade de retornar ao serviço público, já que as acusações (?) que lhe fizeram são improcedentes. Depois de tanta luta, foram trinta anos para chegar a ter prestígio na SSP, ele tem direito de reivindicar sua volta.

Todos os períodos de intensa atuação de Padilha foram marcados por profundas crises sociais e políticas do país. Justamente nesses períodos Padilha atira-se nas mais absurdas operações policiais, que tomavam páginas dos jornais, levando a crer que tudo não passava de jogo político para desviar as atenções da população. Por outro lado, sua personalidade exibicionista e egocentrista mostra-nos claramente os objetivos carreiristas de Padilha, que não mediria esforços e nem atitudes para consegui-los. **(Antônio Carlos Moreira)**

LAMPIÃO
da esquina

DENÚNCIA

PEGA PRA CAPAR!

Nas impressionantes fotos de Juca Martins/Agência F4, cenas da caça aos travestis, um esporte a que a polícia paulista vem se entregando com todo o empenho de que dispõe. Noticiário completo sobre os desmandos do delegado Richetti e os protestos contra a sua atuação arbitrária, nesta edição.